

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

INTRODUÇÃO

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS vêm este anno agradecer-vos a protecção benevola com que vos dignastes acolhel-os, honral-os, esperando na continuação de tão bellos sentimentos offerecer-vos garantia valiosa da sua propria continuação.

Apezar de bem definida, parece ter sido mal entendida a indole d'este jornal, d'onde provieram avaliações injustas, e censuras menos cabidas, se bem que acima de tudo sobr'esteve sempre a generosidade que o tomou do berço, nunca desmentida no amparo que lhe tem dado.

É um facto que ennobrece a nossa época, e que ahi fica registado para consólo nosso, e edificação alheia.

Que se sustente um jornal de merecimento litterario decidido, de utilidade immediata e incontestada, acontecimento é, posto que raro nesta terra, muito explicavel pela natureza das coisas: que porém, ao mesmo tempo que de mesquinho o avaliam, o abraçam e agasalhem com tanto amor, não tem explicação razoavel senão na muita bondade das pessoas.

O redactor mais d'uma vez tem testemunhado, que sabe tomar em toda a consideração esse sentimento.

Mas dissemos que mal entendida tem parecido a indole d'este jornal, e é uma verdade. Os PRELUDIOS-LITTERARIOS não podem nem devem ser um jornal modelo. Não podem, porque desde logo deixavam de ser — *preludios*: não devem, porque na hora em que revestissem character senhoril afastavam o talento noviço, cuja modestia lhe impediria logar nas suas columnas.

E lá se ia por consequencia a principal utilidade que d'elles se póde esperar.

Isto não é dizer que não sejam susceptiveis de melhora, e de muita melhora: mas só que toda a altura a que poderem subir, ainda tem de ficar muito abaixo para comparações.

Este jornal é unico na essencia, no fim e nos meios: só debaixo d'este ponto de vista deve ser julgado, ou será mal julgado.

Todos sabem que sustentar este jornal, é sustentar um homem e que se tracta aqui menos de satisfazer a intelligencia do que a consciencia. Assignar os *Preludios* não é comprar por alguns tostões poucos minutos de má litteratura: é estender mão caridosa a um irmão desvalido, é proteger o trabalho contra a desgraça, é ennobrecer o coração com mais uma acção meritoria.

É nesta ideia que pedimos e esperámos para o segundo volume, que temos a honra de appresentar hoje, a protecção amiga que engrandece as boas almas. Dirigimo-nos igualmente a assignantes e collaboradores, que tambem por egual concorrem em lhe dar vida.

Contamos fazer-lhe muita melhora a todos os respeitos, e já não é pequena a mudança de typo, que dá grande augmento de leitura sem augmento de despesa; assim como de poder concluir nelle alguns artigos, que anteriormente ficaram interrompidos por que afazeres de seus auctores, que ainda tambem os não poderam concluir.

Pessoalmente, empenhar-nos-hemos de coração no cumprimento d'essas promessas, certos de encontrar a nosso lado, para ajudar-nos, os brios da mocidade estudiosa, e a boa vontade de todos os que sentem e esperam.

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

CAPITULO I

De como se vem a saber muitas cousas importantes que d'antes se não sabiam.

Na manhã do dia seguinte á noite do Natal do anno recém-passado, 1859, o sr. Pedro Pereira da Penha Peixoto acordava em muito boa disposição d'um somno restaurador, que o colhera mortinho de fadiga, depois de dez horas de muito folgar n'um sarauete papafina.

Seriam pouco mais ou menos onze horas. O dia estava da breca: fusco e frio.

O sr. Penha Peixoto aventurou um braço fóra da roupa a tentar os ares, mas recolheu-o logo, promettendo á sua preguiça emenda de tamanho desacato. Depois d'isso virou-se para a parede, e dispunha-se para continuar a fazer as honras da casa ao deus das papoilas, quando foi desengraçadamente contrariado pela chegada d'um seu amigo.

Encomendou-o mentalmente a quantos diabos havia, e estendeu-lhe a mão sorrindo.

— Isso é que é madrugar. Já por aqui?! — disse elle com voz roufenha: sentá-te, meu caro, e diz-nos á que feliz circumstancia devy o prazer da tua visita tão matutina.

Elle, a falar a verdade, antes quizera dizer tão extemporanea, tão incommoda, tão embirrenta, ou assim cousa semelhante, mas contentou-se com aquelle epitheto innocente, e recolheu em si o fel do seu pensamento.

A isto chama-se *ter delicadeza*.

O recém-chegado era um individuo dubio, homem na forma, mulher na casquilheria, movendo-se artisticamente em cima d'uns sapatos de polimento, e affagando com catitice um bigode fino e lustroso.

Pelo simples factó de ter entrado assim para o quarto da cama, já se vê, que era de grande intimidade com o dono da casa.

Digamos o que é.

Era um d'estes homens intrusos, que se nos mettem pela porta dentro com pézinhos de lã e palayrinhas d'assucar, a quem em boa cortezia não podemos despedir, porque ninguem é mais rigoroso em etiquetas, e que, para mal nosso, não tem o discernimento bastante para perceberem que nos incommodam altamente.

Aproveitando o convite, o sr. Cesario Alberto de Sousa Paiva achegou uma cadeira, sentou-se, e começou por descalçar as luvas.

Feito isso, passou o pollegar e o index por cada uma das guias do bigode, e começou dizendo:

— Ora, meu caro Pedro, dou-te duzentas coizas, para d'ellas adivinhares a que hoje aqui me traz.

— E eu agradecia-te mais se poupasses cento e noventa e nove, e me desses só a ultima. Bem

sabes que não tenho a dupla-vista, nem cabeça para advinhações.

— Estou desafiado para um duello.

Pedro Pereira não disse nada; e sorriu, com esse sorriso indefinivel, meio termo entre o mo-tejo e a compaixão, com que ouvimos os desconchavos d'um doido.

O senhor dos bigodes não entendeu esse sorriso, ou não se quiz dar por vencido. Instou, sorrindo tambem:

— Duello muito sério, e por causa d'uma mulher. Só faltou ao meu dignissimo rival declarar as armas e o logar. Venho convidar-te para meu segundo.

— Por isso não haja dúvida, estou sempre a teu dispôr; respondeu Pedro. Mas isso é brincadeira, ou deslembra tu que estás em Coimbra?

— Nem uma coisa nem outra.

— Então dêste em doido; meu caro; permite que t'o diga.

— É o que vás vêr, se quizeres dar-te o incommodo de lêr uma carta, que recebi hoje pelo correio da manhã.

— Isso agora é outro caso. Mas então dá licença que me vista primeiro.

E sentou-se na cama fazendo um gesto significativo a Cesario, que passou para a casa de fóra.

Chamou em seguida um criado, e mandou vir agua quente para se lavar.

Um quarto de hora depois estava prompto.

Era um homem de seus trinta, agigantado, de barbaças grandes, e gesto decidido.

— Agora sou todo teu, meu caro; disse elle entrando na sala: sentemo-nos se te parece.

E apontou o canapé.

Sousa Paiva aproveitou metade da ideia: assentou-se mas n'uma cadeira.

— Queres então vêr a carta? — perguntou, tirando-a do bolso.

Pedro Pereira tomou a carta, e leu-a para si. A principio sorria, depois tremia, por fim exclamou:

— Este homem é tolo. Que resposta tencionas tu dar a isto?

Absolutamente nenhuma. Seria ligar-lhe importancia que não tem, nem a pessoa nem a coisa.

— Mas o objecto? Bem vês que ha aqui uma mulher compromettida.

— E que tenho eu com isso?

— É conforme: tudo ou nada. Em que relações estás tu com esta mulher?

— Nas mais intimas.

— E tenções?

— Nenhumas.

O sr. Peixoto ficou-se a magiar alguns minutos com os olhos fitos na janella, fazendo girar em dois dedos as borlas do seu chambre.

Pegou segunda vez na carta, e leu, agora de alto.

« Ill.^{mo} Sr.

« Consta-me que v. s.^a pretende dar a mão de

« esposo á ex.^{ma} sr.^a D. Luiza Bibiana de Castro, ou que o querem levar a dar esse passo.

« Parece-me que tem sido assás notorio a inclinação que tem existido entre mim e aquella senhora, e que porisso o não deveria ignorar.

« Talvez queiram fazer persuadir a v. s.^a de que tudo isso acabou; mas eu julgo dever preveni-lo de que, longe de assim ser, as coisas estão como estavam, o que posso provar com documentos. E nem outra cousa seria provavel, visto que jurámos um amor eterno, que já não pôde acabar senão com a propria vida, e seja qual for o nosso destino.

« É forçoso dizer que v. s.^a vae completamente illudido. Que pretende v. s.^a buscar, casando com uma pessoa que ama outro individuo, e que só daria tal passo por obediencia a uma vontade despótica, contra a qual não pôde reagir?

« A ex.^{ma} sr.^a D. Luiza pertence-me de direito: o seu coração é meu, a sua amizade é minha, e as suas aspirações tendem todas a unir-se a mim em resultado do amor mais ardente.

« Seus parentes têm pretendido sopear esses sentimentos legitimos e nobres, mas têm trabalhado debalde; e tanto, que estou por ella autorisado a procurar destruir qualquer ligação a que forçadamente a pretendam arrastar.

« Com tudo não daria eu tal passo, se a ex.^{ma} sr.^a D. Luiza não tivesse uma independencia, porque a não quereria prejudicar em sua fortuna; mas como felizmente se não dá esse caso, entendo que o acto nada tem de immoral.

« Em vista do que tenho dito, parece-me que v. s.^a não deve tardar a desistir formalmente da indicada pretensão, e cuidar em escolher uma senhora, que possa dedicar a v. s.^a todas as suas affeições, ligando-se a v. s.^a de boa vontade: mas se acaso o não fizer, então terei de usar d'outros meios, porque dou a minha palavra de que nem v. s.^a, nem outro qualquer ha de dar a mão de esposo á ex.^{ma} sr.^a D. Luiza, e sem que primeiramente tenhamos de nos encontrar como inimigos.»

De v. s.^a att.^o v.^o e criado

Paulo Rodrigues do Pátrocio.

17 de dezembro de 1839.

— Está boa esta carta, disse Pereira depois de lêr: magnifica, excellente, optima. Só senhorias tem nove.

— Nota uma phrase, que ahí está muito significativa: — ou outro qualquer — acrescentou Cesario.

— Já reparci. O que traduzido quer dizer, que este caro senhor terá de bater-se com todo o animal de chapéu, que passe diante dos olhos da ex.^{ma} sr.^a D. Luiza Bibiana de Castro. Eu no teu caso mandava-lhe pedir os seus documentos, e mandava-lhe outros em troca. Tu não tens boas cartas d'esta mulher?

— Tenho, mas não lh'as mando nem faço caso

nenhum d'isto. Com ella pouco me importo, com elle nada. Talvez que a ella mostre um dia quanto deve a quem tanto amo. Veremos! Eu estou illudido porque ella escreve ao sr. Paulo Rodrigues; que diria o sr. Paulo Rodrigues se soubesse o que se tem dado entre nós?

Cesario disse estas ultimas palavras em tom sumido, e como de quem mais fallava para si, do que para extranhos ouvirem.

Peixoto observava-o e sorria. Deus sabe que pensamento lhe passava pela cabeça, quando elle se levantou, e disse:

— Uma cousa, Cesario.

— Diz lá.

— Das-me liberdade de dirigir este negocio?

— Que queres tu fazer? Dou.

— E promettes ajudar-me no que eu determinar?

Sousa Paiva levantou a cabeça e affagou o bigode. Fitou um instante a physionomia intelligente de Peixoto, que olhava para elle com a mão estendida, esperando uma resposta, e disse decidido:

— Está dicto. Faz o que quizeres, que eu ajudar-te-hei no que poder!

— Muito bem. Senta-te áquella mesa e escreve o que eu dictar.

— É para elle ou para ella?

— Senta-te, e sabel-o-has. Não sejas curioso, que não está bem a um janota como tu. Escolhe papel verde. Esse mesmo. Outra penna mais fina. Bem. Agora não te enganes.

Pedro Pereira dictou uma longa carta de quatro páginas sem margens, que Cesario escreveu sem lhe faltar uma palavra.

— Agora assigno? perguntou este.

— Está visto, e muito por extenso.

— Aqui tens.

— Optimamente. Da-me essa carta, e ouvirás fallar de mim.

— Não queres mais nada?

— Obrigado: por agora não.

Cesario saiu, e Peixoto começou a passear agitado na sala. Depois viu o relógio. Era quasi meio dia, Vestiu-se, sempre calado, e saiu tambem.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAPHIA

NATAL E FIM DO ANNO

(A. J. Simões Ferreira)

Le monde entier tressaille d'espérance
A cette nuit qui lui donne un Sauveur.

Le Redempteur a brisé tout entrave;
La terre est libre et le ciel est ouvert.
Il voit un frère où n'était qu'un esclave;
L'amour unit ceux qu'enchaînait le fer.

CANTIQUE DE NOËL.

— Meu Amigo. — A noite de hontem foi de NATAL; estamos na mais popular festa do Christianismo;

e o tempo, revestindo-se de galas, acompanhou a terra nas suas alegrias. A noute da Natividade do Filho de Maria, segundo a Biblia, foi brilhante e serena como a gloria que annunciava. Quando despertaram aos hymnos dos Anjos, entoados das alturas, os pastores de Belem, fitando o céu, o viram resplandecente de estrellas, sem que as empanasse uma nuvem. E os Magos, saídos dos confins orientaes em demanda do Messias, mal pregaram os olhos no firmamento, viram um astro esplendido e scintillante, que os guiou ao presepio onde nascera o Redemptor dos homens.

A noute de hontem não foi a da Biblia; uma espessa neblina toldava o lume das estrellas; e quando mais tarde surgiu a lua, coloriu o céu com uma luz baça e amortecida. Comtudo foi serena, e o dia despontou brilhante, e se conservou alegre e festivo com um sol esplendido. De tal dia podemos dizer como um poeta

.... um dia formoso como este,
Em que o céu com a terra anda á porfia
A vêr qual de mais graças se reveste.

E era verdade; o céu unia-se com a terra n'um regosijo commum, porque era o dia em que o lar da familia christã ostenta as suas galas domesticas, e se banqueteia na mais doce harmonia e reciprocidade. O jubilo que reina nos templos com os tangeres dos sinos e os sons populares do orgão, onde sobresaé a gaita de folles, estende-se a cada habitação, porque cada casa é um templo n'este dia, em que reinam os mais sanctos affectos, e se exerce em grande escala a caridade, que é a rainha de todas as virtudes. Hoje como que a terra se perfuma com os doces aromas de uma sanctidade angelica.

Eu passei este dia excellentemente, porque passa-se excellentemente, quando o espirito está tranquillo, e nós achâmos em familia. O meu amigo tambem o devia passar bem, posto que lhe faltasse, pela primeira vez, o ver em tórno de si todos os seus, aquelles que em toda a vida lhe foram constantes com o carinho e com a mais doce sollicitude.....

30 de Dezembro.

.... Vou rematar a nossa correspondencia d'este anno 1858, porque se avizinha o seu termo: são estas as ultimas linhas que lhe dirijo em que para nós foi de ganho, um anno cheio de amisade, de recordações, de datas, e até de esperanças... Não tenho eu o costume de lamentar o tempo passado; mas agora menos o faria, porque este anno para mim foi agradável, e marca na minha existencia uma phase distincta.

A minha vida tem corrido obscura, e assim ha de correr; mas na obscuridade tambem se vive muito; embora no fim não haja epitaphio. Disse *Pelletan* (è o homem da moda): «La vie la plus pleine, si elle a coulé à l'ombre, n'a pas d'épitaphie: son nom reste en blanc.» Como nem todos

os epitaphios são lisongeiros, melhor será que o livro da vida fique em branco.

Este mesmo nome — epitaphio — é glacial como a ideia que exprime, e é uma perfeita vaidade payonearmo-nos com um nome, que nos possa ficar glorioso. E o que é a gloria?

Sabeis definir-me a gloria,
Dizer me o que é conseguil-a?
—É pelo brilho d'um nome
Trocar a vida tranquilla.—

Para fim d'anno não fallo de mais em epitaphio, que diferentes serão os que cada individuo lhe comporá. Este anno foi o do brilhantissimo cometa de Donatti, e do pavoroso tremor de terra em 11 de novembro, o da malfadada questão do navio negreiro; foi anno de mortes, naufragios horriveis (como o do Austria), erupções do Vesuvio, etc., e até não faltou na nossa Coimbra uma das maiores cheias do Mondego, e innumerables metamorphoses.....

Por entre tantas novidades e desastres a minha barquinha passou incolume sem naufragar nos escolhos. Gozei sempre saúde; devo a Deos mais um anno na vida de meus excellentes paes; grangeei novos amigos e conhecimentos; finalmente foi este para nós o anno do *Recreio*, que nos estreitou as relações, d'aquellas tardes e noutes em nossas casas, das noutes na Feira, e de muitas outras affectuosas e suavissimas recordações.

Poderemos de hoje a um anno enthesourar alfaias do mesmo valor?... talvez que a página que até lá se tem de volver, lenta e compassada, se não apresente tão lisa e tranquilla como esta... pôde mesmo ficar interrompida para um de nós, que a vida é uma cousa bem fragil, e que o menor sôpro desfaz! Todavia tambem me subministrô amarguras, e entre ellas as ausencias dos meus melhores amigos, que todas carregaram na mesma epocha.

Para o meu amigo este anno tambem deve ficar memoravel. No complemento da sua carreira litteraria, e no principio de outra; passando dos bancos escolares para a cadeira do magisterio; no mesmo anno discipulo e mestre — novos horisontes de terras e de vida — em tudo deve achar de que forme um marco de recordações e saudades para o futuro. E então no amanhecer da vida em que tudo é azulado no espirito, e crystallino no coração! Tempo virá em que o meu amigo, recordando com ineffavel saudade as horas passadas em Sernache do Bom Jardim, as avalie como uma página formosa d'outras éras; por muitos desgostos que podesse ter (mas que não tem) sempre é a vida da mocidade, a vida dos vinte annos, que não volta nunca, e que o homem vive com apathica indifferença como se fôra abundante thesouro, que lhe chegasse para seculos!

«Como é doce e affectuoso (vi ainda ha pouco escripto) o vocabulario do sentimento no homem, que pôz apenas o pé no primeiro degráu do mundo

para pedir o seu logar na sociedade! O infinito chama-se Deus; a politica liberdade; a sociedade republica; a esperanza gloria; a mulher anjo; e não ha mais do que um só nome para exprimir a poesia e o amor.» O meu amigo está na idade sancta d'estas illusões: antevê um futuro esperançoso, e que o tempo ha de realizar á medida dos seus mais ardentes desejos.

Ha um anno que estavamos junctos; e parece que foi hontem. Mas o tempo já lhe interpoz um dos seus pequenos passos. Bem longe estavamos de pensar no que succede hoje, assim como d'aqui a um anno Deus sabe o que terá succedido. Comtudo bom é que o passado nos deixe sempre um perfume de saudade, antes do que o espinho de um remorso. Estas lembranças, se envolvem pezares, não são pezares amargos. É uma doce reminiscencia de epochas que morreram.

E morrendo vamos nós a cada passo, não já nos momentos que, como grãos da ampulheta, se nos vão rareando pelo crivo dos seculos, mas nos diversos séres que nos rodeiam.

Para onde nos voltaremos, que não deparemos com um tumulto? Como ousámos folgar, quando a podridão vaé descosendo as carnes dos que foram nossos intimos?! Os homens honram muitas vezes os restos dos que morreram, tripudiando em bacchanaes infrenes! Mas não sei eu que lhes chame raça de viboras... Bem pensado o caso é mais para metter dó, que produzir indignação. O pó que passou espera pelo pó que fica; e um instante de desvarios fica muitas vezes compensado com uma eternidade de dôres.

D'antes julgava eu que a amisade era o tumulto do egoismo, que os grandes sentimentos eram eternos; hoje parece-me que só creio na fragilidade do homem: nem arrisco um só cabello pelo mais virtuoso, que a fraqueza do barro ha de denunciar sempre a origem da primeira quêda.

É porisso que nos devemos reciproca indulgencia; e ao que fêre o seu similhante recocheta-se-lhe o golpe direito ao coração.

Os versos seguintes retratam bem o que é a vida:

Qual rio caudaloso vaé a vida,
Nas vagas mil aca-os révolvendo;
Aqui espraia, e réga, allí arranca
Corpolentos carvalhos.
Uma onda em nossos animos encosta
Um bem, um mal, que outra onda logo arrastra:
Leves casos que ao Lethes desdenhosa
Arroja a mão do Tempo.

São versos á *Filinta*, mas são exactos.

Por ultimo, meu amantissimo amigo, n'este momento, que eu considero solemne, em que vamos riscar da nossa correspondencia um simples algarismo, ouça-me dois avisos:

Entregue como se acha a uma quasi solidão forçada, aproveite o tempo e os ocios fôrros da sua profissão em alargar as raias dos seus conhecimentos, de modo que Coimbra, tornando-o a vêr, o reconheça já adulto na litteratura. As suas es-

treias (sem lisonja) foram excellentes, revelaram uma decidida vocação litteraria, são como um introito magestoso d'uma brilhante carreira, mas se não cultivar o terreno fertilissimo da sua intelligencia com um estudo forte e aturado, faltar-lhe-ha a base para futuras producções, que devem ser mais substanciaes e viris. Aqui lhe transcrevo um trecho que pôde applicar como entender: «La facilité est le piége des hommes, et ne produit jamais rien de grand. Ces météores, créations subites d'une atmosphère enflammée, brillent un instant et s'éteignent sans laisser de trace. Mais celui qui se défie de ses premières conceptions, et qui ne s'évapore pas de bonne heure, donne à son talent tout ce qu'il refuse aux jouissances précoces de la vanité...»

Emquanto ao mais está em terra nova, com conhecimentos novos e novas occupações; os horisontes que enxérga em tórno são novos todós, não tanto os do logar como mesmo os da vida; mas entre tanta novidade, no centro de novas distracções, conserve-se sempre velho, isto é, sempre o mesmo, a mesma dedicacão, a mesma actividade, os mesmos sentimentos, o mesmo Simões Ferreira.

A. A. DA FONSECA PINTO.

Coimbra, 25 de Dezembro de 1858.

OS ENGEITADOS E AS RODAS

Que fructo abundantissimo de protecção colheriam os infelizes, se para elles se applicassem essas micalhas cahidas das mezas dos poderosos, e de que elles não fazem caso!...

IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO. (O Engeitado).

Para que vim eu ao mundo?

D. G. MAGALHÃES (Suspiros poeticos).

I

«Fazei com que o numero d'esses infelizes (os engeitados) não se augmente; mas tanto que um sér respira deve-se pô-lo a coberto da dôr, e prolongar-lhe a existencia.»

Estas palavras d'um insigne economista, que tão felizmente enlaçára, como irmãs, que são, as duas sciencias—moral e economica—(que muito havia, pareciam divorciadas) sôbre serem como fiel espelho, que deixa transparecer a alma generosa, que as traçára, reprovam d'um modo incontrastavel (tão conceituosas são ellas) a arrojada, se não romanescia, theoria do philosopho e economista de Rookery.

Não nos fazemos cargo de discutir aqui a des-humana theoria do, por certo illustrado, economista, nem tão pouco de indagar, agora, se é economicamente util, que a sociedade continue ou negue essa apoucada protecção, e, ainda assim, chorada vezes mil, aos infortunados, que apenas vêm a luz do mudo, se encontram orfãos de pae e mãe.

Temos por sem dúvida, que o é moralmente necessário, e tanto basta para que assim o consideremos economica e politicamente.

Para nós, as palavras de Droz, que podem disputar fóros de apophtegma, não só refusam a opinião de Malthus, senão que consubstanciam, personalisam mesmo, um vivo protesto; uma condenação solenne d'esse egoismo refalsado e avaro, que ahí corroe a sociedade até á medula, e que tem apenas o merito de se patentear nú, sem reboço, em toda a sua hediondez.

Lord Bróugham não poderia aniquilar-lhes a significação com dizer, que as rodas de expostos são a melhor máchima de desmoralisação. Mette dó, se não causa nójo e lástima, ver regatear o apoucamento e insufficiencia d'alguns ceitis, que ahí se dispensam, a titulo de esmola, a essa classe desvalida, e peregrina, apenas vem ao mundo!

Miopes, que não vêem, que a desgraça, a mais veneranda de todas as desgraças—aquella para que nem sequer indirectamente se concorre—é o melhor, o mais justo fundamento d'um direito, para contestar o qual seria necessário ser impassivel aos vagidos d'uma criança nascida, e logo engeitada!

Não se pense, que absolvemos a mãe do tremendo crime de arremessar ao desamparo d'um mundo sordidamente egoista, o que é obra de seus criminosos amores, embora arrastada a isso pela vil e covarde seducção do homem, que lhe embalara o coração n'uma esperança mentirosa, phantasiando-lhe, traçoireiro, um futuro todo delicias e venturas!

A mulher, anjo decaído do throno de sua primitiva innocencia e esplendor, deve de um dia sentir o espinho dilacerante do remorso ferir-lhe fundo e fundo na consciencia, lembrando-se que existe, por ventura a braços com o infortunio, uma victima do seu crime, sangue do seu sangue; victima desvalida e errante no mundo, talvez coberta de andrajos, subindo e descendo as escadas d'outrem, a mendigar o amargo pão de estranhos! Vêl-a-heis então derramar sentidas lagrimas de dôr e arrependimento; vêl-a-heis levantar supplice as mãos ao céu, e pedir-lhe que lhe restitua o filho, que, louca, abandonára!... que lh'o restitua, porque quer mitigar-lhe a fome, porque quer estreital-o ao seio com a terna effusão de mãe carinhosa, que o é ella agora pela dôr e pelo arrependimento.

Mas o filho divaga perdido no mundo, e a desgraçada chora, e arrepende-se inutilmente para elle!

Ao menos sanctifica-se pela expiação.

«A desgraça é expiação, e a expiação sanctifica o desgraçado (A. Herculano).» Embora! em quanta a voz da consciencia lhe bradar, que existe no mundo um sêr que a amaldiçoa, porque tem sede, e ninguem lh'a sacia, porque tem fome, e não encontra quem lh'a mate, porque tem frio, e não tem quem lh'o resguarde; a expiação da mesquinha não pôde ser completa, nem pôde sanear-lhe a ferida sempre gotejante do remorso.

Atormentada de dia e de noite, vendo encur-

tarem-se-lhe os dias da existencia, porque a dôr conduz á sepultura, essa mulher desce alfim martyr ao tumulo, sanctificada pela dôr d'uma completa expiação.

Perdoemos-lhe nós; que a justiça de Deus não pôde condemnal-a!

Emquanto a mãe sente a aguda dôr do remorso excruciar-lhe a consciencia, morrendo por fim martyr, onde estava, que fazia o homem, antes o demonio, que a despenhára no inferno do martyrio?

Entregue á dôr, como a mãe, curtindo na consciencia o remorso do crime? Não; talvez sonhando novas victimas. Viu correr as lagrimas do anjo, que despenhára, e sorriu-se!

Viu as rugas, que a dôr cavára na fronte da mulher illudida, vilipendiada, e sorriu-se!

Viu descel-a á sepultura com a corôa resplandecente de martyr, e sorriu-se!

E continúa a sorrir-se, porque o homem, que illude e attraçôa a mulher, ri-se de tudo, e sempre, como cynico, que é.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO

APONTAMENTOS HISTORICOS

O QUE FOMOS

Quem não treme ouvindo a fama
Que os altos feitos proclama
D'este nobre Portugal?...

F. PALHA

I

Quereis saber porque Portugal era considerado como a primeira nação do mundo, compulsai esses preciosos livros que a antiguidade nos legou, e achareis, que governando a India em 1609, Ruy Lourenço de Tavora, n'este mesmo anno, fez os seguintes despachos.

Para *Malaca*, D. Francisco Henriques, com *septe galeões*, e cento e septenta soldados. Para a *costa do norte*, Sebastião de Macedo, com *dezanove navios*, e quinhentos e cincoenta e dois soldados; e como este capitão havia de voltar com a cafila de Cambaia, para que a costa não ficasse sem gente, e navios, despediu D. Francisco de Lima, com *dez navios*.

Para o *Malabar*, D. Jorge de Castello-Branco, com *duas galés*, e *trinta e oito navios*, e mil e cincoenta e quatro soldados. Para a *enseada de Diu*, Luiz de Brito de Mello, com *nove navios*.

E não ficou desapercibido Ruy Lourenço de Tavora, que deixou para resistir aos Hollandezes, que de tempos a tempos nos tolhiam o commercio da India, a *nao monte do Carmo*, e *quatro galeões*, que nomeou por capitães, Nuno da Cunha e D. Diogo de Vasconcellos, que pertenciam á armada do Conde da Feira (a).

(a) Hist. dos Var. illust. do appel. de Tavora, pag. 337.

Fazei um termo de comparação entre a marinha portugueza de 1609, e a de 1859, e achareis o motivo por que *hoje*, apenas somos um ponto no mappa da Europa.

Aqui foi capitollio das artes,
Das conquistas a séde tambem;
Este reino dos mil estandartes
Hoje pobre não lembra a ninguém.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

Maxima

É difficil ou pouco provavel a harmonia entre duas ou mais pessoas sem que haja descendencia reciproca.

O. F.

BOAS FESTAS

Hoje cada casa é um sanctuario,
Um templo, um céu aberto de prazer;
A terra se desata só em jubilos,
Goza-se a vida, olvida-se o soffrer.

Ricos e pobres á porfia illustram-se
Na doce união que este dia traz;
Ante um berço se prostram rude e sabio,
Que esse berço annuncia ao mundo a paz.

Hoje é a festa sancta das familias,
Reina a doce alegria, impéra o amor;
A minha saudação é pura e vivida,
Accetae-a tambem, que é d'alma a flôr.

25 de dezembro de 1859.

CONFESSÃO

Que n'ai-je éprouvé de souffrance!
La mort seule peut me guerir.
En t'adorant si je t'offense,
Pour t'oublier il faut mourir!!

GOETH.

Oh mulher! quanto hei soffrido
Desde o instante em que te vi!
Tudo quanto eu hei sentido,
Nem mesmo t'o digo a ti!
Não, que tu não accreditas,
Nas chammas quasi infinitas,
Que no meu peito ateiaste!...
Tu não crês, não é possivel,
No amor quasi indizível,
Em que minh'alma abrazaste!...

E talvez, que nem suspeites,
N'este amor que te hei votado;
Ou que sabendo; o rejeites,
E o tenhas condemnado!...
Mesmo assim, não esmoreço,

Vou dizer-te o que padeco
Por ti mulher seductora!
Vou-te abrir esta minh'alma,
Onde o amor se não acalma,
Onde augmenta d'hora em hora.

Sim mulher! não é possivel
Dentro do peito occultar;
Este amor inexhaurivel,
Em que me sinto abrazar!
Esta ancia, que me devora,
D'um gôzo, que s'ignora!
Este affecto agrilhoado,
Entr'esp'ranças e receios,
Estes timidos enleios,
D'um mancebo apaixonado!

Se tu soubesses, meu anjo,
Quanto é pura esta affeição!
Que nutro, formoso archanjo,
Dentro do meu coração!
Se tu soubesses querida,
Que meu ser, que minha vida,
Dependem d'um teu sorriso!
Se soubesses, linda flôr,
Que anhello mais teu amor,
Do que anhello o Paraiso!...

Póde ser, que enternecida,
Minhas súplicas ouvisses;
E que terna e commovida,
Ao meu amor annuisses;
E com a voz maviosa...
«Sou só tua... ama-me e gosa...
Tu só meu... ambos unidos...»
Até ao final suspiro!!...»
Mas... perdão... perdão... deliro...
Confundem-se os meus sentidos!...

Bem o sabes! plebeu e pobre!
Que não te posso ofertar.
Nem pergaminhos de—Nobre,—
Nem ouro te posso dar!...
Mas o que vallem riquezas,
Armas, thesouros, nobrezas,
A par da honra e virtude?!
Aquellas—falsos brilhantes!
E estas—sempre radiantes!
O seu brilho, nunca illude!...

Deixa pois, anjo querido,
Ao vulgo a louca vaidade!
Deixa-lh'o gôzo mentido,
D'essa vã felicidade!
Não-pretendas tu, meu anjo,
Não queiras, formoso archanjo,
Nada mais, que meu amor!
Acceta-o, que é puro e sancto,
Como as estrophes d'um canto,
Que se dedica ao Senhor!...

Prado, Agosto de 1859.

SEVERINO D'ALVEEDO

PERGUNTA

Olha o Tejo, querida!—N'elle apenas
Do barco a perpassar se vê nas aguas
Um vestigio fugaz:

A branca esteira, que tão funda rasga
Nos seios d'elle, do navio, a quilha,
Um momento a desfaz...

Assim tambem, d'essas mulheres todas,
Que eu amei, a belleza por instantes

Á minha alma fallou:
Julguei minha affeição immorredoura...
Algum tempo correu—d'esses amores
Nem memoria ficou!...

Muitas vezes, oh Julia! tenho visto
Fundamente gravado em velhos robes
Mysterioso signal:

Obra d'amantes, que, se a mão dos homens
Da terra não arranca o tronco antigo,
Permanece immortal.

Assim tambem no coração, meu anjo,
Em fundos traços para sempre escripto

O meu amor está:
E só quando vier a morte pallida
Cortar o fio, que me prende á vida,
Acabar poderá.

E mesmo, quando a morte em minhas veias
O sangue me gelar, tamanho affecto

Hei de á campa levar...
E este amor, tão profundo, que te voto,
Dize-me, queres tu, formosa virgem,
Com teu amor pagar?

Al. Setembro de 1859.

EUGENIO DE BARROS

EXPEDIENTE

Com o fim de ter nossos assignantes quasi em dia com as noticias, que disserem respeito á instrucção pública, e, particularmente, á Universidade, resolvemos fazer sair nosso jornal tres vezes por mez, contendo cada numero oito páginas de impressão, que equivalem a doze no typo que empregámos até o numero 24. E assim como não augmentámos o preço das assignaturas pelo excesso da composição,—assim tambem o não augmentaremos pelo excesso das estampilhas.

ÁS ADMINISTRAÇÕES DOS CORREIOS.—São repetidas as queixas de faltas de numeros de nosso jornal, que se nos dirigem de toda parte, onde temos assignantes, vendo-nos assim na obrigação de fazer novas remessas,—com gravissimo prejuizo de nossos interesses.

Pedimos, por tanto, mui seriamente, a quem compete a fiscalisação d'este importante ramo de

serviço publico, as necessarias providencias, a fim de que taes queixas se não repitam—para credito seu e interesse nosso e dos srs. assignantes.

Querendo remediar as faltas até hoje commettidas por abuso ou desleixo dos correios na competente remessa ou entrega dos numeros pertencentes ao 1.º volume de nosso jornal, expedidos em diversas direcções—offerecemos gratis a nossos assignantes todos os numeros que lhes faltarem para completar suas collecções—até onde elles chegarem.

Continuaremos a enviar os numeros de nosso jornal, que forem saindo, aos srs. assignantes, que, findo o prazo por que subscreveram, não tiverem ordenado a suspensão de sua assignatura.

Procedemos assim para regularidade do serviço da redacção e economia de correspondencia da parte dos srs. assignantes, que, subscrevendo ás vezes por um só trimestre, têm, na maior parte, repetido sua assignatura, depois de riscados do livro competente.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo sr. Utrera, trad. de V. da Silveira—Vende-se: em Coimbra—240 réis; fóra de Coimbra nas mesmas lojas dos srs. Commissarios da redacção dos PRELUDIOS-LITTERARIOS—300 réis.

1.º volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Preludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume—Preço 1\$600 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra—loja da imprensa da Universidade; Lisboa—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª, e Sr. Melchisedes & C.ª, *Livraria Central*, rua do Ouro; Porto—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu—Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezos da Regoa*—Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora—Sr. V. J. da Gama; *Lamego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pereira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$480
Semestre 660	Semestre 780
Trimestre 360	Trimestre 420

Avulso—40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

LEITURAS POPULARES

Derramai a instrução sobre a cabeça do povo, que bem lhe deveis este baptismo.

Alm. de França.

I

BIBLIOTHECAS RURAES

Um dos grandes symptomas de regeneração e progresso moral do seculo, em que vivemos, é, sem dúvida, o desvelado carinho com que, quasi por toda a parte, cuidam grandes e pequenos, com interesse ou desinteresseiramente no melhoramento e instrução do povo—esse grande, inculto, e interessante engeitado—como d'elle diz um grande poeta. É que a grande voz da democracia quando fala, inspirada pela bôca dos Kossuths e dos Mazzinis, falas de amor e de esperança, não sei de coação generoso aonde não tope um echo.

II

Bem que a Europa jaza manietada mais ou menos pelos grilhões da tyrannia, com tudo não se mostram os governos descuidosos em promover a illustração pelo meio das massas: por toda a parte, nomeadamente na França, na Italia, na Allemanha e até na inculta Russia, se vêem a cada passo escholhas para o pobre, e não é raro topar o trabalhador, pela hora da sésta, entretendo-se a folhear, ler e entender livrinhos, que, apesar de muí comezinhos e de popular expressão, nem porisso deixam de o iniciar no saber.

É certo que os verdadeiros promotores d'este progresso intellectual não são os oppressores, que mal têm elles tempo de se rodearem de lanças e bayonetas: são os democratras, os verdadeiros amigos do povo, que por elle velam, e cuja voz, que é a voz da verdade e da justiça, apesar de proscripção e desterrada, brada tão alto, que a propria tyrannia, em que lhe pese, se vê forçada a se sujeitar mais ou menos aos mandatos d'esses representantes da opinião: parece que a providencia capricha em haver os tyrannos por instrumentos da propria ruína, pois só a illustração, que dá ao homem a consciencia de seus direitos, pôde derribar ruins governos e oppressores. Assim a instrução

progride e gradualmente estende a sua rede, anhelando abraçar todas as camadas da sociedade, ministrando á terra virgem mas productive semente de muita ideia, que se ha de resolver em ainda muito mais obras de bem e só para bem.

III

Remissa e vagarosa, porém, vae a instrução por esta boa terra de Portugal; e ai de nós se não se attende a este grave mal com promptos remedios; ai de nós, porque um povo que possui a liberdade sem instrução, que só o pôde n'ella iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conserval-a, e o que é mais, conserval-a sem abusar.

Saidos apenas d'um baptismo de sangue, em que nos foi mistér mergulhar para grangear uma alma nova, para reconquistar a austera mãe dos povos, a liberdade, conservámos ainda vestigios cruentos e reminiscencias odiosas d'essa lucta fratricida, bem que em prol da patria; e é só a instrução que nos pôde lavar da frente as manchas do sangue de nossos irmãos, e conduzir-nos a bom fim.

Qual é pois a causa da ignorancia—indigna do seculo—em que vegeta todo o nosso povo e grande parte da burguezia? Porque não é só o proletario, é tambem a classe média em grande escala, que não cura de seus direitos e liberdades, considerando-os, indifferentes, como uma invenção do seculo, e desconhecendo que só elles são as garantias unicas e segurissimas da sua individualidade e progresso.

A causa não está na escassez de livros populares, que alguns temos nós e de elevado merito; nem menos na indiferença do povo portuguez, que sabido tem elle mostrar o como zela seus direitos, uma vez compenetrados por elles.

A resposta já de ha muito a deu um grande homem e um grande Portuguez, quando se lastimava de que—possuindo nós ainda todos os elementos d'uma grande ventura, só nos faltasse um—*a vontade dos que podem.*

IV

A carencia d'uma boa organização de escholhas, d'um bom regulamento litterario, e um ministerio—proprio de instrução—o campo que se acanha

a quem sabe, e só se alarga a quem tem e pôde; eis as causas do menosprezo e quasi aversão, que entre nós soffrem lettras e sciencias. Esta é a causa, a só causa de tantos males.

Sei que é dura e fere o ouvido, e mais ainda o coração, esta verdade: comtudo é uma e tão amarga, que custa a confessar, parecendo melhor desculpa a mingoa de livros bons e baratos.

É factó que entre todos os povos cultos, sendo que as nossas bibliothecas gemem debaixo do peso de boas obras nacionaes, sômos porém um dos que menos livros possuímos maneiros e de facil comprehensão. Abundam as nossas livrarias em pesados volumes, de ainda mais pesada erudição e elevado estylo; mas ao alcance do obreiro, do agricultor, do proprio camponez, volumes, que por seu tamanho, preço e clareza a elles se amoldem, que lhes mitiguem, por sua amenidade e instrucção, o rustico e affanoso lidar, a custo se depára com um ou outro.

N'isso differimos da França, da Italia, da Alemanha, que os têm aos cardumes, emquanto que os nossos escriptores parece falarem-se mais entre si do que com o povo.

V

Com tudo, para quem tiver sêde de instrucção, para quem bem os procurar, ainda ha que se achem e que sirvam.

As grandes ideias, se vieram encontrar Portugal adormecido nos braços da ignorancia, ainda houveram almas nobres e intelligencias elevadas aonde fizessem écho; e a geração nova tem continuado de testemunhar á Europa, que os elevados pensamentos da fraternidade não deram com corações esquivos em peitos portuguezes. Ainda ha quem tracte com afan do que convem ao seu paiz, e quem se não peje de dar testemunho, com palavras ou com escriptos, do seu pensar, crêr ou esperar.

Nem temor deve haver de que estaque em tão boa senda, porque a era é nova e a ideia virgem, e longe o dia vem, em que tem de ceder o passo a outra maior e mais elevada.

O dever de todos, quantos sômos, que pugnâmos pelas liberdades e bem do povo, é seguir sempre a grande ideia, através de todos os estorvos e revêzes, com o peito ao vento, o rosto alto, e os olhos só fitos no futuro. Abrir bem o coração á voz que vem de cima, e cerral-o á das paixões da terra.

VI

Dissera eu não serem elementos de felicidade que nos faltavam; mas só o querer dos que podem tirar d'elles matéria de muito bem. Temos a ideia e temos os meios; tenhamos tambem a vontade, e para todo o mal se deparará remedio.

Um pequeno alvitre quero eu lembrar, que, com ser pequeno e de pouco custo, talvez não deixe de gerar bom fructo.

Ideia d'um grande francez e grande amigo do

povo, Mr. Cormenin, soube ella insinuar-se no animo d'um governo illustrado, que a soube aproveitar, e d'ella já hoje em França vão brotando fructos de muito bem.

Se o exemplo d'um povo tem algum peso no obrar dos outros, porque não applicaremos e experimentaremos entre nós a ideia do grande homem, sendo que ella produz, como tem produzido, resultados tão elevadamente civilisadores?

Tal experiencia quizera eu se realizasse em nossa terra, que certo estou de nos não deixar illudidos.

VII

A ideia refere-se maximamente aos habitadores dos campos, esses, mais que todos, engeitados da civilização moderna.

E comtudo é á sua illustração que de mais vontade nos deveramos applicar. A agricultura é a melhor e mais verdadeira mãe dos povos, e, como diz Castilho,—só um povo que lhe quer, e a quer, e a serve com desenganada preferencia, só esse é rico, rico sem fausto, mas sem receio de empobrecer—o trabalho da terra é a fonte de todos os outros trabalhos, e assim, não é justo que nós, que em ocio disfructâmos o trabalho do camponez, lh'o suavizemos em troca com algumas góttas do balsamo da instrucção?

Além d'isso, se trabalharmos em proveito da sua illustração, é em proveito nosso que trabalhâmos. O cultivador, que ler, conhecerá melhor o tempo, as estações, a qualidade do torrão, da semente, o que mais convem a este ou est'outro terreno, e que especie de grão deva lançar á terra. Com este progresso na agricultura o lavrador produzirá melhor, mais, e mais barato.

Não será, pois, tambem nosso o proveito?

Ainda que não fossem elles homens, e, como taes, com equal direito a se illustrarem, bastaria a perspectiva do proprio lucro para nos fazer cuidar d'elles com affinco, pois que, curando d'elles, de nós curâmos em realidade.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

Amigo Silveira:—Hoje que a litteratura hespanhola é tão pouco conhecida em Portugal, hoje que a litteratura d'um outro povo, que nos é totalmente estrangeiro, tem usurpado o lugar, que de direito compete áquella, parece-me que um estudo, embora sem valor para muitos, sôbre um dos poetas mais illustres da Hespanha, não será inteiramente fóra de proposito. Assim levantarei um brado, fraco, é verdade, contra esse desprezo, que se vê entre nós por uma das litteraturas mais ricas e variadas do meio-dia, e mesmo mostrarei que o nome de Zorrilla não é inteiramente desconhecido na patria de Garret, Castilho, J. de Lemos e Palmeirim.

Remettendo-te, porém, este artigo, não posso deixar de t'o dedicar; porque tu, com a traducção d'algumas peças hespanholas, tens já, por assim

dizer, protestado tambem contra aquelle desprêzo. Aceita, pois, indulgentemente a obra mesquinha do

teu amigo, etc.

F. BEIRÃO.

ESTUDO

D. Jozé Zorrilla

I

A litteratura, como um ramó dos conhecimentos humanos, apresenta-se-nos sempre debaixo das mesmas phases, por que estes têm passado nos diversos estados de civilisação dos povos. Assim vêdel-a um dia nascer quasi desconhecida, e noutro campear orgulhosa sôbre todos os obstaculos, que até alli a tinham impossibilitado de attingir a altura, a que se elevou, para depois d'ahi cabir a caduca e envelhecida. Não ha pois em geral nenhuma nação, que não tenha tido na litteratura o seu seculo d'ouro. Na França vêdes, no seculo de Luiz XIV, apparecer os vultos celebres de Corneille, Molière, J. B. Rousseau, Bossuet, Pascal e Fenelon; na Italia vêdes a litteratura, no tempo de Leão X, attingir o maior gráu de perfeição com Ariosto, Vida, Tasso, Machiavel; na Hespanha, no tempo de Isabel e Fernando VII, vêdes a historia extasiar-se diante de Cervantes, Mendroga, Mariana, Lope de Vega e Calderon; em Portugal, no seculo de João III, vêdes brilhar Bernardim Ribeiro, Camões, Barros, Goes, Mendes Pinto e Vieira; finalmente, em Inglaterra, no tempo da Rainha Anna, vêdes ainda apparecer Addison, Pope, Swift e Parnell.

A Hespanha tinha até ao seculo de Isabel e Fernando VII permanecido n'uma lethargia litteraria, de que só a acordam o poema do — Cid, a — *Dissertação sobre poesia*, do Marquez de Santilhana, e a — *Chronica*, de Ayalla.

Mas n'esse seculo a sua litteratura appareceu brilhante de vida e rica de animação, para depois ir, como cansada de tanta vida, definhando-se até quasi... expirar. Mas qual seria a causa, que fez passar a Hespanha do gráu litterario, em que estava, e que tão eminente era que chegou a influir nas produções litterarias das outras nações, para o estado de decadencia e de abandono, em que depois se conservou? É que n'esse nobre povo hespanhol, todo o movel, todo o impulso que dirigia a litteratura — era a sua fertilissima imaginação e esse ardor cavalheiresco, ridiculizado talvez por Cervantes. A inquisição veio mergulhar esse movel em ondas de sangue, veio dizer ao genio fertilissimo do povo hespanhol: — não escrevas tal, porque t'ó não permitto; e esse genio retrahiu-se em si atemorizado d'aquella liberdade de pensamento que levou tantos martyres ao cadafalso!... A perda da sua grandeza tambem concorreu talvez para esse abatimento litterario.

Mas esse como adormecimento não será eterno! Vêdel-a animar-se subitamente, para acolher as ideias liberaes do seculo XVIII, e proclamar ao mesmo passo uma nova epocha politica e uma nova epocha litteraria! É então que apparecem Rivas, Pastor Diaz, Lara, Rosa, e Zorrilla.

Ditas estas poucas palavras sôbre a historia litteraria da Hespanha, comecemos o nosso trabalho sôbre Zorrilla.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilchez

Traducção de V. da Silveira.

Continuado do n.º 24, tom. I

III

Angela estava sentada á porta de sua casa, quando Fernando voltou de acompanhar o sr. de Campo-Real e sua filha, que não só lhe offereceram a casa, mas repetidas vezes o instaram, para que tornasse a vel-os.

O mancebo dera-lhes sua palavra de que assim o faria; porém, apenas se separou d'elles, sentiu que aquella amizade tão fingida, tão forçada, o desgostava sobremaneira e fazia nascer em seu coração uma especie de remorso.

As exigencias, porém, da sociedade impunham-lhe o dever de cumprir sua palavra; e esta necessidade, que elle mesmo se creára, atormentava-o tanto mais, quanto para seu caracter independente toda obrigação era pesada.

Ao avistar as paredes de sua casa pensára em Angela, n'essa creatura tão humilde e tão doce; lembrára-se de que a tinha deixado só, e offertido a outra as flôres, que para ella havia colhido; receára, emfim, enconral-a desgostosa, posto que esperasse dissipar seu descontentamento.

Sem saber porque, o desgosto de sua amiga lhe causava pena; ao mesmo tempo que sentia n'alma ouvir de seus labios a mais ligeira reconvenção.

Aquella, que tivera sempre em tão pouca conta as considerações de seu proprio pae, procurava desviar de Angela toda occasião de poder manifestar-lhe o menor movimento de sua colera ou de sua impaciencia.

Assim, Fernando, logo que avistou Angela, correu para ella; e já lhe acodiam aos labios as palavras, que deviam servir-lhe de escusa, quando o sorriso alegre e carinhoso, com que esta o recebeu, veio provar-lhe a inutilidade de suas desculpas.

— Quanto haveis tardado!, lhe disse ella, quando o mancebo se lhe aproximou. Estava já com bastante cuidado; é quasi noite e receiava que vos acontecesse alguma coisa.

—¿E que poderia acontecer-me?

—Não sei; porém no campo, e tão tarde... sempre ha alguma coisa que nos metta medo.

—A ti, que és uma creança; porém a mim, que sou um homem...

E pronunciou estas palavras com toda a gravidade, que lhes poude dar, e como se quizesse fazer esquecer, que tinha só dezeseis annos.

—Como quizerdes; mas peço-vos que entreis de pressa em vossa casa; o sr. marquez ha de estar com bastante cuidado em vós; e não deveis de nenhum modo prolongar sua anciedade.

—Pouco me importa, uma vez que não estás zangada comigo.

—¿Eu? e porque?

—Porque te deixei sósinha no campo.

—¿Que tem isso? ¿quem me havia de fazer mal, a mim, que não offendo ninguem, a mim, em que ninguem repara? Demais, é de crer que estivesseis mais satisfeito na companhia d'essas senhoras, e que vos não faltassem occasiões de falar em mil coisas, que eu não entendo; emquanto que a meu lado ter-vos-hieis aborrecido; pois que, por maior que seja a amizade, com que me honraes ¿que póde dizer uma pobre rapariga de quatorze annos, ignorante, creada nos campos, a um mancebo, como vós, educado na côrte, que de tudo fala, e que tudo sabe?

Fernando, ouvindo estas palavras, tão sinceramente pronunciadas, e recordando-se ao mesmo tempo da affectação e superficialidade de Carolina, não poude deixar de comparar esta com aquella joven, a quem Deus dotára d'uma imaginação naturalmente clara e viva, e que em tão pouca conta se tinha. Talvez que as mais severas reconvenções lhe não fizessem sentir os remorsos, que então vieram ralar sua consciencia.

—¿E as rosas, que eram para ti e que eu lhe dei? ¿Tambem não estás zangada por isso?

—¿As rosas? Outro dia me proporcionareis outras ¿não é assim? Porém estou a entreter-vos com estas bagatellas, emquanto que o sr. marquez ignora ainda vossa chegada. Vamos: entrai, entrai, que vosso pai deve estar inquieto e não me parece justo, que percamos o tempo em ninharias, quando elle soffre e vela por vós. Ser bom filho está primeiro que tudo; se o não fosseis, deixaria de ser vossa amiga.

Angela acompanhou estas palavras d'um olhar tão supplicante, que Fernando, dominado por elle a seu pesar, ficou sem ter que responder-lhe, e subiu vagarosamente a escada, que conduzia aos aposentos de seu pae. Angela foi procurar Joanna, que com afan a estava esperando.

A boa mulher via a amizade dos dois jovens sem se inquietar; a idade de Angela era tão tenra, que a deixava a coberto de toda murmuração; e jámais na mente da pobre aldeã poude fixar-se a ideia, de que o filho de seus amos, tão orgulhoso e tão nobre, podesse amar algum dia uma rapariga sem nome e sem fortuna. Com tudo, quando á noite se achava só com sua filha, não

se esquecia nunca de perguntar-lhe o objecto de suas conversas com Fernando n'aquelle dia; e Angela lhe respondia sempre com a maior simplicidade, referindo-lhe, palavra por palavra, toda sua conversação.

Ao ouvir-a, Joanna ficava tranquilla, e ainda ás vezes se perguntava, como era possível que Angela tivesse aprendido aquellas virtuosas maximas, que não comprehendia, ou não sabia explicar-se tão bem como ella. É porque ignorava que Deus, ao formar suas creaturas, póde dotal-as d'uma intelligencia superior, que não necessita de estudos nem de mentores para desinvolver-se, sobre tudo quando ella é acompanhada d'uma virtude simples e d'uma innocencia immaculada.

Por sua parte, o marquez observava, com a penetrante vista d'um pae, a singular inclinação de seu filho para com aquella rapariga; porém havia tambem notado a mudança effectuada no espirito de Fernando, debaixo da influencia de aquelle doce affecto. Assim, pois, longe de oppôr-se-lhe, deixava os dois jovens na mais completa liberdade; e ainda ás vezes olhava para Angela com mais attenção que de costume, e, admirando a pureza virginal de seu rosto, exclamava:

—¿É pena que não seja filha d'um nobre!

D'esta maneira tudo concorria para que mais se estreitassem os laços, que uniam aquellas duas almas tão dignas uma da outra.

Obrigado pelas conveniencias d'uma sociedade exigente, o filho do marquez visitava com frequencia o sr. de Campo Real, que o recebia sempre com uma exagerada cortezia, uma adulação extrema.

Do mesmo modo a joven Carolina, anciosa por ganhar sua estima, tractava-o com a maior deferencia, tendo para com elle toda a sorte de attentões.

Fernando passava portanto algumas manhãs no meio d'esta familia, a mais rica d'aquelles arredores; e até chegava a tomar parte nos divertimentos, que lhe proporcionavam, esquecendo dias inteiros sua doce amiga.

Carolina lisongeava-se já de possuir o amor do mancebo; e mostrava-se cada vez mais exigente e ciumenta. Assim cada dia, que passava, sem que Fernando fosse aproveitar algumas horas de sua companhia, era para ella motivo de violentas reconvenções, ou de pungente ironia em suas palavras. O filho do marquez recordava-se então de sua pobre Angela, tão indulgente, tão terna sempre, e jurava não separar-se mais de seu lado, preferindo a tudo sua tranquilla affeição.

Não obstante porém tão boas promessas, sempre um novo compromettimento, um convite novo o prendia para o futuro.

Carolina montava maravilhosamente a cavallo; e, querendo um dia fazer admirar a Fernando um brilhante trajo, que acabava de receber, o convidou para um extenso passeio. Fernando accitou pois aquelle o convite; e na manhã seguinte

achou-se, montado em seu predilecto cavallo inglez, á porta do sr. de Campo-Real.

Poucos momentos depois, appareceu-lhe a formosa joven, cujo talhe elegante, e graciosa e animada phisionomia mais bellos pareciam ainda debaixo de seu vestido de merino azul, fechado e guarnecido de laços de veludo preto, e de seu airoso chapéu, sóbre que fluctuava um branco e transparente veu.

Agil e risonha saltou sóbre seu cavallo; e chicotando vigorosamente o nobre animal, que, estimulado por um tal castigo, partiu a todo o galope, fazendo saltar brilhantes faiscas com suas fortes ferraduras, deixou após si Fernando, que, junctamente com o sr. de Campo-Real, havia tambem partido a galope. Um sobrinho d'este, que n'aquelle mesmo dia tinha chegado da córte, os acompanhava.

A direcção, que tomaram, conduzia a um caminho que passava perto do palacio do marquez. Ao aproximar-se-lhe, Fernando viu uma linda e loura cabeça, que se assomava a uma das janellas do andar inferior.

Era Angela, que sem dúvida calculára a hora em que deviam passar, e que o saudava com um sorriso, posto que sem aquella alegria, que lhe era natural.

Carolina durante toda a manhã esteve encantadora, distribuindo seus olhares e suas atenções pelos dois mancebos, que a acompanhavam.

Seu primo tambem era muito rico; de sorte que a bella senhorita achava-se n'aquelle dia indecisa sóbre qual devia preferir, decidindo-se comtudo interiormente pelo primeiro, que se lhe declarasse.

(Continúa)



NA SENTIDA MORTE DO MEU CONDISCIPULO E AMIGO

Martinho José Raposo

Fagueiros sonhos de mancebo ardente
Eil-os murchos por terra, entre essas flores,
Inda, á primeira luz ao sol nascente...
Nem prendes-te um só lírio resplendente
Na cróa dos amores!

ALEXANDRE BRAGA

Dêmos uma lagrima ao que morreu...

Entre o que partiu e os que ficam, entre o que foi e os que ainda são, ha um laço mystico a unir a morte á vida, um feudo de sympathy, um penhor d'esperanças n'um melhor futuro, cujos horisontes só se nos abrem ahi aonde o viver acaba, que todos, quantos nós somos, — viajantes d'um dia espalhados por esse mundo — devemos áquelle que nos deixa, e que foi nosso companheiro nas alegrias ou nas dores.

No arruido das praças públicas, entre o debater dos interesses, em meio do tumultuar de mil paixões, passa ás vezes no ar um gemido funebre, ultimo adeus d'algum que foge em demanda d'outros mundos e d'outro viver.

Mas dos que ficam talvez que nem um só correspondesse á derradeira saudação do que se parte: absorvem-nos outros interesses, sympathias e esperanças d'outra ordem: para esses o finado pôde muitas vezes ser um braço ou uma intelligencia de menos, rarissimas uma alma a quem despedaçam violentamente os laços que ás outras a prendiam e que, ao despedir-se chorosa, pede tambem uma lagrima em troca da sua dôr.

Morrer, quando, já encannecidos no viver, a cabeça por si mesma nos pende para o chão, sob o péso immenso dos annos e dos cuidados; quando a luz da vida, quasi a extinguir-se, nos indica que breve vem já o ultimo descanso; quando a alma, despida das illusões da terra, sem n'ella ter já a que prender-se, só aspira aos largos horisontes do céu; morrer, então, é pôr um termo á sua dor; é caminhar com passo firme em busca d'um futuro de ha muito almejado; é cumprir com peito alegre esta lei, a última que nos impõe a natureza.

Mas partir, quando se tem ainda uma alma; ardente d'aspirações infinitas; um peito, transbordando d'esperanças e d'affectos; quando no coração se sentem de contínuo medrar e desabrochar todas, quantas ellas são, essas flores mimosas do crer e do sentir, que nos esmaltam a vida, que nos saúdam, a cada passo mais que damos na senda do existir; quando esse existir nos sorri pelos vastos horisontes de mil brilhantes illusões, que gera a imaginação florida do mancebo, e que todas o fogo da sua esperança lhe promete realisar; oh! então a morte é o espectro que nos gela de terror, é um chôro partido e estridente como o estertor da agonia; porque então morrer é partir, deixando a vida, campo de mil flores que nos sorri, em busca d'um futuro de que só vemos trevas e incertezas!

Quando se é assim, Amigos, como todos nós somos, jovens e esperançosos, é então que se deve pagar esse feudo de sympathy áquelle que, como nós, se veio sentar, cheio de fogo e d'aspirações, no grande banquete da vida, mas a quem a morte veio colher ainda em principio, lançando-lhe da mão o calix, que apenas levava aos labios...

Dêmos pois uma lagrima ao que morreu.

ANTONIO TARQUINIO QUENTAL

OS ENGEITADOS E AS RODAS

Continuado do n.º 1, tomo II.

Deixal-o! um dia acuryado ao péso da justiça eterna, conhecerá toda a extensão da sua maldade!

A justiça d'este mundo não basta para tão abominando crime.

A expiação do remorso, elle cynico, não a teve, não pôde sentil-a a consciencia endurecida e calejada pelo hábito do crime.

Releve-se-nos a divagação, se o é, pois bem sabemos que n'esta questão não é para a mãe, e muito menos para o seductor d'ella, que devemos lançar os olhos, mas unicamente para o filho, orfão, e sem arrimo, que lhe garanta a vida, se não fôr a sociedade.

Fizemol-o, comtudo, para mostrar que não é para encobrir o crime dos paes, que nós dizemos que corre á sociedade o rigoroso dever de ser mãe adoptiva e desvelada do orphão desamparado.

Porém, dir-nos-hão uns, que, não querendo encobrir o crime dos paes, o favorecemos, e lhe damos azo, — porque a mãe, embora hesite, resolve-se facilmente a perpetrar o crime de abandono, vendo que a sociedade tem o dever de a substituir, e que effectivamente a substitue em todos os officios de mãe.

Os que assim raciocinam, não pensam, que a mulher, emquanto não devassou á sociedade o seu crime, procura escondel-o por todos os modos possíveis; não podendo esconder-se a si, occulta o signal que a descobre e atraíçoa.

Em tão dolorosa conjunctura, onde a reflexão é impossivel, a mulher toma por força uma resolução; — se recua (e nem sempre) diante do horror do infanticidio, vê-a-heis abandonar o fructo de seus prazeres illicitos á caridade individual, porque, na vossa opinião, a caridade pública não existe.

Será ella bastante? Não, de certo. A vergonha, o medo, e não poucas vezes as fatuas *conveniencias* da sociedade, constringem-na a igual resolução.

Se a mulher perdeu já o que a constitue verdadeiramente anjo sôbre a terra — o pudor — e que não receia mostrar-se á sociedade com a fronte emmagrecida pela devassidão; — essa mulher, incapaz de amor de mãe, sentimento puro e terno, que não pôde ter cabida em peito devasso e corrupto, não cuideis que amamentaria o filho, que gerára na orgia do lupanar.

N'este caso o infanticidio seria probabilissimo; o abandono certo.

Como na primeira hypothese, a caridade individual não bastaria, e « o sêr que respira tem direito á vida, deve prolongar-se-lhe a existencia (Droz). » Dir-nos-hão outros, que tudo deve restringir-se ao que se faz; estender a mais essa protecção aos engeitados, é avexar os municipios com impostos economicamente impossiveis.

Aos que assim opinam, respondemos com a franqueza de íntima convicção, que, se tudo deve limitar-se ao que ahi se faz, e ao *modo por que se faz*, preferiamos antes ir sentar-nos ao lado dos primeiros.

Dizemol-o sem disfarce: a protecção que ahi se

alardeia, não o é; — é um engôdo, uma falsa protecção.

O de mais, que a nossa sociedade consegue, amparando, ou *parecendo* que ampára os infelizes engeitados, é habilital-os para poderem, mais tarde, soffrer os baldões e vexames do infortunio, a que são condemnados pelo sacrilego abandono d'uma lei acanhada e imperfeita.

Melhor fôra deixal-os exhalar o ultimo vagido, ao relento, enregelados, do que insuflar-lhes quasi nova vida para, depois, os abandonar a todas as tempestades do mundo.

A lei, querendo evitar um infanticidio physico, commetteu, abandonando-os inconvenientemente, um infanticidio moral.

E evitará ao menos o infanticidio physico?

Seria preciso manchar os labios com a mais impudente das mentiras, para o asseverar affirmativamente, visto o que ahi se faz em as nossas rodas. Ahi não se educa; são antes estabelecimentos legaes para pôr em exercicio a lei terrivel de Malthus, como qualquer calamidade a executa.

Se não houver uma séria reforma, que faça até desaparecer os vestigios de sua existencia, podemos dizer, que um povo, que se diz culto e christão, tolera o que podemos chamar — *matadouros officiaes!* Mr. Benjamin Delessert, dizendo, a respeito dos hospicios dos expostos, a Mr. Lamartine — *La ouse fait périr les enfants aux frais du public* — definiu perfeitamente as nossas rodas.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

Sua Magestade El-Rei, tomando em consideração o que lhe foi representado pelo Conselheiro Reitor da Universidade, no seu relatorio de 28 de Setembro último, sôbre as diversas obras que se acham em andamento, e outras, que é necessario effectuar nos estabelecimentos da mesma Universidade: ha por bem, conformando-se com o parecer do referido Conselheiro, ordenar o seguinte:

1.º Que, além da continuação das obras nos edificios do Museu, e Collegio de S. Pedro, incorporados nos Paços das Escolas por Decreto de 30 de Maio de 1855; logo que se effectue a mudança já auctorizada das aulas do Lyceu Nacional do antigo Collegio das Artes, se deverá transferir para a parte d'este edificio, onde aquellas aulas se conservam ainda, o Dispensatorio Pharmaceutico, e as Enfermarias ora existentes no extincto Collegio de S. Jeronymo, que ficará destinado para n'elle se estabelecer uma enfermaria gratuita para estudantes pobres, e outra não gratuita para os, que não se achando n'aquellas circumstancias, quizerem ser alli tractados,

como é ordenado nos Estatutos, liv. 3.º, p. 1.º tit. 6.º cap. 1.º § 4.º

2.º Que, verificada a mudança do Dispensatório Pharmaceutico, se collocará alli, e nas salas e officinas do Theatro Anatomico, o Laboratorio Chimico, ficando incorporado no Museu o correspondente claustro com todas as suas officinas e casas em volta.

3.º Que, para o edificio do actual Laboratorio Chimico passará depois a aula e Gabinete de Anatomia e o Theatro Anatomico, feitas para este fim as competentes obras, e concluída a sua frontaria do lado do Museu.

4.º Que metade do primeiro andar do Collegio de S. Pedro contiguo ao Observatorio Astronomico será apropriada ao serviço dos Calculadores e mais empregados d'este Estabelecimento, durante as observações nocturnas, evitando-se assim a despeza da construcção d'uma casa, que teria de levantar-se de novo para esse fim.

5.º Que a Secretaria da Universidade, e as suas respectivas officinas, serão removidas do local, que actualmente occupam no primeiro andar dos Paços Reaes das Escolas, onde fôra mandada collocar por Portaria de 29 de Janeiro de 1855, para a parte do mesmo andar, que pertencera ao referido collegio de S. Pedro, devendo reunir-se alli todas as Repartições d'aquella Secretaria, e o seu Cartorio, ao qual se juntarão os livros e documentos, que ainda existem no archivo da extincta Junta da Fazenda, e que disserem respeito aos serviços e á historia litteraria e economica da Universidade.

6.º Que as obras no Jardim Botânico, e na parte do edificio do extincto collegio de S. Bento, que é destinada para serviço do Jardim, e Estabelecimento de Agricultura, serão incessantemente continuadas, segundo o plano já approvedo.

Outrosim determina Sua Magestade que o Conselheiro Reitor da Universidade louve, em seu Real Nome, os Lentes Directores do Museu de Historia Natural, e do Jardim Botânico, pelos relevantes serviços, que, segundo o mesmo Reitor informa, têm prestado aos estabelecimentos a seu cargo, nas obras e importantes melhoramentos, com que têm zelosamente concorrido para o seu engrandecimento.

Paço das Necessidades, em 11 de Dezembro de 1859.—Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

CANTA!

A EX.^{ma} SR.^a D. AMELIA JANNY

Virgem, fadou-te Deus a intelligencia;

Deu-te os dotes do espirito, que vencem

Em preço e duração todos os dotes.

Deu-te que os sentimentos, que te agitam,

Quer sejam de pesar, quer de alegria,

Em versos possas expressar cadentes.

Bella sómente, que serias?—Breve

Viria o tempo deslustrar as côres

De tua face mimosa. Como as outras,

Nos mais virentes annos da existencia,

Quando o mundo a sorrir convida aos gosos,

Fôra tua vida, por nocturnos bailes,

Gastar do dia algumas horas... Longas

As outras para ti seriam sempre. —

Breve a quadra fugira dos festejos,

Chegando a idade, que inimiga os tolhe;

E então, contigo a sós, longe do mundo,

Triste e inutil a vida te corrêra...

.....
Bella sómente — assim tua sorte fôra!

Mas não! — que o Eterno ás graças de teu corpo

Dom maior ajunctou, soprou-te a chamma

Da sacra poesia. — Venha a idade

Da formosura desfolhar-te as flores!

Fuja o mundo de ti — quando a suas festas

Não possas já servir de ornato e lustre!

Todos te evitem! — na poesia a socia

Sempre amiga terás da vida tua.

N'ella acharás consôlo, e certo allivio;

D'ella a tuas máguas manará remedio.

Fadou-te Deus poetiza! — e da tua lyra

Só sanctas, doces vozes tens tirado

De esperanza, de amor, ou de saudade.

A quantos deu consolação teu canto!...

— Um sepulchro se abriu; pesada campá

Para sempre occultou um d'esses anjos,

Que na terra — quaes flores — nascem, morrem —

Cofres de crepe a lyra harmoniosa;

Mestos sons tiras d'ella; o extremo VALE

Ao anjo dás, que á eternidade sobe.

O amante, o esposo, o irmão, vendo que ao d'elles

Unes teu pranto, que sentido brota;

Vendo em teus versos persistir eterno

Da extincta o caro nome, algum consôlto

Sentem no seio entrar, que — partilhadas —

Mas suaves as penas se lhes tornam.

Mas diz-me, cysne de mavioso canto,

Diz-me, quem foi, que te afinou as cordas

Da lyra, que dedilhas? Quem patentes

Os segredos te poz d'essa poesia,

Com que nos arrebatas tantas vezes?

A saudade? e de quem? sempre contigo

Seus dias passa a mãe, que te estremece;

Sempre no maternal, amante seio

A fronte podes repousar, donzella.

Foi o amor? — Mas o amor cantar não deixa,

Quando nossa alma de prazer cumula:...

Sente-se... não se exprime o amor ditoso.

Foi o amor infeliz? — Não posso crê-lo;

Quem deixaria de te amar, ó cysne?!

Quem foi então que te afinou as cordas

Da melodiosa lyra, que dedilhas?

Não sei, donzella, não! Anjo invisivel

Vae-te por certo murmurar á noite

Os peregrinos cantos, que modulas,
Nascida juncto ao poetico Mondego,
Em suas margens crescida, e tendo a alma
Facil de impressionar, de fogo cheia,
Talvez seja do rio o ignoto genio,
Que o verso teu harmonioso inspira.
Talvez; não sei, não sei! — Mas, seja embora
Genio ou anjo — que importa? — continúa
Modulando o alaúde; dá-nos sempre
D'esses cantos sentidos... — Do poeta
A missão é cantar — mentir-lhe é crime!
Coimbra, 11 de Janeiro de 1860.

EUGENIO A. DE BARROS RIBEIRO

A UNS OLHOS

Antes que os teus olhos,
De vivo luzir,
Olhando creassem
Meu ledor sorrir,

Que fitos nos meus
Com brando fulgôr
No peito accendessem
As chammas d'amor.

Sósinho no mundo
Sem vida vivi;
Que a vida que goso
Me veio de ti.

Desejos que sinto
No seio ferver
Dão alma, calor
A este viver.

A vida d'outr'ora
Passava a fugir,
Serena qual lago
Quieto, a dormir.

Ideias que tinha
De meiga expansão
Nenhuma movia
O meu coração.

Mas hoje, donzella.
O fogo brotou;
Ardente meu peito
Nos olhos te amou;

Teus olhos tão lindos,
De meiga expressão,
Dotaram-me a vida
De meigo condão;

Teus olhos, teus olhos,
No doce volver
Fizeram-me, ó virgem
Amar e viver.

8 de Dezembro.

A. A.

DEMONIO

Acabou-se o meu sonhar,
Desfez-se a minha illusão,
Era tudo um sonho vão,
E a minha divindade,
Não era na realidade
Um anjo, — não era, não;

Ai perdão! perdão meu Deus!
Pois julguei, que essa mulher,
Era um anjo lá dos céus,
Que ficara n'este mundo,
Perdido dos anjos teus.

Mas enganei-me, menti,
Tu não és um anjo, não;
Tu és harpia, és demonio,
Que este peito devoraste,
Que entre as garras laceraste,
Fibra a fibra o coração:

Anjo és, anjo maldicto,
Anjo és, do negro averno;
Porque o fogo da minh'alma,
Fogo d'este coração,
Ai! não é da terra, não,
Este fogo, é fogo eterno,
É só fogo de precito:

A ti mulher, que és um monstro,
A ti mulher, que adorei,
A ti mulher, que és demonio,
Que por idolo tomei;
A ti anjo, anjo maldicto,
A quem a vida entreguei;
A ti monstro, monstro horrivel,
A ti mulher refalsada,
A ti serpe, alma damnada
Por quem a vida vivia;
A ti só, inda mil vidas,
Se as tivesse, t'as daria...

F. DE SÁ MAGALHÃES

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^a, e Sr. Melchisedes & C.^a, *Livraria Central*, rua do Ouro; *Porto* — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pêso da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

Preços

COM ESTAMPILHA		SEM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Avulso — 40 réis.			

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 2, t. II.

VIII

Entendera Cormenin que o rustico, por ser rustico, nem por isso devia ficar privado d'esse pão do espirito, que é a leitura.

Partindo d'esta verdade, imaginou elle uma bibliotheca de 200 ou 300 volumes de materia comezinha e de facil digestão para o povo: cada conselho possui uma d'estas bibliothecas dividida em tantas menores, quantas as aldeias e logares que em si conta, e em relação a ellas numeradas. Cada uma d'estas livrariasinhas é enviada pelo administrador do concelho ao parcho de cada aldeia, a fim d'elle distribuir gratuitamente os volumes a quem d'elles precisar e os pedir, assentando o nome de cada leitor n'um rol, e riscando-o á maneira que se vier fazendo entrega dos volumes.

Depois de seis mezes passados, todas as obras que compõem a livrariasinha se devem achar em casa do parcho, que a remete á aldeia que tem a bibliotheca de numero immediato, recebendo em troca a que lá estava para o mesmo fim.

Passado tempo, quando cada aldeia tenha tido por espaço de seis mezes cada uma das bibliothecas parciaes, isto é, todos os livros do concelho por partes e por várias vezes, far-se-ha troca da bibliotheca toda com a do concelho seguinte, continuando sempre assim com o mesmo systema de leitura, de sorte que em poucos annos poucos livros terão, passando por milhares de mãos e através de milhares de intelligencias, feito o gyro do paiz, e levado a instrução aos mais necessitados, sem que para isso se exigam grandes despesas.

A este alvitre, tão simples como economico e proficuo, chamou Cormenin—Systema das Bibliothecas Ruraes Ambulantes.

IX

A bondade de tal alvitre por si e claramente se deixa ver. Realisar o desideratum da civilização moderna—a instrução do povo—em tão

Janeiro—1860

grande escala, tão bem, e por tal preço, cuidado que outro algum o poderá fazer melhor.

Nos primeiros annos poucos resultados bons se tirarão, porque ainda os habitadores dos nossos campos desconhecem as vantagens da leitura; mas, acostumados pelo uso, e, por assim dizer, aclimatados com o systema, e, maximamente, vendo os fructos que hão de colher os que leem, dentro em breve toda a população dos campos correrá em busca de livros e será com injustiça, que o soberbo habitante da cidade lhes poderá chamar—boçaes.

X

Na escolha dos livros é que se deve requerer toda a cautella, para que a instrução não degenere em leituras prejudiciaes ou sem proveito.

Deverá constar cada bibliothecasinha de pequenos volumes sôbre sciencias naturaes, medicina domestica, livros de religião, de agricultura, de politica geral, de administração, historia, geographia e viagens; tudo isto escolhido por pessoa versada e idonea.

Na nossa terra, nomeadamente, deve-se curar principalmente de os procurar ou traduzir em chã linguagem das estrangeiras, escolhendo entre todos os melhores e os mais uteis.

Comtudo é não acobardar, que ainda se acham livros bons e uteis, e os que não houverem podem bem supprir-se com versões dos melhores dos outros paizes mais adiantados que nós, n'este genero de literatura popular.

XI

Alguns livros ha, assentei eu, que estão no caso de percorrerem a estrada de tal missão: originaes portuguezes uns; outros vertidos em nossa lingua das estrangeiras. E que muito importa essa differença? já disse alguém que o genio não tinha patria: um bom livro, que appareça hoje, já amanhã falará todas as linguas, e será lido com ardor por todos, quantos elles são, os povos cultos do globo.

D'alguns livros sei eu, que satisfazem as exigencias: poucos em verdade são elles, mas bons, mas bonissimos: quasi todos conhecidos e amados do público; alguns não tanto: a todos o

nome do auctor lhes é caução. Folgo de ter fallado n'elles um pouco de longo, porque tão bons são, que lhes desejára ainda mais carinhos, mais diffusão por entre o povo. Com elles quizera eu se começasse a obra civilisadora das — Bibliothecas Ruraes.

XII

Aquelle, que primeiro convem que o povo leia e releia, e por elle seja mui manuseado, mui meditado, tem em si a propria recommendação: vem assignado por nome portuguez e dos maiores. D'elle disse Castilho — aquelle que em alguns paragraphos pretender julgar uma obra tão cheia, tão variada, tão germinal toda ella, como é este livro, provaria, ou que não a lêra, ou que não era digno de a ler. Nós a lêmos, a relêmos, temol-a ainda aberta, e aberta a deixaremos sobre a meza para novas meditações.

Seu titulo é:

ESTUDOS SOBRE A REFORMA EM PORTUGAL

POR

J. F. Henriques Nogueira

Não é um livro; é uma obra.

G. PLANCHE.

I

O livro cujo valor apregoámos, e ao qual outorgámos um primeiro e eminente logar na nossa ora ideal — mas tão realisavel Bibliotecasinha popular, é digno de tal occupar, sendo que entre todos é elle o mais util e accommodado á intelligencia do nosso povo — ainda mal — tão inculto, tão por mondar de cardos e ruins ervas, e, o que peor é, com tão pouca esperanza de proximo e util cultivo.

O auctor do livro, como bom philosopho, cura menos do que é, ou pôde ser, do que indaga o que em sã razão devêra existir: e ao tempo que, em succinto mas substancial quadro, alevanta o rude trabalhador ao nivel de seus direitos, não se mostra remisso no estudo dos deveres que se lhe oppõem; accrescendo ainda um catechismo acabado dos meios de realisação d'uns e de satisfação dos outros. Ajuntai ainda uma expressão clara, por correctá; uma viveza toda meridional de imagens; um finissimo tacto ou, por assim dizer, um como fáro mui mimoso no descubrimiento dos males sob que geme a sociedade; e a mão segura em alvitrar meios de prompto remedio; e em limitadas phrases havereis o livro.

II

Diz modestissimamente o auctor, que o livro não é mais do que a selecção de pequeninos estudos ácêrca d'esta ou d'est'outra reforma. Sobre modo maior é o seu merecimento, e em conta de maior obra o tenho eu. É um systema de orga-

nisação social completo e cheio; resumo, conciso sim, mas germinal das reformas, que ha mistér um povo e uma sociedade já gastos. Dai-me população e territorio, que meios de organizar um governo no livro os acho eu todos: mas governo racional, philosophico sem que seja irreligioso (e é este o dizer verdadeiro da palavra); governo, finalmente, como o deve ser um no seculo deseno-

Se desejaes um testemunho do seu bem querer, lêde no Prologo da obra, e vêde com que tocante singeleza resume elle, em poucas palavras, o seu credo politico e social, onde, a par do grande reformador, deparareis com o poeta e com o cidadão honesto, e amante da sua patria.

III

Eis os termos em que se expressa:

— Quizera que, n'um paiz como o nosso emancipado por cruentes esforços da tutela humiliante, egoista e sanguinaria da monarchia absoluta, cansado do regimen espoliador, traiçoeiro e facioso da monarchia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em luctas estereis e de cicatrizar feridas, que ainda gotejam, ávido em fim, de gozar as doçuras da liberdade, por que tanto ha soffrido; quizera que o governo do estado fôsse feito pelo povo e para o povo, sob a fórma nobre, philosophica e prestigiosa de — República.

— Quizera que o poder supremo, emanado do voto universal, residisse na assembleia dos representantes do povo; e que o poder executivo fôsse confiado a um ministerio de tres membros, nomeados pela assembleia.

— Quizera que a administração da justiça corresse imparcial, rapida e gratuita; que os serviços feitos ao paiz tivessem uma recompensa condigna; que os crimes achassem correção em vez de vingança; e que a pena de morte, vestigio maximo da barbaridade, fôsse abolida.

— Quizera que a guarda nacional, milicia gratuita, que não obriga o cidadão a abandonar as suas occupações, constituísse o grosso da força armada; e que o exercito subsidiario se reduzisse unicamente aos corpos scientificos.

— Quizera que a despeza publica fôsse inferior á receita; que se proscresse o ruinoso systema das dividas; e que a applicação dos rendimentos do Estado fôsse inteiramente productiva, illustrada e philanthropica.

— Quizera que a rede tributaria, que ameaça d'estancar o paiz, ficasse reduzida a um só imposto progressivo sobre a renda, cobrado sem despeza e realisado sem agio.

— Quizera que os capitaes, pela barateza do juro, auxiliassem a producção, em lugar de absorverem a maior e melhor parte de seus lucros.

— Quizera que o direito á subsistencia pelo trabalho tivesse nas officinas, colonias e obras publicas, uma util garantia; que o trabalho das

mulheres ganhasse uma área mais vasta, e que fôsse melhor retribuido.

— Quizera que a Agricultura, a Industria-fabril e o commercio recebessem do estado uma desvelada protecção, como fontes principaes da riqueza.

— Quizera que as estradas, os canaes, as bar- ras, e em geral, todos os meios de viação me- recessem a preferencia no extenso capitulo das nossas necessidades.

— Quizera que a communicacão do pensamento não achasse obstaculos; e que o correio fôsse inteiramente gratuito, tanto para as cartas como para os escriptos periodicos.

— Quizera que os orphãos, os doentes e os invalidos, que dependem da caridade pública, encontrassem nas casas de misericordia lenitivo para os seus males; e que se franqueassem a todos os operarios as instituições economicas e pre- ventivas da miseria.

— Quizera que os cuidados exercidos sôbre a saude pública conseguissem minorar e extinguir, se tanto fôsse possível, as causas de infecção, que vão minando gradualmente a robustez das gerações.

— Quizera que o derramamento da instrucção chegasse ás ultimas camadas sociaes; que a im- prensa pública se tornasse um instrumento de progresso; e que o estado protegesse o talento abandonado, que a falta de cultura não deixa medrar.

— Quizera que a religião de nossos paes não servisse de escudo a interesses egoistas e mun- danos, mas que acompanhasse o progresso da hu- manidade; que os bispos fossem, como n'outro tempo, eleitos pelo povo; e que os parochos se elevassem á altura de mestres e de moralisadores.

— Quizera que os interesses da localidade fos- sem attendidos primeiro do que tudo; que o ter- ritorio se dividisse para todos os effeitos em gran- des e bem regidos municipios; e que as aldeias tivessem os melhoramentos indispensaveis ao bem commum dos moradores.

— Quizera que a associação, origem de ma- ravilhas, se estendesse a todas as classes da so- ciedade e principalmente a aquelles que vivem do seu salario.

— Quizera que a familia, instituição primitiva e santa, não apresentasse o quadro odioso dos direitos de primogenitura, que dão a uns filhos a regalia de senhores, em quanto conservam outros na humiliação de servos.

— Quizera que a propriedade, direito natural e civilizador, se estendesse ao maior numero de individuos; e que, para completar a liberdade da terra, se permittisse a remissão de todos os encargos que a oneram.

— Quizera, por ultimo, que Portugal, como povo pequeno e opprimido, mas conscio e zeloso da sua dignidade, procurasse na — Federação — com os outros povos peninsulares a força, a im- portancia, e a verdadeira independencia que lhe faltam na sua tão escarnecida nacionalidade....

.....
Não ha querer mais nobre, aspirações mais sanctas; a par do grande philosopho, haverá ahi quem desconheça o poeta e o humanitario?

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do n.º 2, tomo II.

II

Era á hora do crepusculo d'uma tarde de Fe- vereiro. Em direcção ao cemiterio da horta de Fuencarral, em Madrid, caminhava um silencioso prestito, composto das maiores illustrações hes- panholas; acompanhando um ataúde, ornado de uma corôa. Esse ataúde encerrava os ossos de D. Mariano José de Lara, joven litterato hespa- nhol, morto quando começava a viver para o seu paiz. O prestito chegou ao cemiterio; o cadaver do infeliz trovador ia descer á sua ultima morada. O silencio era fundo; parecia que uma attracção irresistivelmente poderosa prendia aquelle cente- nar de homens, cheios de vida e d'illusões, aquella campa que encerrava dentro em si a ultima das realidades — a morte! Então Roca de Togores, dominado pelo sentimento geral, elevou a sua voz e commemorou 'num discurso a vida cheia de tor- mentos do fallecido poeta.

«Naquelle momento, diz um assistente, os nos- sos corações vibravam d'um modo, que se não pôde fazer comprehender aos que o não sentiram; que os mesmos que o sentiram terão olvidado, porque dos vãos d'alma, dos arrebatamentos do entusiasmo não se fórma ideia nem fica memo- ria.» Foi então que dentro d'aquelle grupo de ho- mens, dominados pela emoção, sahiu um joven desconhecido e leu, com palavras sahidas do co- ração e interrompidas pelas lagrimas, uma poe- sia, que Roca teve de lhe arrancar das mãos, por- que o poeta desfallecido pela emoção não pode concluir a sua leitura.

Foi sublime aquelle momento!

Esse mancebo havia traduzido em cadente e harmoniosa linguagem a emoção de todos aquel- les homens.

Ao pé do tumulo d'um grande poeta surgia ou- tro não inferior, como d'entre as fendas de fria campa brota o musgo viçoso. Esse joven era Zor- rilla. Desde essa epocha a sua reputação estava firmada; o prestito funebre do Lara, foi o cortejo triumphal de Zorrilla.

III

O poeta nasce, não se faz; disse um litterato hespanhol; e enunciou uma grande verdade. Para ser poeta é preciso sentir; e Deus foi aváro d'esse bem na distribuição das qualidades humanas. Para ser poeta não basta saber rimar, como para ser

pintor não basta saber traçar sobre a tella algumas figuras.

Mas ha momentos, que fazem cantar o poeta com mais harmonia, que o fazem soltar estrophes mais sentidas; e é d'então, muitas vezes, que elle nasce, ou se revella aos outros. ¿Não foi a poesia — *Os Desterrados*, — recitada perante um povo, que se estorcía de afflicção, por vêr partir para os sertões d'Africa quarenta irmãos d'armas, que fez a gloria litteraria e popular de Palmeirim? ¿Não veio augmentar a fama de J. de Lemos a sua poesia — *O Funeral e a Pomba* — inspirada por uma catastrophe, que a todos commoveu; ¿Mendes Leal não subiu, ha pouco, um degráu mais na consideração pública, ao fulminar no seu — *Pavilhão Negro* — a offensa do direito pela força, o ultraje, que enlameou o pavilhão da França?

Assim aconteceu com Zorrilla. Foi essa poesia recitada perante o cadaver de Lara, e escutada por um auditorio, mágoado pela fatalidade de tão grande perda, que fez conhecido na Hespanha o nome hoje glorioso de D. Jozé Zorrilla. Transcreveremos logo essa poesia, não pelo muito valor, que ella encerra, mas para mostrar o ponto de partida do genio do nosso poeta. E já que fallámos n'esse ponto, talvez capital, da vida de Zorrilla, apresentaremos primeiro um esbôço de sua biographia.

D. José Zorrilla nasceu em Valladolid aos 21 de Fevereiro de 1817, e é filho de D. José Zorrilla e de D. Nicomedes Moral.

Passou na sua patria os seus primeiros annos; frequentando depois em Madrid — *El Seminario de Nobles*. — A sua paixão dominante era então o theatro, e tanto que aproveitava todas as occasiões, que podia furtar ao estudo, para assistir ás representações theatraes.

Em 1833 retirou-se ao gremio de sua familia, onde em lugar das risonhas scenas do lar domestico, achou tristes decepções. Obrigado por seu pae foi cursar em Toledo; estudando alli mui pouco o primeiro anno juridico; até que depois foi enviado a Valladolid para continuar a sua carreira.

Sempre objecto d'uma vigilancia continua, e sabendo que seu pae estava muito irritado contra elle, tomou a resolução de fugir, o que effectuou em Lerma. É para elle de notavel, n'este anno, o ter escripto n'um jornal a sua primeira poesia chamada — *Elvira*, no — *Artista*.

Entrando em Madrid, passou ahi algum tempo riquissimo de esperanças e pauperrimo de meios, até que, a 15 de Fevereiro de 1837, assignalou ahi a sua entrada no mundo litterario do modo notavel, que acima referimos. Poucos mezes depois, deu á luz o primeiro volume das suas poesias, com um prefacio do celebre escriptor Pastor Dias; e tendo á frente a poesia feita á morte de Larra.

Não é nosso intento seguir Zorrilla em todas as phases de sua aventureira vida; por isso passaremos a examinar as suas producções, começando

por apresentar as poesias de que acima fallámos, não em portuguez, que a lingua hespanhola todos a entendem entre nós, e por alguns vae sendo ouvida com prazer.

À LA MEMORIA DESGRACIADA DEL JOVEN LITTERATO

D. Mariano José de Lara

Ese vago clamor, que rasga el viento,
Es la voz funeral d'una campana,
Vano remedo del postrer lamento
De un cadaver sombrio y macilento,
Que en sucio polvo dormirá mañana.

Acabó su mision sobre la tierra,
Y dejo su existencia carcomida,
Como una virgen al placer perdida
Cuelga el profano velo en el altar.
Miró en el tiempo el porvenir vacio
Vacio ya de ensueños e de gloria,
E se entregó a ese sueño sin memoria
Que nos lleva á otro mundo á despertar!

Era una flor, que marchitó el estio,
Era una fuente, que agoló el verano;
Ya no se siente su murmullo vano,
Ya está quemado el tallo de la flor!
Todavía su aroma se percibe,
Y ese verde calor de la llanura
Ese manto de yerba y de verdura
Hijas son del arroyo creador.

Que el poeta en su mision
Sobre la tierra, que habita
Es una planta maldita
Con frutos de bendicion.

Duerme en paz en la tumba solitaria
Donde no llegue á tu cerrado oido
Mas que la triste y funeral plegaria
Que otro poeta cantará por ti
Esta será una offrenda de cariño,
Mas grata, si que la oracion de un hombre,
Pura como la lagrima de un niño
Memoria del poeta que perdi!

Si existe un remoto cielo
De los poetas mansion,
Y solo le queda al suelo
Ese retrato de yelo
Fetidez y corrupcion.

Digno presente por cierto!
Se deja á la amarga vida!
Abandonar un desierto
Y darle á la despedida
La fea prenda de una muerto!

Poeta, si en el no ser
Hay un recuerdo de ayer,
Una vida como aqui,
Detrás de ese firmamento...
Consagrame um pensamento
Como el que tengo de ti!

Se avaliássemos Zorrilla só por esta poesia, não lhe acharíamos grandes ideias, nem d'esses versos, que arrebatam; acharíamos pouco: algum sentimento e mais nada. Mas a aguia, quando começa a voar; só desprende pouco as azas; vae d'um rochedo a outro; mas depois — é a rainha das aves, mirando direita o rei dos astros, logo veremos Zorrilla apresentar-se como um grande poeta.

(Continúa)

F. BEIRÃO

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 1, tomo II.

CAPITULO II

No qual se falla, entre outras trapalhadas, d'um cão e d'uma linda trança de cabelo.

A senhora D. Luiza Bibiana de Castro era uma menina, linda como os amores, fresquinha como uma alface, viva como o azougue, traquina como uma borboleta.

Tem de altura um metro; de circumferencia uns quinze, com balão e tudo.

Quando anda, toda se rebola: quando está de pé, toda se mira; quando está sentada, toda se requebra.

É vel-a e admiral-a. Não ha alli nada que se deite fóra.

A cabeça inclinada diz ternura; os olhos languidos dizem meiguice; os purpureos labios anciaem beijos.

Que thesouro de formosuras!

No mesmissimo dia exactamente, e ao tempo que Pedro Pereira saía de casa, chamava ella a sua criada de quarto.

—Que horas são, Mathilde?

—Deu agora mesmo meio dia, minha senhora.

—Ah! cuidei que era mais tarde. O papá já perguntou por mim?

—Não, minha senhora: elle ergueu-se ás dez horas, almoçou e saíu logo. Ainda não veio.

N'este meio tempo sentiu-se chiar a porta, que ficára com uma fissa aberta.

—Ai o meu *Rigoletto*, coitadinho, que está alli a morrer com frio!—exclamou a menina: dá-me para aqui o *Rigoletto*, Mathilde. Bem. Vai-te agora embora, e não venhas cá sem eu te chamar.

O *Rigoletto* era um canito inglez, muito fel-pudo, e com duas orelhas maiores do que elle.

Trazia uma colleira muito larga de seda carmesim, onde havia bordada a torçal verde uma palavra franceza — *souvenir*.

Era uma excentricidade da amavel dona gostar das palavras francezas, porque as não entendia.

Agora não sejamos indiscretos, amigo leitor. Saíamos do quarto, e deixemol-a sósinha com o seu *Rigoletto*. Vamos ver a criada, que vale a pena.

Era uma moçoila alta, pallida, e com um olho vesgo, natural, salvo erro, de Farinha-Pôdre.

Quem não souber a topographia do paiz, fique sabendo que Farinha-Pôdre é uma povoação muito nomeada, no coração da Beira.

Tinha vindo para a cidade ao cóllo da mãe, e tinha-se sempre occupado no proveitoso myster de servir-se a si á custa dos outros. N'aquella casa estava para acabar o primeiro anno, e dava-se

com a menina ás mil maravilhas. Eram quasi da mesma idade, e tinha a grande vantagem de lhe não excitar inveja em frente do espelho.

E estes dois motivos bastam para ligar duas mulheres na posição d'aquellas, ainda que outros não haja.

As distincções de classes entre mulheres são ôdres cheios de vento. Toque-lhes o mais pequeno bico de interesse, e ficam logo em nada.

Depois de ter dado o cãosinho á sua senhora, Mathilde saíu muito com geitinho, fechou a porta do quarto, e achou-se n'um gabinete de touca-dor, todo aromatisado.

Sentou-se, e esperou.

Estava quasi para adormecer, quando sentiu tocar a campainha da escada d'um modo particular.

Levantou-se de repente, como se lhe tivesse mordido uma vespa, e esfregou os olhos.

A campainha tornou a tocar.

Dirigiu-se primeiro á porta do quarto da ama, e escutou.

Não se ouvia o menor ruído.

—Dorme:—pensou ella.

E sem demorar um instante, correu á escada.

Através das grades da cancella viu um homem, e abriu immediatamente.

—Vá dizer á senhora, que desejava fallar-lhe: disse este ainda no topo da escada, e entrou em seguida para uma ante-sala, que lhe ficava á direita.

—Ella ainda está recolhida, redarguiu a criada, sem parecer extranhar o desembaraço do hospede.

—Talvez não; ella bem sabe que a haviam de procurar. Entregue-lhe simplesmente este bilhete.

—Mas se ainda agora de lá venho, e recom-mendou-me que não lhe entrasse no quarto sem ella chamar.

A visita não se formalisou com a recusa da criada. Pelo contrario, sorriu-se, e insistiu em tom mais brando:

—Ora vamos, Mathildinha, tu és uma boa rapariga, não te estejas agora a fazer grave, que quem perde sempre és tu. Eu preciso fallar-lhe já.

Ou fosse que o diminutivo adocicado e o tom melifluo tivessem alguma influencia, ou o que quer que bem fosse, o que é facto averiguado é que a moça apenas por formalidade ainda pôz uma objecção.

—E se a senhora ralhar commigo pela ir acordar?

—Diz-lhe o meu nome.

É uma resposta que parece uma extravagancia de orgulho: mas a criada achou-a satisfactoria, e saíu logo.

O visitador tirou o chapéu, poisou-o sobre uma meza, e poz-se a passear trauteando uma ária da *Favorita*.

Era um mancebo de seus vinte e dois até vinte e cinco annos, elegante e bem trajado. Tinha uma cara amenizada, onde brilhavam dois olhos

castanhos á flor do rosto, e um ar de riso constante. que deixava verem-se-lhe uns dentes brancos de jaspe. Não se lhe via signal de barba.

A criada voltou pouco depois:

— Queira v. s.^a fazer o favor de esperar um bocadinho, disse ella com modo muito cortez.

— O senhor Castro está em casa? perguntou o nosso homem.

— Não, meu senhor. Nem virá tão depressa. Em elle saindo de manhã, sempre se demora.

O dialogo terminou aqui, porque a senhora tocou a campainha, e Mathilde introduziu o mancebo na sala, e entrou ella por uma porta em frente.

D'ahi a instantes fez-lhe signal de entrar tambem.

O mancebo não se fez instar, e se bem que não era aquella a primeira vez que lhe concediam tamanho favor, acudiu-lhe o sangue todo ao coração e vacillou. Ia achar-se em frente d'uma mulher que elle divinisara na ara sacrosanta d'um amor ardente, e n'essa hora nem elle mesmo saberia explicar o desusado tremor que sentiu. Aquella mesma porta a tinha elle entrado muitos dias com o coração trasbordando de prazer, e agora tinha desejos de voltar para traz, e sem saber por que.

A criada tinha-lhe dito que Luiza ainda estava recolhida quando elle chegou, e essa circumstancia, em que então nem reparara, lembrou-lhe agora. Nunca d'antes tal acontecera, contando com elle. Haveria alguma quebra no amor de Luiza?

Foi esta ideia que o fez estremecer, e por essa attracção irresistivel com que o abysmo nos arrasta, deu mais dois passos firmes, e entrou.

Luiza estava involvida n'um vasto mandrião de cachemira escura, com os cabellos apanhados n'uma rede de retroz.

— Como te esperava anciosa, meu querido Joaquim: — exclamou ella saindo a enconral-o, e tomando-lhe a mão: como és bom, e como eu te amo!

O pobre moço ficou louco. Esqueceu logo todos os seus presentimentos de boa razão.

Caiu-lhe aos pés, e cobriu de beijos a mão que apertava a sua.

Que lhe viessem dizer n'essa hora que essa mulher não era um anjo de amor, de innocencia, de fidelidade, que elle acreditaria primeiro que pelo fundo d'uma agulha podia passar um calabre.

Ninguem se semelha mais com um tolo do que quem ama.

— Eu tambem te amo muito, Luiza, muito: nem tu ainda sabes o quanto eu te amo! murmurou Joaquim com voz tremula de commoção. O dia em que me faltasse o teu amor era o ultimo da minha vida. Sinto-o aqui dentro, sinto-o n'estas palpitações violentas, que não posso moderar quanto estou proximo de ti, e que se uma vez parassem era para nunca mais!

Estas e quejandas coisas dizem-se ahi todos os

dias, a todas as mulheres, e, quando ha occasião, a duas e tres no mesmo dia: mas pouquissimas vezes se sentem.

A gente aprende aquillo quando tem dezeseis annos, como aprendemos o padre-nosso quando temos tres. Quando se entra na egreja, diz-se o padre-nosso: quando se está com uma mulher, repete-se-lhe aquella ladainha.

Nem d'outro modo podia ser.

Pois em que se póde fallar com uma mulher?

Eu de mim confesso aqui chã e rasamente a minha insufficiencia. Quando por qualquer motivo, commum ou particular, não posso ou não devo dar entrada por aquelle campo, fico mudo como um tumulo.

E é porque realmente não sei que lhe hei de dizer. Para fallar em litteratura faço-me desentendido, e passo por massador; para fallar em bordados, tenho medo d'alguma syllabada, e dos risinhos assolapados; para fallar em modas e *toilettes*, como ellas dizem, era-me necessario um dictionario para entendel-as; em que pois?

Ponto em bôca, e nem pio. É o meu recurso.

Mas em abono da verdade sômos obrigados a dizer que o nosso heroe não estava no caso da maior parte. Peço para elle uma das muitas excepções honrosas, que sempre se costumam conceder nas proposições geraes.

Se por isso tinha mais juizo, é questão á parte, de que me não metto juiz. Uns dirão que sim, outros que não, conforme a disposição individual com que virem a cousa.

Joaquim era um character ingenuo e ardente, como hoje são raros e rarissimos em terras maiores do que Coimbra, onde a civilisação vae de foz em fóra.

Havia tres semanas apenas que conhecia Luiza de tracto, e estava ainda muito longe de conhecê-la de consciencia. Não sei se me faço entender. Mas supponhamos.

Nem elle mesmo procurava occasião, senão que aos seus mais intimos occultára aquellas relações, como se occultam sempre instinctivamente as afeições sinceras.

Todos os dias lhe escrevia longas cartas de verdadeira poesia; e uma ou duas vezes por semana vinha fazer-lhe aquella visitinha, onde se demorava dez a quinze minutos em visão beatifica, sempre em dias que ella determinava.

A unica bagatella que lhe fazia impressão era o ar de mysterio a que o tinham obrigado. A principio tinha fallado n'isso a Luiza, e tinha-lhe dicto francamente a sua extranheza.

A menina respondeu que talvez o papá não gostasse, e que ella não podia privar-se do gosto de o vêr.

— Mas se teu pae não gostar, veremos então o que se poderá fazer: insistiu elle. Eu venho aqui um dia fallar com elle, e dou ao nosso amor o seu verdadeiro character.

— Deus nos livre d'isso, meu anjo. Nunca deixar o certo pelo duvidoso. E elle recusa?

Joaquim não respondeu nem se contentou. Ia esperando.

N'este dia a sua visita foi como as do costume. Demorou-se um quarto de hora a rever-se na sua bem amada, o que o povo chama na sua linguagem symbolica — papar moscas, e saiu com a alegria no rosto e a saudade no coração.

Pôde contar de certeza com o reino do céu.

Luiza chamou a criada e começou com o seu *toilette* da manhã.

Não veio ainda hoje carta nenhuma, Mathilde? — perguntou ella em quanto esta lhe desatava pelas costas abaixo uma magnifica trança de cabellos loiros.

— Não, minha Senhora.

— Ha quantos dias vão lá os desesete do mez?

— Já ha muito: ha mais d'uma semana.

— O sr. Cesario não me tem procurado?

— Que eu saiba, não.

— Parece incrível... Vae vêr quem é, Mathilde.

Tinham batido á escada.

A criada saiu, e voltou logo.

— Era esta carta, minha Senhora.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

CHORA!

Poesia dedicada á Ex.^{ma} Sr.^a D. Mariana Pinto Casal, por occasião da morte de sua joven e virtuosa filha, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Amélia Adelaide Pinto Casal.

Chora, chora, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha d'essa rosa
Recorda o que já foi teu.

J. DE LEMOS.

Chora, chora, que o pranto é consôlo
P'ra quem tudo no mundo perdeu,
Quem soffrendo mil golpes cruentos
Das venturas da vida descreu!

Chora sim, porque a mãe extremosa,
A quem Deus uma filha roubou,
Isolada d'esp'rança e de gozos,
Só no pranto prazer encontrou!

Oh! é triste, Senhor, é bem triste,
Tão sósinha no mundo ficar,
Vêr a filha tão qu'rida e adorada,
Da existencia na flôr expirar!

Vêr um corpo gentil, gracioso,
Para sempre na campa escôndido;
Nunca mais em seus labios um riso,
Nem do peito soltar um gemido!

Pobre Mãe! quantas vezes tua mente
Exaltada a procura, e a vê,
A pedir ao Senhor, a rogar-lhe
Que nas máguas coragem te dê!

Quantas vezes a vês innocente,
Leve somno no berço dormindo,
E depois despertando a sorrir-se
Com seus braços teu cóllo cingindo!

Tu a vês quando meiga e sollicita
A chamar-te — mamã — a ensinaste,
Quando presa p'las mãos tenras, niveas,
Os seus passos mal firmes guiaste!

Inda lhe ouves a voz argentina
Balbuciando sentida oração,
Que brotava espontanea e tão pura
Do mimoso, infantil coração!

Tu a vês... — ai lembrança funesta —
Nas terriveis angustias da morte,
Resignada pedir-te, e risonha
— Minha Mãe, oh! bem diz minha sorte!!!

Minha Mãe, sou ditosa, no mundo
F'lecidade jámais conheci,
Só dos labios o riso nascia,
Sempre triste e chorosa vivi!

Nunca tive ambições que não fossem
Sempre, sempre contigo viver,
Adoçar-te os amargos pezares,
E contigo abraçada morrer!

Oh! a morte é suave; mas soffro
Porque ficas sem mim, minha Mãe.
Com que amor me criaste! — e agora
P'ra animar-te não fica ninguém!!

— Era eu só!... Nunca tive um segredo,
Nem um gôso em meu seio habitou,
Nem a côr da funerea tristeza
Da minh'alma a pureza enlutou,

Que não fôsse dizer-to — ai, bem sabes
O amor que eu te dava; mas Deus
Quer, ó Mãe, que eu te deixe p'ra sempre,
E que viva entre os anjos nos céus!

Vou morrer, minha Mãe — da existencia
Vão-se os laços terrestres quebrar;
Desprendida do fragil invol'cro
Vae a alma p'ra Christo voar!

Mãe adeus!... E não mais: tudo é findo.
Tudo gêllo — o calor se extinguiu...
Aos jardins sumptuosos do Eterno
Outra flôr preciosa se uniu!!!

Tu a vês. É visão, é um sonho.
Do passado—lembrança e não mais—
Fumo tenue que o vento dissipa,
Que a junctar-se não torna jámais!

Nada escapa á corrente dos tempos.
Tudo corre p'ra o termo fatal.
Juventude, velhice ou belleza
Contra a morte, que importa, que val?!

Que se espera na vida? Só pranto,
Que o soffrer em nossa alma vazou;
Mas ao menos nas trevas que a cercam
Luz d'esperança no céu se espalhou!

.....
.....

Chora, pois, porque o pranto é consôlo
P'r'a mãe triste que a filha perdeu.
... E um dia com ella p'ra sempre
Gozarás as delicias do céu!!

Coimbra, 10 de Janeiro de 1860.

AMELIA JANNY

A ESTRELLA

(N'UM ALBUM)

Emilia, teu meigo nome
Evoca terna emoção;
Tem p'ra mim dôces lembranças,
Saudosa recordação.
Se acaso fosses traslado
Da virgem a quem hei dado
Alma, vida e coração,
Eu te offertára contente
O dôce affecto de irmão;
Mas eu que não te conheço,
A tua alma apenas meço
Peló teu nome gentil;
Pois quem tem tão lindo nome
Por força deve ser bella;
Inda mais do que alva estrella
Deslisando em céus de anil:
Lindos devem ser teus olhos,
Vibrando ardentes centelhas,
E tuas faces vermelhas
Devem ser bellas sem par;
Deve ser todo o teu rosto
De graças lindo composto
Que nos venham revelar
D'essa alma o dôce scismar.
Olha, virgem, que o retrato
Que phantasio na mente,
É tão bello, tão ardente,
De mil graças seductor,
Que se mais um verso faço,
A custo aqui mesmo traço
Terno protesto... d'amor.

18..

A. A.

ANJO

Ai, mulher! tu és um anjo!
Pois ninguem ha, certo não,
Que tenha meu coração,
Que o arraste, que o deslumbre,
Como tu, de certo não!

És um anjo que pousaste
Cá n'este valle de amarguras,
Que vieste alliviar-me
Das minhas negras tristuras,
N'este medonho soffrer,
A que chamâmos viver.

És um anjo! sim, de certo,
Pois o teu singello olhar,
D'esses labios o fallar,
Os olhos de negra côr,
O riso divino teu,
E das faces o pallor;
Dizem sim, dizem amor,
Mas um amor lá do céu.

Anjo és tu, só tu, meu bem!
Como não pôde outro haver,
Como não ha mais ninguem,
Como a terra mais não tem,
Anjo és tu, só tu, mulher!

F. DE SÁ MAGALHÃES

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo
sr. Utrera, trad. de V. da Silveira—Vende-se:
em Coimbra—240 réis; fóra de Coimbra nas mes-
mas lojas dos srs. Commissarios da redacção dos
PRELUDIOS-LITTERARIOS—300 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coim-
bra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^ª, e Sr.
Melchíades & C.^ª, *Livraria Central*, rua do Ouro;
Porto—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu*—Sr.
Francisco Gomes Pinto; *Péso da Regoa*—Sr. Manuel
Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *La-
mego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr.
Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pe-
reira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira;
Faro—Sr. Feliciano José Alves Braga.

COM ESTAMPILHA*		SEM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez—120 réis		Avulso—40 réis.	

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 3, tomo II.

IV

Economista profundo, é um poeta e pensador; o illustre democrata, á maneira que nos apresenta uma das suas muitas, mas bonissimas reformas, não pôde, precipitando o tempo pela imaginação, deixar de nos entoar um dos seus hymnos tão entusiastas, tão intimamente consoladores de esperança no futuro para o pobre, o desvalido proletario.

A inspiração é tanta, a crença é tão forte, a fé é tão viva, que bastas vezes o tomarieis por um d'esses prophetas que nos pinta a antiguidade, a anathematizar os máus, de sobre esboroadas ruinas, a aviventar no coração dos bons a emmurhecida esperança em melhores tempos e mais christãos.

Ao ver tantas promessas de ventura, muitos, d'incrédulos, se negarão a dar-lhes fé; muitos lhes chamarão sonhos febris d'um sentido scismar de poeta: mas nenhum se atreverá a apodal-os de veneno ou de maldade. Muitos dirão com o poeta:

Vãos desejos, talvez; mas bons, decerto.

Mas nenhum terá força de lhes lançar o anathema terrível, com que, verdade é, o seculo sõe pagar as ideias boas e nobres.

Quiçá cedo é, para diffundir a vontade de reformas: seja; que o não é: quem acampa nos arraiaes longinquos e desertos do futuro, e o aguarda sereno e firme na sua fé, tem uma nobre missão: — a de abrir e esclarecer, sentinella do porvir, a estrada da nova era, que outros, vagarosos, de prudentes, só mais tarde pisarão.

Não é tarde; que o mundo foge no infinito do espaço e caminha direito ás regiões encobertas do futuro; e, quando o seculo aperta o passo, não ha face de verdadeiro democrata, que deva pejar-se de o acompanhar n'este caminhar providencial.

Se é sonho, a sonhar por sonhar, mais val, como diz Pelletan, o sonho que diz a tudo quanto soffre cá na terra:

— Levanta-te, e espera!, do que o que lhe repete: — Soffre, que para o teu mal não ha salvação nem lenitivo!

Fevereiro — 1860

FELICIDADE PELA AGRICULTURA

POR

Antônio Feliciano de Castilho

Da terra saímos; á terra volvemos:
A terra nos veste, nos traz, nos mantem.
Quem mais do que a terra merece os extremos,
Que obtem dos bons filhos a próspera mãe?

A. F. CASTILHO

I

Eis agora aqui um livro, que, em meio da geral fermentação de tumultuosas paixões e ambições immoderadas que agitam as nossas modernas sociedades; em meio d'este lamentavel estado de geral descontentamento e desgosto de que todos mais ou menos somos victimas; quando, segundo judiciosamente observa Aimé Martin, o artista descrê da arte, o padre de Deus, o mancebo do futuro, e até a mulher do amor, e nem um só tem o menor vislumbre de esperança na felicidade com que ainda pôde topar no estado que lhe deparou a providencia; eis agora—digo eu—um livro que, em meio de tudo isto, nos promette essa almejada felicidade, que nos aponta o como a poderemos alcançar, que o prova—e o que mais é—não fala em referencia aos grandes, aos poderosos, aos que por si têm todos os dons da fortuna, mas ao pobre, ao desvalido, ao que chora e sofre em meio das trevas da ignorancia, da miseria, quasi, direi, da servidão.

É mistér ser-se um grande poeta—poeta de muito crer e muito esperar—para poder lançar um olhar seguro por sôbre todas essas populações miseraveis dos nossos campos—orphãos da moderna civilisação—palpar-lhes todas as feridas, ouvir-lhes todos os queixumes, conhecer todo o fundo de seus males, e vir depois ainda crente, mais crente talvez do que nunca, entoar um hymno de esperança e felicidade para esses que por cruel ironia só lhe respondem com lagrimas e gemidos.

II

É que o poeta recebeu de Deus o condão mago de ler na noite de arredado futuro; de ver luz e muita luz ahi aonde outros só vêem trevas; flores de amor e de vida, aonde para muitos só brotam os goivos do sepulchro.

Esse lê bem, que assim lê em letras de ouro páginas de esperança e felicidade no grande livro dos destinos da humanidade.

Grê e espera — mas não lhe vem só do coração — do seu condão de poeta — essa crença e essa esperança. Estudou, pensou, viu muito pelos olhos da sua intelligencia, e n'este estudo firmou elle em grande parte essa crença, que lhe dá a força de prometter ainda felicidade e muita felicidade para os campos, para os habitadores dos campos e para todos por via d'elles.

«Aconselhar a agricultura ao povo, diz o auctor, é aconselhar-lhe a propria felicidade.»

Veremos se o alvitre é tão bom como se apregôa, se não cegou o poeta a propria inspiração.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUINTAL

UM AMOR DE ESTUDANTE

No anno lectivo de 1856 a 57 frequentava eu o primeiro anno da eschola do exercito.

Que differença entre a vida do estudante em Lisboa e a vida do estudante em Coimbra!

Aqui, irmãos todos, os que trajam uma batina, todos nos conhecemos, todos nos encontramos, todos nos auxiliámos; lá, desconhecidos pela maior parte, mal nos cortejámos nas aulas, mal nos entrevemos alli, mal trocámos uma palavra.

Costumado a esta vida essencialmente franca e livre do estudante de Coimbra, a estas nossas conversas, que, se não versam sobre os estudos, sobre a boa lição d'um condiscipulo, sobre a bella prelecção d'um professor, tractam dos nossos communs interesses, tractam dos nossos actos, tractam das nossas aspirações, das nossas esperanças futuras, ou servem então de campo ao desinvolvimento d'um espirito alegre e natural, — ao vêr-me alli rodeado d'uma infinidade de condiscipulos, todos extranhos para mim, que apenas encontrava nas aulas, como cumprindo um custoso dever e falando só nas conversações, as mais palpitantes de interesse para elles, do baile do ministro da Russia, do beneficio do tenor de S. Carlos, dos trens do Marquez de..., da politica do ministerio, etc. etc., — passavam-se-me os dias longos e tristes, e recordava com saudade a vida de estudante, que tinha deixado ha pouco.

Aquella quasi a não podia considerar como tal; o estudante vive para os seus livros e companheiros no estudo; o mais são incidentes, são distracções, que elle aproveita para matar as poucas horas, que lhe restam livres dos seus affazeres litterarios.

Alli não; o chamado estudante não é assim: vive nos passeios e cafés, gosa nos theatros, ama os bailes, mas definha-se em sua casa e morre em frente d'um compendio.

Isolado no meio d'uma grande cidade, entregue todo ao trabalho das minhas sete aulas, não con-

vivia com ninguem, e era a minha vida monotona e aborrecida.

Por este instincto, por esta necessidade, que tem o coração, de encontrar um outro afinado pelo seu, com quem se entenda, debalde lançava a vista por sobre a multidão de pessoas, que encontrava, e por todos os meus proprios condiscipulos, a vêr se depararia alguém com quem travasse intimas relações. Ainda não podera conciliar mais que leves conhecimentos.

Proximo da nossa eschola ha um pequeno jardim aonde ás vezes passeavamos até a hora da entrada das aulas. Um dia, quasi no fim da primeira época, andava eu alli só, quando, ao passar juncto d'um pequeno caramanchão de éras e madre-silvas, ouvi, como o grito da alma, em que se transluz uma dôr funda, energeica, incuravel, uma voz que dizia meia abafada:

— Oh! que vida... que vida, meu Deus!...

Parei, e levado pelo impulso do homem a socorrer um desgraçado, que se encontra, despertando tão bruscamente dos sonhos vagos da minha imaginação, procurei vêr quem poderia alli, sósinho como eu no meio da grande vida, que nos cercava, tentar espargir as suas máguas e lastimar-se em voz tão afflictiva.

Deparei então com um condiscipulo, que mal ainda tinha entrevisto na eschola: tão poucas vezes elle apparecia juncto de nós, e parecia até querer fugir-nos! Sentado sobre um banco de cortiça, tinha a seu lado o bonet e os livros, e com os olhos fictos no chão, descansava a cabeça sobre a mão direita, que, encrespada por entre os cabellos, parecia com um movimento convulso apertar-lh'os e querer arrancar-os n'esse aperto. Demasiadamente pálido, os labios de momento a momento se lhe contraíam levemente. Surdo e como fixo em um só pensamento não deu por a minha aproximação.

Era elle Alberto de Castro, sargento de caçadores, que frequentava o curso de infantaria. Tendo concluido os seus preparatorios na eschola polytechnica viera para a do exercito, e desconhecido de todos, apenas se dizia ser um rapaz pobre, do Minho, que fizera uma figura distincta nos seus primeiros estudos, mas que tinha seu que de magico. Dera já este anno uma brilhante lição em uma das aulas, mas ha tempo parecia não fazer caso d'ellas; dava faltas, saia antes da hora e ás vezes nem trazia os compendios.

Nunca tinha attendido nem áquelles boatos, nem á pessoa, que os fizera nascer. Reparei então em Alberto. Era um rapaz de vinte annos quando muito; de physionomia insinuante e sympathica e talhe elegante, trajava uma farda de saragoça fina; seu cabello d'um castanho claro, era comprido, mas trazido em estado de abandono; um quasi imperceptivel buço lhe assombrava o labio superior, e parecia invariavelmente fixo na mesma posição em que fôra surprehendido por mim.

Respeitei a dôr, que o devia prender n'aquelle estado, e procurando fazer o menor ruido possi-

vel, ausentei-me d'alli pensando n'elle. Não sei o que lêra em sua physionomia abatida e triste, que fizera vibrar em mim uma voz interior, que me chamava para elle.

Ritirei-me pois, e passado algum tempo, ouvi dar na torre da Bemposta a hora da entrada para a aula; corri apressado para não faltar, e entrando reparei, que Alberto não tinha chegado ainda. Após uma aula veio outra, que elle não devia frequentar, e por fim uma outra a que faltou. Terminada esta, saímos, e em quanto o resto de meus concdiscipulos se retirava para suas casas ou para os pontos, aonde os chamava o desejo ou a obrigação, fui eu sósinho dar uma outra volta pelo mesmo jardim aonde encontrára Alberto, pensando n'elle, que devia soffrer, que soffria talvez isolado e só no meio da sua dôr.

Não seria esse um bom amigo para mim?... Não seria mais terna e íntima a amizade contraída por uma sympathia de soffrimentos, por uma egualdade de pesares, por uma analogia de posições?...

Eu via-me alli quasi sem amigos, a Alberto não lhe conhecêra ainda intimidade para alguém; eu considerava triste a minha vida, a d'elle bem mostrava não ser feliz; eu não tinha alli minha familia, elle talvez não tivesse tambem a sua em Lisboa: esta egualdade de situação, esta similhaça de vida não eram já causas bastantes para nos aproximarem?...

Passando pelo mesmo caramanchão, lancei para lá um olhar de curiosidade, e surpreendido vi Alberto, quasi na mesma posição ainda; crusára apenas os braços sôbre o peito, e deixára pender mais a cabeça para o chão.

— Então, Alberto, ainda aqui está?... não quiz ir á aula?... perguntei eu.

— Am?... interrogou elle como sobresaltado do seu sonho sem fim, quem me chama?...

— Sou eu, não vê...?

— Então que é... já entraram para a aula?

— Se já entramos... Bem digo eu; o sr. está a sonhar. Vamos para casa, que já deram duas horas.

— Já deram duas horas?!

— Já, sim; vamos, que é tarde.

Pegou do bonet, levantou-se, e ia a seguir-me, deixando os livros:

— Então, lhe tornei eu, deixa os livros?

— Ah!... e, pegando d'elles, acompanhou-me.

D'ahi por diante seguiu-me sem me dar uma palavra. Caminhava como olhando para tudo sem vêr, e em um estado de abstracção penosa e indizível.

Chegados ao largo de Camões sem ainda termos trocado uma palavra, perguntei-lhe aonde morava, respondeu-me simplesmente:

— Arco do Bandeira, 107, 3.º

Acompanhei-o ainda até ahi, despedi-me d'elle, apertou-me a mão sem me responder. Vi-o entrar para casa, pausado e vagaroso, como se arrastado a custo, e não pude deixar, passado um momento, depois de o ter seguido com a vista até perder-se,

de continuar o meu caminho sem que o pobre Alberto me fugisse do pensamento.

A dôr a mais acerba é muda, pensava eu. Aquelle que a soffre, calca-a no fundo do coração e luta com ella. A alma pede-lhe que a deixe expandir, que a reparta com outro, que a entenda, que a partilhe; mas o coração, no seu excesso de egoismo do soffrimento, absorve-a, e quer tragal-a toda para depois morrer com ella.

Incompreensivel é o coração do homem, incompreensiveis os seus mysterios!

Mas Alberto?... quem o fazia soffrer... que dôr era a sua?

Veremos.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

UM MANUSCRITO

AO MEU AMIGO J. DE D.

185...

Mulher!
Que céu de encantos abriste ao meu pobre coração! Eu t'o agradeço, anjo da minha vida! estrella da minha alma!

Comprehendeste-me!

Indica-m'o esse teu olhar de fogo! revela-m'o o teu sorriso divino! confirma-o o arfar do teu peito de alabastro! manifestam-o as rosas do teu magico rosto! dizem-o esses beijos famintos de amor! affirmam-o os teus suspiros e soluços, por entre mil convulsivos abraços! assegura-m'o a tua meiga voz, que não sabe mentir!

Obrigado, Maria!

Obrigado, pela compaixão com que te dignaste amparar o verme rasteiro e humilde, que se atreveu a erguer os olhos para ti!

Bem hajas tu, meu querido amor!

Agora já posso morrer satisfeito e feliz.

Vi-te e amei-te! Soffri muito então... depois ainda mais! Porque em amar-te, e ser correspondido por ti, punha eu toda a minha ambição! Era este o sonho, que de continuo me devorava!

Bemdito seja Deus, Maria, que tenho um gozo na terra!

Como és bella assim, com esse teu amor desinteressado e livre!

Maria, tu és um anjo!

Quando á luz pallida da lua te sentas a meu lado, e desfolhas um malmequeres, colhido nos amenos vergeis do teu jardim, como a pobre florinha responde sempre ao teu pensamento!

Maria, o amor é supersticioso!

N'essas experiencias tantas vezes repetidas, eu esperava sempre com a anciedade do réu, ao approximar-se a leitura da sua sentença!

E a innocente florinha, ou antes os teus mi-mosos e lindos dedos, absolviam-me sempre!

É que tu, Maria, tinhas compaixão, e cortavas o mysterio!

Eu bem o sabia! diziam-m'o o teu sorriso e o

brilho dos teus olhos; mas eu esperava do mesmo modo, com a mesma anciedade!

Por que será que, quanto mais se ama, mais se arreceia?

Tu tinhas-me dito: amo-te muito! E eu acreditava-te; mas repetia-te mil vezes a pergunta, para te ouvir outras tantas a resposta!

Lembras-te d'aquella primeira noite que passámos junctos? Era uma linda noite d'abril; noite de encantos como nunca vi outra! A lua parecia mirar-se nas aguas do regato, que nos corria ao pé; as estrellas scintillavam doidejantes de amor; a brisa suspirava e gemia, por entre as folhas dos alamos!

E tu apparecêste-me pallida e fria como uma estatua; as tranças soltas por sobre o jaspe dos hombros! As alvas roupas que trajavas, tornavam ainda mais phantastica a appareição! Os labios tremiam-te desmaiados, mas os olhos eram duas faiscas de luz!

Vejo-te ainda agora assim!

Sinto, como se fôra hoje, o contacto da tua mão trémula e gelada! Apalpo ainda no rosto as madeixas do teu cabelo, que a brisa compassiva misturava com o meu! Oigo o anear do teu peito debruçado sobre o meu peito! Vejo-te n'este sonho delirante como estiveste juncto a mim!

E respeitei-te, como devia, candida virgem! E respeitar-te-hei sempre, porque o meu amor é puro e sancto, como o amor do poeta!

Maria tu amas-me tambem muito!

Deixa-me beijar de novo a tua mão; apertal-a e caír a teus pés!

Assim, meu anjo, assim!

Oh! Deus abençoa este nosso amor, porque Deus é misericordioso e justo!

Comtigo, Maria, encontro de novo o caminho do céu. Dêste-me o balsamo, para cicatrizar as feridas do meu triste coração. Elevaste-me ao paraizo, d'onde me julgava para sempre expulso.

Eu t'ó agradeço, mulher!

Só tu poderias quebrar os espinhos d'esta angustia de annos, que me tem pungido; porque só tu comprehendeste um amor como o meu!

Dou-te em troca a minha vida. É tua: dispõe d'ella!

(?)

MEDITAÇÃO

AO MEU AMIGO A. A. DA MOTTA

À BORDA DO MAR

Gloire á Dieu seul! son nom
rayonne en ses ouvrages!

VICTOR HUGO

O sol, como um lindo globo de oiro, liberava-se no espaço, já perto de superficie azulada dos mares. Seus raios purpurinos projectavam-se em angulos agudos pela abobeda celeste, formando d'est'arte uma irradiação magestosa.

O occidente estava bello então; o oceano revolvendo-se em seu leito immenso bramia esperçava-se mansamente pelas praias.

E eu estava a esta hora só n'aquellas plagas solitarias e tristes.

Com assombro contemplava o painel, que se desenrolava sublime ante os meus olhos! sentia meu espirito absorto e extático ante aquelle panorama! ora se engolfava em mil pensamentos, chegando quasi a perder a consciencia de sua individualidade, ora se deixava arrastar nas azas de imaginação e se projectava n'essas regiões tenebrosas, immensas, desconhecidas em procura do auctor de tanta magestade, de tanta maravilha e de tanta belleza!

Aquella hora era realmente bella e sublime! sentia-se saudade, inspiração e poesia.

Mais que nunca desejei então possuir a melancolica lyra de Lamartine para mil canticos entoar ao Omnipotente.

O sol, como que balouçando-se por um instante sobre o mar, sumiu-se. Ainda emittiu alguns fogos mas fracos, tristes como os ultimos signaes de vida do moribundo, que expira. O oceano continuava no seu susurro monotono e um espectáculo não menos brilhante vinha substituir o que ha pouco desaparecia.

Innumeraveis globos se divisavam aqui e alli pelas amplidões dos céus, derramando torrentes de luz sobre a superficie espalhada das aguas. Lá descreviam em silencio orbitas incommensuraveis traçadas de toda a eternidade pelo dedo de Deus! E n'esse gyro silencioso e continuo brilhavam e surriam attestando a gloria, poder do Creador! *Coeli enarrant gloriam Dei*, disse um poeta.

Então minha alma, n'um enlevo sublime e desprendendo-se das pesadas cadeias terrestres, pela segunda vez voou ás alturas, tentando os ultimos esforços para comprehender esse Ser eterno, immenso, absoluto, a causa das causas e razão das existencias. Mas baldadas tentativas! foi mais uma loucura da razão! N'essas regiões onde penetrei só vi sombra e mysterio! mas no meio d'essa sombra e d'esse mysterio uma vos ignota se me erguia do intimo da consciencia, bem alta me bradava e eu dizia, que o que procurava existia, mas que á minha razão fraca e limitada não era permitido comprehendel-o. O que é a razão do homem!...

Então como que cansado de tantos esforços estereis, e lamentando a insufficiencia de razão, mas conservando puras e firmes as crenças que até então alimentava, volvi os meus pensares para sobre outro objecto.

Meditei sobre o homem. Vi só n'elle um ente fragil, miseravel, um elo imperceptivel da grande cadeia dos seres que se espalham por todo o orbe. Encontrei-lhe desejos maiores que suas forças e tendencias irresistiveis para tudo, quanto é bello grandioso e infinito.

Acabei de convencer-me então do pensamento d'alguns philosophos de que a alma, o espirito do homem, esse eu de moderna philosophia não é mais que uma parte assás diminuta da razão universal absoluta e divina, sustentando uma luta

incessante com a materia e tendendo sempre a regressar á sua origem, ao seu foco, ao seio d'onde partiu, a Deus, finalmente.

Depois ficando de novo os olhos no céu e vendo aquelles milhares de mundos scintillando e continuando rolar no espaço, admirava que á vista de espectaculos tão tocantes ainda existissem homens, que se atrevessem a negar a existencia do Creador. Como, dizia eu para comigo, vendo que era o homem, como, sendo o homem a mais perfeita creatura, tendo porisso a corôa da criação, pôde ser que negue a Providencia?! Como? Se o sabiá, olhando os céus em quanto canta nas florestas da America com sua voz doce e plangente, se o rouxinol soltando, ao descaír da tarde, modilhos tristes e melancolicos em nossos arvoredos, e se a meiga e terna rôla, gemendo na solidão dos bosques, o confessam, o attestam, e gratos lhe enviam as suas harmonias nas azas da viração!

A isto me respondia a realidade com sua voz severa e medonha, sim, esta triste realidade, que tantos males nos têm acarretado, e que só Deus sabe quando terão fim. A vaidade do homem pôde muito e o orgulho muito mais!

Ja já alta a noite, começava a soprar uma brisa um pouco fria e eu, cheio de saudade, tive que deixar aquellas praias amenas.

Agosto de 58.

J. MANSO PRETO

APONTAMENTOS HISTORICOS

O QUE FOMOS!

Continuado do n.º 1, tomo II.

II

Que presta ao capitão a valentia,
Ser esperto, sagaz, forte e prudente,
Quando de sua gente a covardia
He sómente ao temor obediente,
E o desampara mais naquelle dia
Em que a necessidade he mais urgente,
Só d'hum vão arreceio combatida
De ser posta em perigo a inutil vida.

Prim. Cer. de Din. Cant. XI Cit. I.

Fragmentos d'uma carta de Lourenço Feres de Tavora de Tangere, a El-Rei, sobre a batalha nos campos de Arzila, em que Bentuda ficou destracado.

« E tornando ao primeiro recontro do
« Adail e seus companheiros digo, que se pôde
« ter a elle e a elles muita enveja e cõ muita
« rezão porque elle peleijou alli com grande es-
« forço, e com grande perigo, e com tam boa or-
« dem que nam perdeu nem um dos seus, e hinda
« deve de ter mais merecimento porisso que pello
« esforço, mostrando elle muito n' aquelle dia. Dos
« Fronteiros se acharam com elle, e para isso bus-
« caram seus meios de os eu não ver, Nuno Fur-
« tado de Mendonça, Francisco de Tavora, D.
« Francisco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Ma-
« nuel de Mello, Simam da Veiga, Gonçalo Figuei-

« ra, Gaspar Antunes, Luiz de Castilho, e os mais
« moradores, e alguns criados dos ditos Fronteiros,
« e affirmo a V. A. que todos peleijaram muito
« esforçadamente, e com grande valor de suas
« pessoas, e que por vezes nam sendo quarenta,
« tiveram os Mouros as lanças varadas, e que
« todos, emcontraram e feriram muitos Mouros,
« pello qual se julga devem levar muita perda,
« porque, segundo as testemunhas, o que menos
« fez, foi encontrar hum e dous Mouros.

« Nuno Furtado foi o de menos paciencia, e
« o primeiro que deu n'elles, e se meteo na bata-
« lha, e com muito perigo; mas foi logo bem so-
« corrido: a Francisco de Tavora feriram muito o
« cavallo, esteve entre os Mouros por um espaço
« com muitas lançadas nas armas, e algumas lan-
« ças lhe ficaram pregadas na adarga, teve muito
« tento em si, e por seu acordo e esforço, e bom
« socorro dos companheiros se livrou.....

« Manoel de Mello, mostrou muito esforço, e
« correo tambem assás perigo, e todos os com-
« panheiros dizem muitos bens d'elle. D. Fran-
« cisco de Moura se achou acubertado, e affirmo
« a V. A. *pella verdade que lhe devo falar*, que
« me affirma o Adail, e todos os outros que o vi-
« ram peleijar como hum Hector, e depois de per-
« der a lança, que meteo em hum Mouro, tanto
« que a nam pôde tirar, arrancou da espada, e
« fez maravilhas, e assim esteve metido entre os
« Mouros e peleijando valerosamente, foi bem
« socorrido dos companheiros, saio com huma lan-
« çada no rosto, e outra ferida em huma mam, mui-
« tas pelas armas, fica bem, e não o desafiaram
« estas nada.

« A Simam da Veiga, feriram tambem muito o
« cavallo, e saio elle ferido nas costas, e peleijou
« bem aquelle dia. D. Rodrigo de Mello, o fez
« tambem, muito bem, e mostrou esforço, e inda
« que não fica em cama, não deixou de o mere-
« cer aos amigos. Gonçalo Figueira, peleijando
« esforçadamente, e tendo emcontrado bem hum
« Mouro caio do cavallo entre elles, e correo
« grande perigo pellos muitos que carregaram
« sobre elle, valeu-lhe ter bons companheiros
« para escapar, saio com o cavallo ferido.....

« escuso escrever as mais particulari-
« dades de todos, porque em cada hum ha muito
« que dizer, e assim mostraram grande esforço e
« muita ousadia os moradores e cavaleiros que
« se ali acharam, dos quais farei menção quando
« para elles requerer mercê, e affirmo a V. A. *que*
« *todos a merecem, com acrescentamento de honra,*
« *e que sou obrigado a requerela por todos, porque*
« *o al seria traição a Deus, e a V. A.*

« Nos soldados geralmente se conheceo hum
« grande fervor e animo para a batalha, e por
« ella bradaram muito soltamente, e com muita
« presteza, e contentamento, em muito boa or-
« dem me acompanharam: tinha eu no primeiro
« acontecimento lançado fóra o capitã Joã de
« Abreu, com alguns arcabuzeiros, no qual tam-

«bem conheci grandes desejos, e executou bem
 «o que a elle naquelle mandamento tocava, e
 «assim mostraram todos os outros capitães e offi-
 «ciaes; a informaçã dos quais darei particu-
 «larmente quando lhes cumprir, e sendo este
 «acontecimento da calidade que se pôde enten-
 «der pello que está dito, me pareceo devia logo
 «avisar a V. A., por particular pessoa. A isso mando
 «Lourenço Fernandes Pita, filho do Adail.....
 «.....
 «..... será para mim grande mercê e fa-
 «vor authorisar V. A. este feito com pagar bem,
 «quem levar a nova, porque de outra maneira
 «cuidaram os benemeritos neste serviço nam
 «importa ante V. A. arriscarem e perderem as
 «vidas em seu serviço.....
 «..... (a)»

O inimigo mais poderoso que o governador de Tangere tinha a combater, era *Bentuda*, *alcaide e Senhor de Arzila, Larache e Alcacere Quibir*, pelas muitas correrias que *traioeiramente* fazia aos campos vizinhos, lançando fogo ás seáras e atacando as atalaias; resolveu Lourenço Pires, dar-lhe o ultimo golpe, e conseguiu seu fim na batalha, que relata a El-Rei em carta escripta de Tangere aos 28 de Setembro de 1565.

Duas cousas temos a notar em toda a correspondencia d'este insigne varão: a primeira, é a linguagem *franca* com que escreve ao Monarcha Portuguez, e a verdade com que lhe fala, tão pouco usada *hoje* pela nossa diplomacia, que só desejava acreditar, para com El-Rei, todos os seus: «*da honra de todos* dizia elle, *não se assegura a consciencia com poucas palavras em taes merecimentos:*» a segunda, e a que lhe dá maior honra, é que nunca falou de si, fazendo admirar o proprio Rei, que não poucas vezes lhe dizia em suas cartas: *tenho-vos eu em tal conta, e mostraste-vos sempre em meu serviço tão desapegado de vós e dos vossos particulares:*»—Não precisa de mais commentos!... eis aqui por que o Gama morreu pobre, e o Castro, nos seus ultimos momentos, não tinha um unico ceitil para a compra d'uma gallinha!...

Não era a ambição que os movia a grandes empresas, mas sim o amor e a gloria do nome Portuguez.

Desde 1563 que entrou no governo de Africa até aos ultimos dias que o deixou, que foi o de 1566, não houve um só dia que, varão tão illustre se não assignalasse com novos triumphos.

E quando prestes estava a entregar o mando a D. João de Menezes, ainda, por despedida, quiz colher n'aquellas remotas plagas mais uma flor para a sua corôa de guerreiro, mais uma gloria para as armas Portuguezas.

De Arzila saém os filhos de *Bentuda*, para vingarem a honra do pae offendida na batalha de

(a) Hist. dos Var. illust. do appel. de Tavora.

28 de Setembro: grande era o exercito que se poz em campo, pela maior parte, composto da flor dos Mouros.

Alegres vinham todos porque crêm
 Que a presa desejada certa tem.

Pouco tempo lhe durou esta alegria; porque os Portuguezes, pequenos em numero, mas grandes no valor, deram sobre elles, e tal gloria alcançaram, que os Mouros, completamente destrôçados, fugiram caminho de Arzila.

Desesperado o filho mais velho de *Bentuda*, por uma tal derrota, *a sua face encheu de bofetadas*, como envergonhado da cobardia de suas bandeiras.

Foi assim que Lourenço Pires, se quiz despedir com um dos mais gloriosos successos de Africa. Os nossos historiadores para o commemorarem lhe chamaram—*Os dias dos Pomares*; por haver este nome o sitio aonde tal batalha se deu.

Lourenço Pires de Tavora, o governador de Tangere, chegou a Lisboa: foi recebido com demonstrações de muito contentamento e satisfação; todavia *mercês e honras* nunca as recebeu; seguiu a sorte dos grandes homens:—*foi esquecido para nunca mais lembrar!*...

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

PHILOSOPHIA RACIONAL

A ideia

Definir os objectos costuma ser uma das grandes difficuldades para o homem; o que provém ou da falta de conhecimento das suas causas, da sua natureza; dos seus effeitos e diferentes relações, ou de ser custoso reunir as suas muitas e variadas fórmas em uma só, e fazel-os ver todos inteiros por um estreito e apertado ponto.

Quanto mais conhecidos e palpaveis elles forem, tanto mais facil se torna a sua definição, assim como tanto mais difficil esta é, quanto mais desconhecidos e inapprehensíveis. A ideia incorporea e subtil como o ente, a quem pertence, está n'este ultimo caso.

A ideia,—do verbo grego *eioto, video*—é um objecto puro e simplesmente visto pelo espirito: constitue ella os principios, os elementos, e, por assim dizer, o material de que se formam os pensamentos, os juizos e raciocinios. É pois a ideia para o espirito humano o mesmo que o objecto externo para o sentido da vista, que sobre elle directa e simplesmente recae, e o mesmo que a materia para as obras da arte.

Ainda que á primeira vista pareça, que a ideia é um conhecimento simples, todavia o não é; porque as ideias são os objectos como que existentes em nosso espirito, e o conhecimento é a consciencia da verdade, d'esses objectos; e como esta não possa verificar-se sem uma ou mais provas, segue-se que o conhecimento suppõe sempre a

par de si uma ou mais ideias accessorias. A ideia é simples e sem combinação, o conhecimento é o resultado d'uma ligeira e desapercibida colligação; a ideia é um elemento para o conhecimento, e este um resultado das ideias, que o farão tanto maior e profundo, quanto mais numerosas e extrahidas das entranhas do objecto ellas forem; a ideia serve de prova para o conhecimento, e este é a ideia comprovada.

É pelas ideias que o homem participa da imagem e similitude de Deus, e com elle se prende; é por estes phenomenos da intelligencia, que se considera superior aos outros animaes e o rei da criação. São as ideias que geram n'elle a honra, a probidade, e todas as demais virtudes religiosas e civis, e que o estimulam a subir ás maiores alturas, e descer ás maiores profundidades para prescrutar o vasto theatro da natureza, e descobrir suas leis; é por ellas que se faz valer o direito dos homens, que se administra a justiça, que a sociedade se dirige e governa, e que se educam e civilisam os povos. São as ideias que nos tecem a historia do espirito humano desde os erros os mais crassos e grosseiros, até ás verdades as mais puras e requintadas, descrevendo assim o character scientifico e litterario dos diferentes seculos, e mostrando quanto se ha avançado para a perfeição: é pelas mesmas finalmente, que se realiza o progresso.

MANOEL FILIPPE COELHO

AMELIA ADELAIDE

AO MEU AMIGO

Manoel Alves Vaz-Preto Pinto Cazal

Longe da patria, nas ardentes plagas,
— Que o genio de Cabral mostrou á Europa, —
Onde rica se ostenta a natureza
De florestas e rios gigantescos,
E onde ha do luso desditoso e ignaro
Hecatombe perenne, — amigo anceias —
Pela terra de Lysia em que nasceste;
Por tua Mãe, que em teus sonhos de saudade,
Por ti chorando te apparece á noute;
Por teu Irmão, teu amigo e companheiro
Da alegre infancia nas primarias lides;
Por tua Irmã...

Ah! tua Irmã?!... não vive!...

Da morte o archanjo suas azas lugubres
Sinistro á porta de seu antro ergueu,
Ao ar subiu, e d'um voar seguido,
Transpoz o espaço, e ao teu lar desceu.

Horrendo e triste ao cabeçal do leito
Co'a fouce erguida, pavoroso o vi;
Chorava teu Irmão, tua Mãe chorava,
Luctar era loucura... e eu fugi.

N'alma gravado me ficou p'ra sempre
O quadro acerbo da fatal manhã:

Do archanjo tetrico o aspecto vejo,
Vejo o vulto gentil de tua Irmã.

Da natureza a força inda pujante
Da linda virgem do viver na flôr,
Insano prelio, batalhou co'a morte
Por longo espaço de cruenta dôr.

Mas foi vencida, que o archanjo torvo
A fouce barbara, infernal desceu,
E a linda virgem, ao sentir o golpe,
Um suspiro soltou... depois morreu!

N'este da vida tumultuar insano —
Vezes poucas a vi. Sua alma ingenua,
Do mundo esquiva ás ruidosas festas,
O trato simples de seu lar amava.
Dos patrios livros á lição entregue,
Dada á feitura de mimosas prendas,
Que em pão aos pobres convertia lèda,
Sentia os dias deslizar velozes.
No rosto limpido a pureza d'alma
E a luz da intelligencia se mostravam;
Mas n'elle a nuvem d'um pezar havia,
— Um santo amor que lhe opprimia o peito,
Era a saudade pelo Irmão ausente.
Vi-a no templo: palidez fatidica
Já de tristeza lhe assombrava o rosto.
Co'as mãos erguidas em devota prece,
Talvez o abrigo celestial rogava.
P'ra as almas candidas é a terra exilio,
Desterro amargo de perennes lagrimas,
E o céu, constante aspiração mais qu'rida
Dos seus arroubos, dos enlevos intimos.

Era tão joven!... no verdor dos annos!...
E sem vida no fêretro deitada
Diviso-a além!...
Seu branco rosto, suas vestes brancas,
Por-entre o negro das batinas negras,
Alvejam bem.

Dezenas de manebos a acompanham;
De morta a verem compungido levam
— O coração.

Elles, que a viram pensativa e bella
Vagar nos prados do Mondego ameno
Juncto ao Irmão.

O carne funebre, o pasmar do povo,
A luz sinistra das funereas tochas
Inspiram dôr;
E a natureza carregada e triste
Copiosas lagrimas derrama afflicta
Do chão no pó.

Do templo entraram no sombrio portico;
Ao psalmear monotono dos padres
Rezado ali;

E a linda virgem, no luctuoso carro,
Dos mortos á morada, — ao cemiterio
Levar eu vi.

Chorar não deves, meu prestante amigo.

Era alta noite: das visões o anjo
De meus olhos rasgou o véu terreno,
E em nuvem candida de azul e oiro
De mil ch'rubins a tua irmã cercada

Ao céu subindo eu vi.
Teus prantos cessem!

Pelos felizes lagrimas não devem
Nossos olhos verter; — dádiva triste
Não é p'ra o regosijo, e sim p'ra as máguas.

Coimbra, 10 de Janeiro de 1860

BENARDINO PINHEIRO

Δ ***

(IMPROVISO)

Qual aurea estrella de fulgor p'r'o naufrago
Lhe aponta o trilho, que perdido tem;
Assim tu hoje n'este enlace magico
Confôrto déste ao meu soffrer tambem!

E eu vi nos gozos d'um momento — extatico
Sorrir de novo meu passado hem,
E — trasbordando de ternura e jubilo —
C'roar o affecto que minh'alma tem;

Oh! como é doce esta ventura fervida,
Que o gôzo puro inocular-nos vem!
Oh! que momentos!... a sorver delicias
Na taça eburnea que o prazer contem!...

Oh! que momentos!... de febril delirio
De ardor e gôzo que eu senti, meu bem!
Quando em teus braços — n'um instante ephemero —
Gozei mil gozos que o amor só tem!...

Oh! n'esse instante que passou tão rapido
Vivi um sec'lo de encantado bem!...
E ali morrendo de caricias ebrio
Gozara ainda do sepulchro alem!...

...58

A. M. DA CUNHA BELLEM

VIDA E MORTE

Mais dis-moi, fleur gentille,
Ou seras tu demain?...

J. A.

Rosa gentil hoje ostenta
Doce brilho encantador;
Ámanhã, tufão raivoso
Faz-lhe perder brilho e côr:

E da rosa
Tão formosa

Só ficou haste singela
Batida pela procela.

Mas da rosa murcha, sêcca,
Renasce rosa mais bella,
Que reveste d'outros brilhos

A haste pobre e singela;

Nova flor,

Toda amor,

Rainha bella e gentil

Nos verdes prados d'Abril.

Após o riso vem pranto,

Depois do pranto o folgar;

Após doce primavera

Vem o vento a sibilar:

Vida e amor,

Morte e dôr,

Volve insensível o mundo,

Em seus arcanos profundo.

Assim o homem na terra

Vive, folga e logo morre;

Atraz d'elle outro homem nasce,

E após seu trilho outro corre.

Mas só Deus

Lá nos céus,

Que o cria e desfaz no pô,

Vive eterno e — vive só.—

ANTERO TARQUINIO DO QUEENTAL

EXPEDIENTE

Esperámos da bondade dos sr.^s assignantes o pagamento do preço de suas assignaturas — até o fim do corrente mez de Fevereiro. Os pagamentos podem ser feitos a nossos commissarios; e, onde os não houver directamente a esta redacção, por meio de vales do correio ou de estampilhas.

1.^o volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Pre-ludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume — Preço 1\$600 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^a, e Sr. Melchiades & C.^a, *Livraria Central*, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

Preços

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Por mez — 120 réis
A vulto — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

AO MEU BOM AMIGO AUGUSTO CORREIA GODINHO

ELOQUENCIA SAGRADA

Decretos do padre

Jesus Christo, vindo regenerar o barbaro e o judeu, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o grande e o pequeno, vindo salvar a humanidade, é o modelo de todos. Elle é o typo da perfeição moral a que o christão deve ascender por esforços continuos e nunca interrompidos. Se todos devem seguir a Christo como modelo, o sacerdote deve ser o primeiro a imital-o e realisal-o.

Votado d'um modo mais especial ao serviço de Deus, o sacerdote é obrigado a observar os preceitos e cumprir os conselhos. Encarregado de guiar o fiel pelos caminhos da salvação, elle deve ser luz, que allumie, ensinando a religião, exemplo, que edifique, practicando as virtudes que ella lhe impõe.

O sacerdote é o continuador da alta missão de Jesus Christo, o seu cooperador na grande obra da redempção dos homens, o obreiro, que continúa a trabalhar no edificio da salvação, a que elle lançou os fundamentos, e que cimentou com o seu sangue.

Se Jesus Cristo deixou á igreja uma somma de bens, e um thesouro de meritos, adquiridos pela sua morte, o sacerdote é o dispenseiro d'esses bens, e o distribuidor d'esses meritos.

Se Jesus Christo sálvou o mundo, dando a vida por elle, o sacerdote pôde decerto salvar os homens, fazendo fructificar o sangue de seu divino Mestre.

Jesus Christo só promette a felicidade do céu aquelles que crerem nos seus dogmas, e realisarem a sua moral. O fim último só o conseguem aquelles, que empregarem os meios que elle deixou prescriptos. Mas quem é o encarregado de marcar ao homem esse fim, e de lhe ensinar esses meios? é o sacerdote.

O homem quando abre os olhos á luz, e entra na vida, não sabe d'onde vem, nem para onde caminha. Ignora a sua origem e o seu destino. É o sacerdote que lhe diz que foi Deus que o creou, e que o conserva: é elle que lhe diz, que a vida é o portico da eternidade, o céu, para que olha, tenda de viajante, que o cobre um dia, a terra em que

nasceu, morada transitoria, que elle só habita para se tornar digno de entrar na mansão, onde Deus acolhe aquelles, que aqui o amaram.

É o sacerdote, que, doutrinando o homem, abre a fonte viva, d'onde manam as aguas puras e limpidas, que fertilisam a alma de todo o que vem a este mundo.

É o sacerdote, que lança á terrá a semente do Evangelho; é elle que a rega e que a tracta, para que produza fructos de salvação. Prégando a religião, prova as verdades da fé, estabelece o seu fundamento, e defende-as dos ataques de seus adversarios. O pulpito é o throno sôbre que a igreja eleva os seus ministros: o sceptro, que a sua mão deve sustentar, é uma intelligencia luminosa, para ensinar com proveito as verdades da fé, e os preceitos da moral; é a eloquencia, que domina, que commove, e transporta, convertendo incredulos obstinados em verdadeiros crentes, peccadores perdidos em bons christãos.

A corôa, que deve aformosear-lhe a fronte, são virtudes puras que exemplificam e dão auctoridade.

A purpura, que deve brilhar sôbre seus hombros, são fructos colhidos, são victorias alcançadas nos trabalhos evangelicos.

É porisso, que a escriptura diz, que os labios do sacerdote são os depositarios da sabedoria, e que Jesus Christo, chama luz do mundo aos seus discipulos. E com effeito ninguem precisa mais da instrucção, que o sacerdote.

Como poderá ensinar a religião, se elle a não conhece; como demonstrar a sua verdade, se não está convencido d'ella; como allumiar sem ter a luz, como ser mestre sem sciencia?

O sacerdote, que não fôr instruido, não comprehende a altura da sua missão, nem a dignidade das funcções que exerce, e é impossivel que bem as desempenhe. O erro caminhou sempre ao lado da verdade. A religião estava ainda no berço, e tinha já adversarios implacaveis, que negavam a divindade da sua origem, que atacavam a pureza e a sublimidade das suas doutrinas, e que mettiam a ridiculo o seu culto.

Os Celsos e os Neros davam-se as mãos, para eliminar da face da terra o nome christão. Ao pé da fogueira, que queimava o martyr, escrevia-se o livro em que era denegrida a religião por que elle morria.

Os Porphirios appareceram logo, e desgraçadamente têm tido discipulos em todos os seculos.

Hoje o racionalismo tenta dar o último golpe no christianismo, arruinando os seus fundamentos. Para isto faz valer o estudo da historia, o progresso das sciencias, o conhecimento das linguas, e os principios da critica, levando para a arena da discussão as armas d'uma erudição apparatusa.

Na Allemanha assentaram os seus arraiaes os inimigos de Christo. O mal que grangrenou o coração da Europa, vae-se extendendo a toda ella.

Livros impios, que espargem a descrença, e a desolação entre os povos, por onde passam, são os canhões assestados pelos filhos do erro contra a cidade sancta de Christo. É nos seus muros que o sacerdote se deve achar sempre como sentinella vigilante e bom soldado, para defender com denodo o deposito que lhe foi confiado. Por cada ovelha, que os lobos rouharem do rebanho, por culpa sua, ha de elle responder perante o supremo Pastor. Elle, precisa pois de se munir de armas, com que possa resistir a taes inimigos, e sair triumphante da lucta; precisa de combater esses erros, de confirmar os christãos na fé, mostrando-lhes que só nos ensinios do christianismo elles podem encontrar o que o racionalismo promette, e não pôde dar.

Ordinariamente attaca-se a religião, porque se aborrecem os deveres que ella ordena. A corrupção, diz Massillon, é uma das fontes da incredulidade. O coração depravado quer obcecar a intelligencia. É uma das principaes razões, por que o ministro da religião deve ser o primeiro a cumpril-a.

Inspirando aos homens o amor do bem, deve dar-lhes o exemplo, seguindo-o. Guerreando as paixões dos outros, deve debellar as suas. Promettendo premios á virtude e castigos aos vicios, deve ser o primeiro a seguir aquella, e a evitar estes.

Ministro do evangelho, a sua vida deve ser d'elle o commentario vivo. Que importa que o enriqueçam talentos distinctos, conhecimentos vastos, e uma instrucção variada, se o não adorna a virtude? se as suas acções são a contradicção das suas palavras? se elle propina o veneno em vez de applicar o remedio? se espalha a peste em vez de dar a saúde? Que importa que elle leve na mão a tocha da luz, se elle anda cego, se cada passo que dá, é um precipicio em que cae? Uma virtude desinteressada e pura, um acto grande de abnegação e de sacrificio para beneficiar os seus semelhantes tem mais valor, e produz muitas vezes maior e mais salutar effeitos, que os mais brilhantes discursos.

O dom da palavra pôde faltar-lhe; mas não deve faltar-lhe nunca a caridade, e todos os dotes d'um verdadeiro ministro de Jesus Christo.

A caridade, essa filha do céu, é a primeira de todas as virtudes, a mais nobre e excellente de todas ellas.

Ama a Deus e ao proximo, eis o preceito que

é o fundamento de todos os outros; eis a synthese da lei divina.

O apóstolo das gentes ensina-nos a sublimidade, e inculca-nos a necessidade d'esta virtude, sem a qual nenhuma pôde existir, que tal nome mereça. Ainda que eu, diz elle, fallasse a linguagem dos anjos, e descortinasse os arcanos do futuro, ainda que explicasse e comprehendesse todos os mysterios, e tivesse exacto e profundo conhecimento de todas as cousas; ainda que vertesse o meu sangue, dando á fé o mais brilhante testemunho; ainda que eu transportasse as mais altas montanhas, e tivesse poder sobre a natureza, alterando as suas leis; ainda que desse aos pobres todos os meus bens, de nada isto me serviria, eu não seria nada, se não tivesse a caridade.

É pela caridade que o sacerdote se faz tudo para todos, como S. Paulo, não pensando, não trabalhando, não obrando senão pela gloria de Deus, e pelo bem de seus irmãos. Inflammado no amor de Deus e de seus irmãos, o sacerdote arrosta com as mais duras fadigas, e não recua ante os sacrificios mais dolorosos; nem á vista das dores mais acerbas. Não o atterram nem o furor dos tyrannos, nem os sarcasmos do impio, nem o odio dos homens.

Não o desanima a intempérie das estações, nem o rigor dos climas, nem privações as mais custosas. Atravessa os mares, percorre os continentes, entra nas florestas, vae até aos pólos para chamar á luz o selvagem embrutecido, para beneficiar e civilisar o homem, que paga muitas vezes tanta dedicação e tão nobres sacrificios, dando ao bemfeitor generoso e incansavel a aureola do martyrio.

Ministro d'uma religião, que julga os homens, não segundo as condições que os classificam no espaço e no tempo, mas segundo a sua origem e destino communs, é a caridade que o anima para dizer a verdade a todos, em tudo e sempre, sem distincção de pessoas, nem attenção a jerarchias, reprehendendo igualmente os abusos dos reis, e as faltas dos povos.

No tribunal da penitencia o sacerdote é o medico caridoso, que sonda com bondade as chagas dos enfermos que a elle recorrem; examinando os seus males, e procurando-lhes o remedio mais effcaz.

As suas admoestações, os seus conselhos, as suas palavras, são o balsamo salutar, que reanima, que cura e que aviventa.

É a caridade que o leva a subir com o condemnado os degraus do patibulo, onde o último ministro da sociedade, o carrasco, pune o culpado, tirando-lhe a vida, e o ministro de Deus absolve a alma do arrependido, dando-lhe o perdão.

Quando o anjo da morte sacode as suas azas negras sobre as nações, quando o braço da justiça de Deus desce sobre ellas, para as punir com o flagello dos contagios que dizem as populações; deixando assentadas apoz si, a desolação, o horror; quando o homem olha aterrado e espavorido para as sombras da morte, que pairam medonhas ante

os seus olhos, o sacerdote, incitado, e dirigido pela caridade é um anjo de luz e de consolação. Nas cidades grandes e florescentes, nas pequenas e obscuras aldeias, nos desvios agrestes das serras, no albergue do pobre, no palacio do rico, na praça pública, no lar da familia, no leito da agonia, por toda a parte onde ha males, lagrimas e soffrimentos, elle é o companheiro, o amigo, o protector d'aquelles que padecem, que choram, e que precisam de consolação. Elle é o homem da paz, do amor e do perdão.

É a caridade que lhe guia caminho aos logares, que são a morada da peste e de todas as miserias humanas, e onde jazem centenaes de desgraçados atormentados por cruel enfermidade, sem o amedrontarem, nem os miasmas infectos que lá se respiram, nem objectos asquerosos, que revoltam os sentidos, nem a facilidade do contagio, nem os horrores da morte. Confessando-os, elle cola o ouvido a uma bocca, que exhala já corrupção incomportavel: anima as infelizes victimas com consolações, adoça os seus soffrimentos, spargindo aqui uma esperanza, dando alli uma alegria, e vertendo n'outra parte uma lagrima. O homem, que affrontou uma morte quasi certa, lá morre muitas vezes martyr da caridade no meio d'aquelles, que fôra beneficiar...

Esta coragem obscura, mas magnanima, inspirada pela caridade, parece-me muito superior á coragem militar, diz Bernardim de Saint-Pierre. E em verdade o soldado combate á vista de numerosos exercitos, ao som do tambor, e ao troar do canhão.

O entusiasmo por uma causa, o amor da gloria, o applauso dos homens, uma condecoração, que pôde um dia honrar-lhe o peito, um nome na historia, todos estes estímulos e impressões o enchem de ardôr e de bravura: elle offerece-se á morte como heroe, mas o sacerdote vota-se a ella como victima.

Se o sacro fogo da caridade arde em seu coração, elle reveste-se de animo e de paciencia, e redobrando sempre de zêlo e de actividade, não ha obstaculo que não supplante, nem difficuldade, que não vença.

Ergue a voz e faz tremer o dissoluto e o impio, que no tumultuar de vergonhosas paixões se esqueceu de Deus e da virtude. A sua palavra leva a compunção e muitas vezes o arrependimento, á alma do criminoso, que dormia sentado no tremedal de abominaveis torpezas. Eleva, regenera e insinua o amor do bem e da virtude no homem, que desceu todos os degraus na escada do vicio e do aviltamento. Bafeja e aquece com o lume da fé os corações que o scepticismo gelára, deixando lá a descrença, a dúvida e as trevas. Dá á sociedade bons cidadãos, á igreja christãos exemplares, e a Deus homens virtuosos. Rehabilita e salva o peccador, que caminhava transviado pela estrada larga das paixões, que vae dar á perdição.

Pelo bem dos seus semelhantes sacrifica a flôr dos seus annos, o vigor da saúde, os commodos

da fortuna, os gozos da familia, o repouso e a vida. Responda-lhe o homem com o desprezo, pague-lhe o mundo com o insulto, e com a ingratidão, cubra-o de ultrajes, faça-o alvo de suas vaias e irrisões cobardes, maltracte-o, persiga-o, dê-lhe o martyrio por corôa de seus trabalhos e dedicação, que elle, influenciado pela caridade, soffre a ignominia, sujeita-se ás humilhações, acceta paciente tractos os mais crueis; e, morre contente, porque cumpriu com seu dever!

(Continúa)

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 3, tomo II.

IV

Para estudar as produções litterarias de D. José Zorrilla torna-se mister dividil-as em duas secções: 1.^a das obras lyricas propriamente taes; 2.^a das obras dramaticas.

De obras puramente lyricas Zorrilla escreveu uma infinita variedade d'ellas: agora uma ode, celebrando um poeta nacional;—logo uma elegia chorando a morte prematura d'uma donzella; ora uma meditação profunda sôbre o presente, ora uma lenda do passado; emfim, não ha talvez genero algum de poesia lyrica que Zorrilla não cultivasse; e é n'essa variedade que consiste uma das principaes bellezas do nosso escriptor; pois que hoje a poesia não está só n'este ou n'aquelle genero; e porisso é que, segundo a opinião de V. Hugo, o tempo da epopeia passou: hoje a poesia está tanto no sentimento, que faz vibrar de amor a lyra do poeta, como no que o faz dedilhar o alaúde, para chorar sôbre uma recordação, sôbre uma saudade do que passou: hoje a poesia consiste tanto nas *Meditações* de Lamartine, como nas *Balladas* de V. Hugo; tanto nas sentimentaes páginas de Silvio Pellico, como no grandioso *Fausto* de Goethe; tanto nas saudosas recordações de J. de Lemos, como nas *Orientaes* de Zorrilla, tanto na *Lyrica de João Minimo*, como no *Amor e Melancholia de Castilho*.

Hoje a poesia não está só no bello dos campos marciaes de Enéas e Turno, ou nas aventuras de Orlando, ou nas emprezas arriscadas de Godofredo ou de Vasco da Gama; está tambem nos affectos estremecidos d'alma, e nas ideias acarinhas do espirito humano.

Duvidoso do genero de poesia que deveria cultivar as primeiras produções de Zorrilla, parecem pertencer á eschola que o grande genio de Byron tinha creado. Vê-se n'essas primeiras obras do nosso poeta transparecer um scepticismo talvez estudado, uma negligencia pelos objectos mundanos, que não pôde hoje admittir-se em vista dos nossos progressos em litteratura. Nunca pude sympathisar com a poesia sceptica, parecem-me

sempre trechos sem animação, e a causa é talvez simples, é porque na poesia é necessario o sentimento, e o mancebo no verdor dos annos, rico de esperanças, não pôde sentir-se desfallecido e sceptico n'um mundo povoado de vida e de illusões. Sceptico? quem é sceptico ao raiar a aurora colorindo de luz as campinas e os montes; — ao sentir o ruído do arroyo que se espergüça entre verdes planicies, ao ver no céu brilhar a lua? Não fallaahi tudo de vida, de esperanças, de Deus?

Bello es vivir! La vida es l'armonia.

Sceptico? quem é sceptico, ao ver fuzillar o relampago, ao ouvir ribombar o trovão — ao ver o vento açoutar o bosque umbroso? Não fallaahi tudo ao coração? não sentimos então elevar-se uma prece até ao Senhor? *Allez-vous-eu avec vos fleurs toutes fanées!* dizia V. Hugo a estes scepticosinhos de luneta e bigode retorcido.

Mas o tempo da verdade devia chegar a Zorrilla, chegou-lhe a crença, e conheceu o seu verdadeiro genio; é d'ahi em diante que cumpre analisar as suas producções.

A *Indecision* é um trecho de bella poesia lyrica; é o hymno á vida, á Providencia. Bello es vivir; — exclama o poeta exaltado, e depois desenrolla diante dos olhos do leitor o quadro variado da natureza, mostra-nos ora

En medio de la noche magestuosa
Esa luna de plata, esas estrellas:

para nos fazer comprehender o bello da noite; depois diz-nos

Se ve en el horizonte
A somar el crepusculo que nace,
Y la neblina que corona el monte
En el aire flotando se deshace.

para nos fazer assistir, pelo verdadeiro da descripção ao bello do crepusculo.

Mostra-nos depois a compensação dos horrores do inverno pelas bellezas da primavera, mas deixemol-o fallar:

Si hay huracanes e aquilon que brama,
Si hay un invierno d'humidad vestido,
Hogueras hay a cuya roja llama
Se alza un futuro com su discorde ruído,
Y una pintada e fresca primavera
Con su manto de luz e orla de flores

Para citar as inquestionaveis bellezas d'esta peça fôra mistér transcrevel-a, que não d'outra fórma se avalia ella.

O *Relox.* é outra bella poesia de Zorrilla. É a a pintura do que deve soffrer quem sente ao ver a mão do tempo ir apagando uma a uma do mostrador da vida as horas do nosso viver. Quem não sente com o poeta que

Tremenda cosa es pasando
Oir entre el ronco viento,
Cual se despliega violento
Desde un negro capitel

El son triste e compassado
Del reló, que dá á una hora
En la campana sonora
Que está colgada sobre el?

N'estas duas peças de poesia está o genio de Zorrilla; vê-se ahi a união da ideia, com a belleza da fórma, sente-se o que elle escreve, deseja-se o que elle deseja, chora-se com elle, e extasiamo-nos por elle!

(Continúa)

F. BEIRÃO.

UM AMOR DE ESTUDANTE

Continuado do n.º 4, tomo II.

II

No dia seguinte Alberto não appareceu na aula. Impressionado por a falta d'uma creatura, por quem já me interessava, procurei-o de tarde.

Ao passar para o seu quarto notei em um pequeno gabinete de trabalho tres meninas; a mais velha teria vinte annos, as outras eram mais novas; uma andaria por treze, a outra por onze.

Entrando no quarto do meu amigo encontrei-o sentado a uma meza com a cabeça encostada nas duas mãos.

— Alberto, quer-se matar?... lhe perguntei eu pousando-lhe familiarmente a mão no hombro direito. Bem vejo, que é infeliz; mas olhe, eu tambem não sou feliz. D'entre os nossos condiscipulos todos são extranhos para nós; quer o sr. que sejamos amigos?... Partilharemos os nossos desgostos; é já meio caminho para triumpharmos d'elles. Faça-me isto que lhe peço; aceite a minha amizade e dê-me a sua, sim?

Apertou-me a mão convulsivamente e não me respondeu; aquelle aperto de mão e duas lagrimas mal comprimidas, que lhe borbulharam nos olhos, fôram resposta bem eloquente.

Alberto aceitava a minha amizade.

Decidi-o a sair, e fomos sentar-nos no formoso passeio d'Alcantara. Eram quatro horas da tarde. Não apparecia ninguem. O dia estava carregado de nuvens, ventoso e frio, como tantos ha na estação invernosa em Lisboa.

Passado um momento de silencio, custoso para ambos, foi elle, que primeiro o rompeu.

— Mas por que se interessa por mim, não sabe que sou um desgraçado?...

— É porisso mesmo, respondi eu; é porque pude ler no seu rosto, que soffria... e é tão doce dar consolação a quem soffre?!... Demais, eu vivia aqui isolado; mais isolado que tu, deixa-me assim tractar-te, sim?... vivia mais isolado, porque nem familia aqui tenho, emquanto que...

— Familia... eu?... só tenho meu pae a bastantes leguas d'aqui.

— Mas aquellas meninas, que depois vi?

— Não é familia minha. Entendo que só se pôde, só se deve dar esse sagrado nome a quem nos ame como sangue do seu sangue, alma da

sua alma; d'esses só conto meu pae. Aquellas são umas segundas primas, em casa de quem vivo.

— Pois bem, mas, dizia eu, que te vi transluzir na fronte o soffrimento e o meu coração advinhou as torturas do teu. Quiz ser teu amigo, suppliquei-t'o e tu deste-me a tua amizade. Agora, em nome d'essa mesma amizade, quero saber por que soffres. Sem a franqueza, sem a confiança, não pôde existir esse nobre affecto. São o terreno d'onde brota essa flor tão grata ao coração. E de que serviria ella se entre dois amigos se não desse a permutação dos prazeres e dos desgostos, dos risos e dos prantos, da felicidade e da desventura?

— É verdade, é verdade... tornou elle como fallando consigo mesmo; e depois... é preciso que eu mostre estas ideias, que me escaldam, que eu solte esta dor que me abraça.

Ouve, ouve-me e dize se me posso julgar feliz. Nasci em uma pequena aldeia junto de Guimarães. Meu pae, com uma boa fortuna, nascido de negociantes e negociante elle mesmo, teve a sorte de todos, os que têm nimia boa fé e querem trilhar o caminho da honra. Foi enganado, escarnecido e roubado por fim. Para pagar aos seus crédores vendeu o que tinha e ficou pobre. Minha mãe não sobreviveu áquelle infortunio; foi mais feliz!... Terminou o seu martyrio sôbre a terra, esgotou o seu calix de amargura e morreu, deixando-me com cinco annos de idade. Meu pae, desgostoso, retirou-se de Guimarães, aonde vivia de há muito e veio para Leiria aonde arranhou um insignificante emprêgo, que lhe não dava o indispensavel para o seu sustento.

A custo de mil sacrificios deu-me uma educação, que outros, que podem, não dão a seus filhos, e eu pude adquirir certa instrucção, quasi mendigando uma lição a um, ou um livro a outro. Senão podia alliviar e ajudar meu pobre pae do péso de sua cruz, era meu dever tractar ao menos de lhe não ser pesado. Mas como conseguil-o em uma terra como Leiria e um paiz como o nosso?

Assentei praça em caçadores 8: fiz-me soldado.

Tinhamos uns parentes em Lisboa, parentes muito afastados é verdade, mas que nos tempos da fortuna de meu pae, lhe poderam dever algumas finezas. Eu vi que n'este seculo quem não poder ter certa instrucção não pôde esperar nada da vida, apesar de que mesmo assim vemos esses ás vezes a mendigarem uma esmola.

Escrevi pois a meus thios e disse-lhes francamente:—sou pobre; não tenho mais que oito vintens por dia. Quero estudar; preciso de ganhar para mim e para a velhice de meu pae; para conseguir isto e tornar-me util á sociedade é preciso estudar; não o posso fazer senão em Lisboa. Podem e querem receber-me em sua casa por o pouco, que eu tenho?... Responderam affirmativamente, e eu vim.

Resolvi frequentar primeiro o curso da arma de infantaria; estudei os preparatorios da Poly-

technica, e este anno tinha-me matriculado na eschola do exercito, esperando concluir o meu curso.

Até o fim do anno passado vivi perfeitamente. Os meus *prets* eram dados para a casa como auxilio da despeza; e para me vestir, comprar o meu livro, ou para o mais, de que precisava, vendia alguma traducção d'alguma comedia ou romance francez. Todo entregue ao trabalho das minhas aulas, pouco tempo me sobrava, e esse passava-o no meu quarto, lendo, escrevendo, desenhando mesmo alguma cousa.

A minhas primas tractava-as como irmãs e a meus thios como pessoas a quem devia, alem de amizade, reconhecimento. Mal nos viamos, mal nos fallavamos, mal nos complimentavamos, apezar porém dos bons sentimentos, que nos ligavam.

Um dia viera eu para casa, e ao querer, segundo o meu costume, apertar a mão a Amalia, minha prima mais velha, reparei, que ella mal me cortejára, e recusára até estender-me a mão. Não dei grande attenção a isso; tomámos chá, e, depois de ter estudado talvez duas horas, levantei-me da meza, e cheguei á janella para descançar um pouco, gozando ao mesmo tempo do fresco da noite. Era em Maio. Uma brisa tépida e agradável trazia o longinquo sussurrar das vagas. A lua campeava no céu, derramando a sua argentea luz pela terra. Era uma noite de primavera, d'aquellas, que Deus dá só ao nosso Portugal.

Ao pé da janella do meu quarto havia logo uma á esquerda; era a da sala de jantar. Ouvi-a abrir mansamente e vi apparecer a ella minha prima.

Estava realmente bella. Seus cabellos negros caíam-lhe em desalinho, formando mil anneis, lustrosos como o setim. Seus olhos, mais negros, que os cabellos, pareciam reluzir-lhe á luz da lua com um fulgor extraordinario, cercava-os porém um roxo de violeta, que denotava um soffrimento, uma magua secreta. Trajava um vestido escuro, deixando a descoberto sua esbelta garganta, e parecia agitada.

Abrira a janella, fitára com um ar de tristeza a alampada da noite e encostára depois a fronte na delicada mão. Parecia não me ter visto. Julguei ler n'aquella posição, digna d'uma Madona de Raphael, o traço d'um pezar e com o interesse proprio do amor, que lhe tinha, perguntei-lhe:

— Amalia, estás triste?... que tens?...

— Triste, eu?... me tornou ella com voz enfraquecida; triste?!...

— Sim, triste; pois esses teus olhos pizados, essa tua côr desbotada não o revelam?

— E tu interessas-te muito por mim?... Esse interesse vem mesmo do coração?... perguntou depois com voz trémula e como constrangida. Oh! não creio.

— Não crês, Amalia, não crês, que eu me interesse por ti!

— Quizera crê-lo; quizera poder acreditar, que

tens por mim o mesmo que sinto no coração por ti. Mas, ah! Alberto, não posso.

— Não sei o que isso quer dizer... duvidares de mim, Amalia!... e porque?...

— Porque?... porque eu amo-te muito, Alberto; porque não me contento com o teu amor de irmão, que te tenho lido nos olhos; porque amo-te tanto, tanto, que não receio, não me envergonho de humilhar-me diante de ti e pedir-te de joelhos, pela memoria de tua mãe, que me dêes o teu amor, sem o qual não posso viver; sem o qual morrerei. Amas, sim, Alberto... ou queres deixar-me esgotar em lagrimas, finar-me com este martyrio, que me rói o coração?...

A uma confissão assim, tão energica, tão inesperada, n'aquelle logar, áquella hora, confesso, que fiquei surprehendido.

Sempre d'entre minhas primas tinha tractado Amalia com mais amizade e carinho, porque mais triste pelo genio, mais nobre pelos sentimentos e mais rica pelos encantos, era tambem em casa a menos querida dos paes, a menos amada das irmãs. O sentimento, que por ella sentia, nunca o tinha querido medir bem, nunca o tentára pesar, nunca o procurára estudar. Parece mesmo que me arreceava, que me temia d'elle.

Alli, a uma confissão d'aquellas, fiquei como mergulhado em um sonho indefinido de gozo.

E quem poderá resistir a uma voz harmoniosa a um rosto banhado de lagrimas, a uma mulher enfim, mas uma mulher, a quem se receia amar, e que vem, bella na sua agonia, supplicar uma palavra só de amor, uma leve esperanza de vida?...

Oh! eu não... Senti como o ferir no coração d'uma nova fibra, senti o palpitar d'um sentimento novo mas ineffavel e terno, senti o aspirar d'uma realidade incomprehensivel para mim até esse momento, senti esse estremecer, esse chamar, esse viver d'uma alma para outra alma, attraídas por um sentimento infinito de candura e meiguice... senti finalmente o amor.

— Duvidas?! exclamei eu, arrebatado por essa faculdade, por esse impulso novo, que me arrastava. Duvidas?... duvidas que te ante?... Oh! Amalia... duvida então da pureza da lua, que nos allumia; duvida da vastidão do espaço que nos envolve; duvida da tua formosura!... Amo-te, Amalia, sim, amo-te tambem! Que pôde ser o que o coração me segreda todos os dias de ti, senão o amor que falla?... Amo-te Amalia, amo sim...

— Oh! eu t'lo agradeço, Alberto... eu t'lo agradeço, meu Deus... murmurou ella com voz abafada pelo mal comprimido do choro, entrecortado pelo convulso da emoção.

Levei tambem a mão aos olhos e senti-os humidos de lagrimas. Senti pulsar rapido e descompassado o coração e um fogo abrasador incendiar-me a frente.

N'esse momento pareceu-me, que se toldava o brilhantismo da lua, que se lhe embaciava o esplendor da luz. Era talvez o aviso dos males,

que se deviam seguir áquelle primeiro amor, confessado assim tão inesperadamente: era o presagio do embaciár da felicidade sonhada alli por nós; era o annúncio dos soffrimentos futuros; era o começo da vida de martyrio acerbo e mudo, que me esperava após o curto momento de ventura, mais sonhada, que experimentada...

Oh! porque me devia ella amar, porque a amei eu tambem?!

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilchez

Tradução de N. da Silveira.

Continuado do n.º 2, tom. II

Poucas horas depois, quando voltaram de sua excursão, um successo inesperado veio terminar d'um modo desagradavel aquelle dia tão alegremente começado.

Ao voltar um recanto, espantando-se o cavallo, em que Fernando montava, e encontrando desprevenido o confiado cavalleiro, o lançou por terra com terrivel violencia.

Aturdido pela fatal queda, o mancebo só pôde ouvir um grito penetrante, que partiu d'entre um grupo de arvores; e vêr a formosa Carolina, que, rindo-se de sua pouca destreza, esporeava seu cavallo e seguia alegremente a seu primo, que n'aquelle momento mesmo acabava de dizer-lhe: Amo-te!...

Nada mais pôde saber; porque perdeu os sentidos.

Quando voltou a si achou-se em casa, rodeado de seu paé e de seus criados, que o observavam com a maior inquietação.

Ao abrir os olhos suas vistas se fixaram em Angela, que, pallida e desfigurada, se achava junto a seu leito. A pobre rapariga, esquecendo sua timidez e posição, o havia seguido, entrando em seu quarto, aonde talvez nunca fôra uma só vez na vida.

— ¿Como te sentes, Fernando?, perguntou o marquez, observando-o com anxiedade.

— Doe-me bastante o peito e a cabeça, meu paé; mas... ¿como é que estou aqui?!

— Foi essa joven, que nos avisou: fomos encontrar-te junto a um mendigo, deitado no chão e sem sentidos; o sr. de Campo-Real, detendo-se um momento, e confiando-te depois a Julião, que acabava de chegar, apartou-se de ti, para seguir sua filha, que já ia a bastante distancia.

— ¿Com que tu viste-me cair?, perguntou o mancebo, dirigindo-se a Angela ¿e aquelle grito...

— Escapou-me dos labios, ao ver o perigo, que corrieis. Casualmente o tio Pedro pôde ouvir-o

tambem, de sorte que não tardou em vir reunir-se-nos; e assim ambos podémos socorrer-vos e participar vosso desastre.

— Com que tu estavas...

— Esperando, para vos ver passar, murmurou a joven.

Fernando olhou para ella, e, comprehendendo todo o valor d'aquella alma d'anjo, lhe disse ao ouvido:

— D'hoje em diante não terás mais quem te dispute minha affeição.

Durante toda a noite uma febre intensa abraçou a fronte do filho do nobre senhor.

Angela velou á sua cabeceira; e, com uma assiduidade e um esmero superior a seus annos, tratou sempre de seu amigo nos longos dias de sua penosa enfermidade, sem que ninguem se lhe oppozesse.

Desde então os laços d'amizade, que prendiam os dois jovens, se estreitaram ainda mais. Fernando comprehendêra o affecto desinteressado e a abnegação de Angela; e a sympathia do mancobo converteu-se no primeiro amor do homem.

Conhecendo tambem a superficialidade das deferencias de Carolina para com elle, desprezou-a, não tornando mais a visital-a.

Aos formosos dias do verão succederam as tristes e frias nevadas do inverno; e todavia Fernando não se queixou mais de sua permanencia na aldeia, nem se lembrou pedir a seu pae licença para voltar ao grande mundo,

Suas conversas com Angela tornavam-se de dia para dia menos frivolas e menos francas; porém esta tímida reserva não deixava de augmentar-lhes o encanto.

Assim decorreram dois annos.

Porém ¡ai! Angela ao sair da infancia, para entrar na puberdade, perdêra sua alegria. Em vão se esforçava Joanna em reanimal-a, notando o visível enfraquecimento de sua saude; o mal porém estava no coração.

Angela chegára a tornar-se uma necessidade para Fernando.

Fernando chegára a ser a vida para Angela.

IV

Ao cair da tarde d'um aprazível e formoso dia d'outono uma joven, só e com passo rápido, cruzava, em direcção opposta, o caminho, que conduzia a aldeia.

Um ancião de cabellos brancos e rosto venerando parecia esperal-a a alguma distancia da povoação; pois que, logo que se acharam reunidos, ambos tomaram por uma isolada vereda, que conduzia a uma pequena capella, alegre e extremamente limpa, consagrada a Nossa Senhora, que, para aquella boa gente, era d'uma singular devoção.

Angela, pois era ella, já não parecia a mesma: suas faces tão rosadas e tão frescas, ainda ha pouco, estavam agora pallidas e encovadas; seus

bellos olhos, n'outro tempo tão animados e tão alegres, quasi que haviam perdido todo seu brilho; e as arrouxadas sombras, que constantemente os rodeavam, eram uma prova incontestavel de suas longas insomnias e de abundantes lagrimas

Não, Angela já não era aquella creança feliz e confiada, como nós a conhecemos; era uma joven triste e resignada, porém sempre pura, sempre formosa.

Ao chegar á capella, com um olhar triste interrogou seu companheiro, que, por toda a resposta, se aproximou d'um dos dois bancos de pedra, que alli havia collocado de ambos os lados da porta, abrigado, por uma frondosa parreira, dos raios do sol que lhe servia de doce, e quasi a coberto das indiscretas vistas dos que por alli passassem pelos verdes ramos e flores silvestres que o cercavam.

O tio Pedro, que era elle o companheiro de Angela, se apossou d'aquelle logar commodo e afastado; e a joven, com sua costumada docilidade, o imitou, sentando-se em seguida a seu lado.

Parecia que ambos receiavam quebrar aquella mudez e aquelle silencio; e que não sabiam como começar uma conversação, que devia ser-lhes costosa e difficil.

Por último o tio Pedro tomou entre as suas a mão da joven, e com acento carinhoso lhe disse assim:

— Procurei falar-te, minha filha, porque, como sabes, amo-te, como um pae ama o fructo de seus amores...

Postoque nenhum laço de parentesco nos una, todavia ha algum tempo que sigo teus passos e te observo com vigilante cuidado; e tendo podido com essa incançavel solicitude penetrar em tua alma, n'essa alma dotada de tantas perfeições, de tantas virtudes, não me foi difficil adivinhar os progressos d'um mal, que, postoque incerto e bem distante ainda ao principio, acabou por tomar em pouco tempo um caracter, uma força tal, que não é para admirar, que venha a influir na paz e na felicidade de toda tua vida.

Fizeste hoje dezeseis annos: não és já uma creança, cujas affeições são passageiros caprichos, cujos pesares se parecem com ligeiras nuvens do verão: és uma joven, a quem o amor pôde vir a ser eterno, a quem uma dôr pôde matar...

Angela fez um movimento para responder.

— Não, não me interrompas, se apressou a dizer o ancião: conheço-te bem: sei que és uma mulher toda coração, toda espirito, como tua pobre mãe...

Estas palavras, que involuntariamente se lhe escaparam dos labios, produziram em ambos um effeito bem diverso: o ancião ficou perturbado e commovido, parecendo que aquella leve imprudencia o havia contrariado sôbre maneira. Angela, pelo contrário, mostrou-se animada do mais vivo contentamento; e revelando-se-lhe no rosto

uma esperança divina, com o acento da mais eloquente súplica, perguntou a seu companheiro: —; Então conheceis minha mãe?! Ah! até que por fim encontrei quem possa informar-me a seu respeito!

(Continúa)

NECROLOGIO

A terrível Parca, que desde o albergue do pobre até ao palacio dos imperadores se ostenta inflexível e inexorável, cortando o fio a uma existência mais, acaba de arrebatá-lo de entre o seio d'uma distincta e nobre familia, banhado em pranto um respeitável ancião, de idade de 102 annos, que durante o longo periodo de sua vida, se tornou sempre recommendavel e bemquisto por suas sublimes virtudes e excellentes qualidades.

Obedeceu á lei geral e invariavel da humanidade,—a descida ao tumulo.

Lamentámos a perda do nosso amigo e patricio o ex.^{mo} sr. Manuel do Rego d'Albuquerque, natural de Alpedrinha, onde se finou, cuja morte mui sentida e chorada por seus conterraneos e numerosos amigos, privou a religião d'um fiel devoto, a familia d'um optimo chefe e carinhoso pae; a sociedade d'um digno cidadão, e a pobreza d'um efficaz protector.

A elevação de seus sentimentos religiosos é-nos bem conhecida, e tambem attestada pela inteireza dos seus costumes, practica de suas imitaveis acções e varios e ricos donativos, que hoje servem de ornamento á capella do Sanctissimo Sacramento em Alpedrinha; e, sendo estes sentimentos a mais solida base para o aperfeiçoamento moral do homem, é já bem de vêr quão imminentes virtudes adornavam o possuidor de tão desejado como precioso germen.

A sociedade, postoque um pouco mais indulgente, para com os que já vão além do tumulo, em tecer-lhes sôbre a campá a lista das faltas commettidas, não carece de empregar essa indulgencia para com este finado, nem tem senão que lamentar a perda em seu gremio d'um membro, que harmonicamente sempre coóperou para a realisação do fim social.

M. L. VIDAL

SIRIOS QUEBRIDOS

Tudo acaba na terra dos vivos,

Já as rosas de todo acabaram,

E sómente os espinhos pungentes

Pelos troncos as rosas deixaram;

Já no campo não cantam as aves,

A Mariposa não brinca no ar,

Já nos lagos os cysnes de neve

Não se vêem as aguas beijar.

Não se escuta o zunido da abelha.

Não se escuta o susuro da aragem,

Segredando com as plantas virentes

Não se escuta da tarde a bafagem;

Resequidas, mirradas no chão,

Nem já resta sequer uma flor,

Tudo acaba na terra, só vive

Concentrado no peito o amor.

Como pesa este céu sobre mim,

Como as aguas só dizem tristeza,

Como tudo mudou n'um momento

N'estes sitios de tanta belleza.

Onde está esse sol tão brilhante.

Onde estão essas rosas tão bellas,

Onde está essa lua fagueira,

Ai agora onde estão as estrellas?

Tudo, tudo é medonho, terrível,

Tudo, tudo revela tristura,

Tudo, tudo mudou n'estes sitios,

Tudo agora só diz amargura.

De que serve rever estes sitios

Se para mim as flores acabaram,

Se fugiram d'aqui, e nos troncos

Os espinhos sómente deixaram:

Sitios queridos de tanta ventura

Onde instantes da vida gosci,

Ai agora sois tristes, medonhos,

Pois não tendes a flor que adorei:

Mas em breve na volta do verão,

Ha de tudo outra vez renascer,

Só para mim eu bem sei, a ventura

Já não pôde outra vez reviver.

F. DE SÁ MAGALHÃES

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^a, e Sr. Melchiades & C.^a, Livraria Central, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

Preços

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Por mez — 120 réis
Avulso — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 4, tomo II.

III

Retemperados pelas aguas lustraes d'um novo Jordão, por esse baptismo de fogo e sangue, pelo qual a Providencia aprouve fazer-nos passar, como iniciação nos umbraes do templo da liberdade, que a custo iamõs conquistando, de tal arte nos cegou a novidade da conquista, tão afanosos nos mostrámos no empenho de a bem guardar, que de todo nos esquecemos de que não ella o fim unico (como se já suppoz) dos humanos destinos, mas antes um como meio de alcançarmos outros progressos; um primeiro passo, d'entre os muitos que ainda temos a dar: uma mera iniciação para aquellos que assentam o seu campo nos ainda mui desertos arraias do futuro.

Argos vigilantes, perdemo-nos enlevados na contemplação do thesouro, que assim nos traz preza a vista e a alma, sem nos lembrarmos, que em volta a esse pomõ d'ouro, que com tanto amor guardámos, outras e muitas formosissimas flores se definham e morrem, sem que produzam fructo, á mingua talvez d'uma gõtta de agua, com que — a haver boa vontade — se lhes poderia dar vida ás raizes sequiosas.

A agricultura, com ser a mais esperançosa para bom fructo, de todas essas flores, que vão murchando no pó ao minguar-lhes o alimento, é porventura de todas ellas a que mais soffre, e a quem mais se recusa esse alento e essa protecção, de que por tantos titulos nos é crêdora.

Mal de nós, que já nos ficam bem a traz esses tempos em que os grandes homens da maior nação se não envergonhavam de serem encontrados, em meio do rude trabalho das lidas agricolas, por um povo inteiro, que tambem se não pejava de os ali vir procurar, para os exaltar aos mais altos cargos da républica; e em que esses herões, lavradores, depondo a toga da dictadura, depois da patria salva, se sentiam orgulhosos e felizes em voltarem cobertos de louros para o trabalho de seus campos, que em meio haviam deixado!

Fevereiro—1860

Já vão longe esses tempos; e todavia a terra, a «Alma-mater» dos antigos — não cessa de nos abrir o seu seio carinhoso, de nos chamar, de nos sorrir, de nos convidar com todos os seus perfumes, com todas as suas verduras, com todos os seus matizes de mil flores.

Mãe extremosa não conhece filhos ingratos e inconstantes; a todos gerou e a todos ha de involver. Se chora, encobre-nos os prantos; e, em dias de tribulação, lá a temos sempre, que nos estende os braços com affecto indisivel, que nos consola, nos acaricia e nos melhora, até que por fim, orgulhosos da propria grandeza, renegámos a mãe que nos deu o ser, e nos afastámos d'ella com desprezo, como se não fosse a ella e só a ella, que toda essa grandeza se deve attribuir!...

V

Com effeito, só por ignorancia ou por desmedido e mal fundado orgulho, se pôde conceber tal desprezo e tal ingratidão.

A arte de domar a terra, para d'ella extrahir-mos aquillo de que mais carecemos na vida, não pôde decerto ser apodada de rude, nem menos de desprezível.

Tão velha como o homem, como as suas primeiras necessidades, é-lhe a sua antiguidade segura garantia de excellencia e de nobreza; desprezível ninguem de boa fé lhe poderia chamar, sendo que todas as sciencias a veneram e cortejam, entre si disputando qual d'ellas lhe prestará maiores serviços.

As cidades, que assombram os campos com seus templos, columnas, praças, grandeza e luxo; os exercitos, que os assolam, impelidos pelo genio destruidor das batalhas; essas cidades ambulantes, que levam d'um mundo ao outro os productos de todos os climas: todas essas maravilhas de grandeza e intelligencia humana, tudo isto saúdos campos, tudo isto por lá se creou; tudo isto ha de muitas vezes, nas longas horas de atribulação e de angustia, lembrar-se com saudade da humilde mas pacifica choça, d'onde primeiro desabrochára á luz do sol; tudo isto ha de deixar de existir, de mover, de tumultuar, ha de esquecer por fim, que elles hão de continuar ainda, por muito tempo, depois do homem talvez, a vicejar,

VOLUME II

N.º 6

a florir, a fructificar, sempre bellos e sempre risinhos, agora e depois, como no primeiro dia da criação!...

VI

A industria e o commercio, os dois mais poderosos e mais incansaveis agentes e creadores da riqueza das nações, lá têm nos campos alicerce, lá foram buscar á agricultura todas as forças com que operam, todas as galas de que se revestem.

O ferro, com que o homem fabricou novos órgãos, para ajudar os que a natureza lhe dá; o carvão, com o auxilio do qual centuplica as suas forças; lá lh'os tinha a terra guardados no seu seio, com mãe carinhosa: o linho, de que fabrica os vestidos que o revestem, também já lourejou pela encosta de suas collinas: o madeiro, que recurvado sulca as ondas em busca de novos mundos, também orgulhoso e gigante se ergueu outr'ora no meio de suas florestas: o grão, que o nutre; o fructo, que o delicia; o vinho, que lhe dá mais vida e alegria; tudo isto também por lá cresceu e medrou, tudo isto de lá saiu.

A sciencia, a mais nóbre de todas, a sciencia de Deus, porque é a sciencia do infinito — a astronomia — também lá vae nos campos buscar a sua origem: lá nasceu entre humildes pastores, lá se desenvolveu, até que o homem das cidades, orgulhoso já de sua grandeza, a veio usurpar aos que primeiro a descobriram, para, no remanso do gabinete, ou no terraço do observatorio lhe dar ainda maior desenvolvimento.

A geometria — porventura mãe da astronomia, também nos campos tem seu berço.

Todas as artes lá vão buscar as materias com que operam, muitas também as suas melhores inspirações.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 3, tomo II.

V

Nos dous trechos que levamos citados poderíamos nós de certo cifrar a analyse das poesias de Zorrilla. São duas bellas peças, que bastariam para lhe deferir o laurel de grande poeta; mas não! citaremos ainda algumas para mostrar a par da fecundidade de engenho do nosso auctor as immensas bellezas que elle soube amontoar nas suas obras. E do que dizemos, não se pense, que offuscados pelo brilho do sol lhe não descortinâmos os luculos; não! achamos, na nossa humilde opinião, alguns defeitos em Zorrilla, e cital-os-hemos como lhe citâmos as bellezas.

A ideia que presidiu á criação da poesia — *Fantômes* — de Victor Huga, é tão bella em ser tão geral, tão simples com ser tão verdadeira, que não

podia deixar de apparecer, ainda que revestida d'outras formas, nas obras d'outros poetas. É ella que fez dizer a Malherbe

Elle était de ce monde ou les plus belles choses
Ont le pire destin
Et Rose elle a vecu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin!

e é ella que creou a — *Virgem e o Sepulchro* — de Palmeirim. Em Zorrilla na poesia — *A una muger* — apparece a mesma ideia ainda que algum tanto modificada. Em Victor Hugo, é a mulher pura, que apenas tem passado no mundo qual tenue sombra, que desce á sepultura; em Zorrilla é a mulher seduzida, prostituida, lançada ao charco immundo do vicio, que morre. Alli é o anjo que bate as azas e que sóbe aos céus, aqui é a mulher seduzida, que expira abandonada, sem uma lagrima, sem uma oração.

A poesia de Zorrilla não é no desenvolvimento da ideia, e no grandioso da forma igual á de Hugo, mas vence-a talvez na simplicidade tocante de que elle a adorna; é que na Hespanha, como diz Quinet, o povo dá o tom, e o poeta obedece, por que lhe segue muitas vezes o simples da narração e do metro. N'este caso está esta poesia de Zorrilla.

O poeta começa por pintar as scenas puras da natureza, que deviam ser o enlevo e a admiração dos primeiros annos da sua heroina:

Ayer el alba amarilla
Al anunciar la mañana
Pintaba de tu ventana
El transparente crystal
.....
Ayer era el sol brillante
El cielo azul e sereno
.....
Ayer la flottante brisa
.....
Tu reias e cantabas!
Niña o angel en el suelo.

Depois o tempo voou, e o poeta pergunta-lhe tristemente:

Pobre niña! que se han hecho
Los delirios de tu infancia?
Que has hecho de tu fragancia
Marchita, olvidada flor?

Hoje... a virgem prostituiu-se — hoje é a mulher caída, a mulher que pelo ouro trocou a candura de sua alma, e a pureza do corpo! Hoje em vez da corôa que lhe cingia a fronte, vêdes... o ferrete do lupanar!

Hoy! es tarde! eres muger!

Depois a mulher de marmore perde os seus attractivos um a um, e aquella que foi rainha em que

Talves coronada fronte
Descansó.....

é hoje miseravel desgraçada, a quem, como elle diz, o mendigo negará acolhimento!

Mas depois de tanto soffrer, vem a morte acabar com ella, e no seu tumulo esquecido, ninguem irá verter uma lagrima, ou espargir uma flôr.

Que es sudario de infelizes el olvido!

É triste, e tocante esta poesia. Para mim é uma das melhores de Zorrilla.

Não citarei nenhuns versos de Boabdil-el-Chico, quasi romance de bellissimo effeito e de innegavel merecimento, como confessa Quinet, que a ouviu recitar em Madrid pelo proprio Zorrilla, porque versos d'esses destacados nada dizem.

Não analysarei tão pouco mais nenhuma poesia d'este genero de Zorrilla, porque essas ahi estão, se não me engano, como padrão de gloria para elle. Direi apenas que se não pôde avaliar bem Zorrilla sem lér — *La tarde de Otono* — *La luna de Enero* — *A un Torreón* — *La orgia* — *El crepusculo de la tarde* — e muitas outras que seria longo, n'este genero enumerar.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 3, tomo II.

CAPITULO III

De como o A. faz um juramento e um protesto. O que seja loja da *pasmaceira*. Luiza e os *Conimbricences* de carne.

Declaro com toda a ingenuidade que não sei por onde hei de principiar este capitulo.

E não é á mingua de materia, que, louvado Deus, nem tanta me era necessaria. Materia tenho eu de sobra. Um dizimo de espirito, e o romance espirrava por hi fóra que era um gôsto.

Que isto de contar verdades em letra redonda ainda tem seus altos e baixos. Por mais cápas que a gente lhe ponha, por mais poeira que lhe deite em cima, sempre ha quem queira ver allusões no que dizemos, as mais das vezes, em *crystallissima* intenção.

Não sou eu só o queixoso, que, para não ir agora mais longê, desde o pobre Cervantes até nossos dias, tem sido tantos, quantos os que têm ousado ir de encontro, aberta e francamente, a ideias recebidas. Mas só de mim sinto, quanto me dóe que vejam nos meus pobres escritos fel e vi-nagre que lá não deitei. Porisso aqui deixo estampados um juramento pelo passado e um protesto para o futuro: nunca em minha vida escrevi uma unica palavra em ataque a ninguem, e na hora em que uma só pessoa se escandalize com escripto meu, quebro a penna para nunca mais. Ganhámos todos. Os leitores poupam tempo; eu poupo dissabores.

Quem não quizer não leia isso, e vamos ao romance.

Cesario saiu de casa de Pedro Pereira sem destino certo, como quasi sempre lhe succedia.

Pé aqui, pé além, fazendo tregeitos, que nem arlequim de corda, lá foi salvando os seus sapatinhos de polimento da Russia de naufragarem no mar immenso dos lamaças *conimbricences*.

Deu comsigo na Calçada.

Não me façam calembourg da phrase. Dar comsigo na Calçada não quer dizer que caiu, mas simplesmente que chegou á rua da Calçada.

Entrou n'uma loja de *pasmaceira*, e pediu lume para um charuto.

Loja de *pasmaceira* significa loja onde se re-unem uma duzia de ociosos para fallar das vidas alheias.

Em todas as terras ha d'isso.

N'aquella em que entrou Sousa Paiva, haviam effectivamente, não uma duzia, mas uns cinco ou seis, quasi todos bachareis formados em disponibilidade.

Uma pergunta séria no meio de tudo isto.

Porque não hão de os meus dignissimos patri-cios convencer-se um dia de que ninguem é propheta na sua terra? Que força de inercia, permittam-me o dicto, os retém ahi a impecerem-se uns aos outros, podendo aliás aproveitar o seu prestimo em tantas outras terras, onde lhes dariam o devido apreço?

Sousa Paiva estendeu a bengala sôbre o balcão, accendeu o charuto, e rompeu, fallando para a roda:

— Meus senhores, uma novidade.

— Venha: respondeu um côro de vozes.

— Estamos todos desafiados para duello de morte.

Gargalhada geral e unisona.

— Eu acceito; respondeu um: mas por quem?

— Acceitamos todos; responderam os restantes: mas por quem?

— Lá iremos. Por quem e o que? desafio ou duello?

— Ambas as coisas.

— Primeiro o desafio. Pelo senhor Paulo Rodrigues de Patrocínio.

A gargalhada subio á oitava sobre-agudissima.

— Basta; disse um: já sabemos tudo. Ha de andar por força a menina Luiza no meio de tudo isso. Mas a que proposito somos nós para ahi chamados?

Cesario tirou a carta, desdobrou-a, e apresentando-lha:

— Vejam: disse.

Gruparam-se todos em volta do que a tinha, e este leu d'alto com acompanhamento de risadas mais ou menos estridentes, conforme a força de pulmão de cada um dos circumstantes.

Quasi no fim foi interrompido.

— Que? como? Torna a ler esse periodo...

— « Comtudo não daria eu tal passo, se a ex.^{ma} sr.^a D. Luiza não tivesse uma independencia, « porque a não quereria prejudicar na sua for-

«tuna; mas como felizmente se não dá esse caso...»

—Basta; até ahí. Esse periodo deve ser gravado em oiro para eterno desagravo do crédito do sr. Patrocínio. Um homem que não instaria pelo casamento com uma menina, se ella não tivesse uma fortuna independente, não é tólo: que se mordam de raiya as más linguas. Adiante, e gloria ao sr. Paulo Rodrigues do Patrocínio!

—Nada de ironias, nem de interpretações de rosea. É porque a não quereria prejudicar.

—As coisas que são identicas a uma terceira são identicas entre si.

—Fóra a logica, e acabe-se a carta. Por ora ainda não ouvi nada que se entenda conosco.

Cada um d'estes dictos deveu a paternidade a individuo diverso.

O grupo ora se apertava, ora se alargava, e a todó o instante se transformava. Todos queriam estar perto para não perderem uma só palavra. O mesmo ledor mudava constantemente de posição, impellido por aquelle andar e desandar, e em pouco tempo estava á porta.

Cesario tinha-se ficado encostado ao balcão, e saboreava negligente o seu charuto.

Acabou-se finalmente a malaventurada carta.

—E por fim estou tão em jejum como estava d'antes; disse o ledor: não vejo em que nada d'isto tenha que ver conosco.

—Pois tira as peneiras, meu caro: disse Sousa Paiva.

E dando dois passos tomou a carta, e apontando para um ponto quasi no fundo, proseguiu:

—«Ou outro qualquer:» —vêem ali? E a quem de vós não serve? Quem ha ahí que não tenha namorado a ex.^{ma} sr.^a D. Luiza Bibiana de Castro?

—Bravo!

—Apoiado!

—Nenhum.

—Eu.

Todos se voltaram para este último de resposta tão excentrica, cuja voz, de mais a mais, era extranha á reunião.

—De que se tracta? perguntou Pedro Pereira, que vinha entrando, quando disse aquelle eu.

—Olha, olha; lê isto que é modelo: disseram algumas vozes.

Peixoto deixou cair um volver de olhos sobre a carta, e passou adiante, murmurando:

—Pobre d'ella! Em que esta gente desperdiça o seu tempo!

E caminhando a Cesario disse-lhe a meia voz:

—Sái d'aquí, que temos que falar.

—Já?

—Já sim. Foi uma indiscripção mostrares aquella carta: vê se a podes haver á mão. O crédito d'uma mulher não é coisa com que se brinque, e a carta já não diz pouco, para se poder prescindir dos commentarios d'estes senhores.

Tudo isto foi dicto n'um ai. Sousa Paiva dirigiu-se á roda, e estendeu a mão.

—Agora o cartel pertence-me de direito, como diz o sr. Patrocínio: venha elle.

—Nada: esta carta deve ser publicada. Vae logo para o *Tribuno*, que anda sempre esfomeado de artigos. É uma pechincha para elle.

—Ha de ser para os *Preludios*, disse outro: é jornal de rapazes, e é mais lido por mulheres. Que te parece, Peixoto?

—Que entreguem a carta a seu dono, e que se deixem de criancices.

—Pois vá, c'os diabos: mas é mal empregada em se perder.

Pedro Pereira sahiu acompanhado de Cesario.

—Para onde queres que vamos? perguntou este.

—Para qualquer parte, com tanto que possamos estar sós. Nem é necessario ir longe. Pas-seando aqui mesmo, podemos conversar. Preciso que me falles com toda a franqueza. De mim tenho tambem razões particulares para dar uma lição áquella mulher: mas de modo nenhum quero que mais tarde, succeda o que succeder, haja queixas de mim. Porisso sê franco. Senão tens força para entrar em campanha, se estás mais ou menos ligado a Luiza, desiste enquanto é tempo. A tua carta ainda aqui a tenho.

—Já te disse, e bem sabes por que; aquella mulher não me deve mais interesse do que um cento d'ellas, que vejo todos os dias.

—Mas tua familia queria absolutamente que tu cazasses com ella. Isso está desfeito?

—Completamente: só ella o não sabe.

—É muito a proposito. É o que queria saber. Vou fazer entregar esta carta, e tu não a desmintas. Não te esqueças do que lhe promettes.

—A que horas disse eu?

—Ás seis em ponto.

—E tu appareces tambem?

—Não. Hoje tenho de ir ao Club. Irei mais tarde. Amanhã, talvez.

Os dois separaram-se.

Pedro Pereira seguiu *Arco d'Almedina* acima, e Cesario tornou a entrar para a loja, onde a pobre Luiza se tinha visto parda e azul com dictos e dicterios da boa companhia.

Deixemos este, e vamos a ver se ainda alcançamos aquelle.

Eia depressa, que lá vae elle ao cimo de *Quebra-Costas*. Segue *Rua das Covas*, e vira para a de *S. João*.

Quasi ao cimo da rua entrou n'uma porta verde, e bateu as palmas.

—Quem está lá? perguntou do terceiro andar uma voz argentina.

—Está em casa o sr. Joaquim Antonio Ribeiro?

—Saiu agora mesmo n'este instantinho.

—Quando o poderei encontrar?

—Como isto agora são occasiões de festa, não lhe sei dizer. Ora vem mais tarde, ora mais cedo...

—Tem o incommodo de entregar-lhe este bilhete e um recado?

A proprietaria da voz veio abaixo.

Era uma criada toda sécia, mocetona de seus trinta, córada como uma romã, séria e grave como uma nympha de Diana.

— Ah! é v. s.^a senhor Pereira! Queira desculpar, que o não conheci pela voz: disse ella descendo o ultimo lanço de escadas. V. s.^a não quer subir?

— Estão lá as senhoras?

— Estão sim, meu senhor, e ellas estimarão muito vel-o, que ha tanto tempo por cá não veio. Até a senhora tinha perguntado se v. s.^a estária doente.

Pedro Pereira não vinha provavelmente com tenção de subir. Reflectiu um momento, viu o relógio, o que n'elle era quasi um vicio, e resolveu-se. Tornou a metter o bilhete na carteira, e subiu.

As donas da casa eram, mãe e duas filhas, cada uma d'estas muito amavel, e todas tres receberam Pereira de modo a captivar qualquer homem, que não tivesse coração tão duro como este senhor.

— Ora graças a Deus, senhor Pedro, ditosos olhos que o vêem; disse a mãe comprimentando; euidei que nos tinha esquecido de todo.

— Essa agora, minha senhora! Pessoas como v.^{as} ex.^{as}, não se podem esquecer. Mil embarços que sempre me rodeiam tão sómente me tem impedido de gozar, como tanto quizera, o carinho e amizade com que v.^{as} ex.^{as} me penhoram. E como quasi todos os dias tenho noticia da boa saude de v.^{as} ex.^{as}...

— Isso não basta, isso não basta. Nós tambem gostámos de o ver em nossa casa. Ainda hontem estive a falar n'isso com o Joaquinzinho, e elle mesmo disse, que o extranhava ha tempo. Queira sentar-se, senhor Pedro.

As duas filhas não tinham ainda dicto nada. Corresponderam com um simples aceno de cabeça aos cumprimentos de Peixoto, e conservaram-se immoveis, esperando que a mãe fallasse.

Chamavam-se ambas Maria, e, para as não confundir, tractavam a mais nova pelo sobre-nome Amelia.

Na idade faziam pouca differença: na candura e bondade nenhuma.

Pedro Pereira era sinceramente amigo d'aquella casa, e porisso ia lá raras vezes. Em Coimbra, terra pequena, onde ha tendencia pronunciadissima para dar a factos os mais naturaes interpretações inviosadas, entendia elle que assim lhes fazia maior obsequio.

Ellas é que o não entendiam assim, porque julgavam o mundo pela sua simplicidade.

Pedro demorou-se alli quasi duas horas, que lhe pareceram dois minutos. E sempre lhe succedia o mesmo. Em alli chegando, que se visse rodeado d'aquella familia, era um encanto que não é dizer.

As duas horas ergueu-se. Joaquim ainda não tinha entrado.

Deixou-lhe recado que lhe fallasse n'esse dia infallivelmente.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

UM AMOR DE ESTUDANTE

Continuado do n.º 5, tomo II.

III

Depois d'essa revelação, que viera tão rapida acordar em mim um sentimento novo, mas ineffavel de ventura e prazer, principiou logo um martyrio pungente, longo e continuado, descontado apenas a principio por um sorriso curto, mas que minha alma comprehendia; por uma palavra só, mas que me fallava ao coração; por uma carta breve, mas eloquente e meiga.

Demais, era sempre uma lucta constante diante de todos e por tudo, para recalcar no coração esse sentimento, que anhelava por fazer transparecer no rosto, que me ufania por fazer conhecido do mundo inteiro.

Fugira-me a côr das faces, encovaram-se-me os olhos, desapparecera-me o riso dos labios.

A par d'isto veio tambem a lembrança que era pobre. Se eu tivera um futuro?... Mas que futuro podia esperar?... Não era então uma loucura, não era uma infamia talvez, arrastar uma mulher, que amava, em um porvir de miseria e pobreza?...

E depois seria o seu amor tão forte para resistir a elle?... Não seria mesmo o encontrar em mim um pouco mais carinho do que nos outros, que lhe cegaria os olhos, que lhe illudiria o coração?... Amar-me-hia ella?... E eu... não teria eu mesmo sido fascinado por essa voz melodiosa e suppliciente, não teria eu mesmo confundido o grato sentimento da amizade e compaixão com o amor?...

Este incessante lutar, este incessante duvidar até de mim mesmo, roubava-me o socêgo. Alta noite divagava só e triste pelas ruas ermas da cidade; horas inteiras passava-as com as mãos enlaçadas, sustendo a fronte desfallecida a debater-me com os meus pensamentos. Meu somno era desassocegado e breve, meus sonhos eram máus e tristes. Aborrecia-me o estudo, aborrecia-me o mundo, aborrecia-me a vida, aborreciam-me até as queixas de meu pae pela falta das minhas cartas.

Amalia porém passava como indifferente ao meu soffrer; a mesma alegria não lhe fugia dos labios, a mesma confiança não lhe desertava do coração.

Um dia disse-me ella:

— Alberto, como me sinto feliz de ter sacrificado um futuro brilhante pelo teu amor?

— Tu...

— Sim, eu. Não sabes?... Havia um rapaz brasileiro muito rico, e que gostava muito de mim; um d'estes dias supplicou-me, que lhe deixasse pedir a minha mão a meus paes. Parece que o homem tinha mais de duzentos contos...

— E elle pediu-te isso?

—Pedi, sim; mas eu recusei, Alberto.

—Fizes-te mal, Amalia.

—Pois dizes-me, que fiz mal?... tu...

—Digo, sim. Sabes se terás sempre a força, de me não lançares em rosto esse sacrificio? Sabes se me amarás a tal ponto, e quizes-te-me fazer pezar com essa responsabilidade?...

Calou-se, mas aquella confidencia fez-me mal. Como lhe fallára o tal brazileiro? E seria isso verdade?...

Nasceu-me então mais uma dor no coração. Quiz acreditar n'aquelle sacrificio, mas quizera-o mudo.

Depois d'isto, como eu cada vez parecia mais carregado e triste, principiaram mil queixumes, mil caprichos d'Amalia. Um dia não me fallava, porque me vira olhando para certa mulher; outro dia desculpava-se de que M... lhe fazia a corte, mas protestava, que jámais seria correspondido; outro invocava as minhas juras e os seus sacrificios, e queixava-se da minha tristeza.

Este contínuo arrufar, que terminava sempre pelo seu arrependimento e súplicas para que a não deixasse de amar, martyrisava-me e martyrisava o meu amor.

Tinham chegado as férias; fiz os meus exames; despedi-me d'ella e retirei-me para Leiria. Deixei-lhe uma carta, em que lhe dizia:—Pensa, mede bem os teus sentimentos; não tractes de te prender, não procures euganar-te. Nós somos duas crianças ainda. Tu não és rica e eu sou pobre. Demais devo a meu pae o seu último arrimo para a velhice, e a poder dispor de mim, nunca receberei a mão d'uma mulher, senão tendo a certeza de lhe poder assegurar um futuro; isso se algum dia o poder fazer, só tarde poderá ser. E poderás, queres tu esperar? Queres ainda fazer-me sacrificios eguaes, aos que já me confessaste?

Parti. Durante as férias recebi apenas duas cartas d'Amalia. Vinham ambas cheias de queixumes. Em ambas me dizia, que não tinha gosto para cousa alguma, que não vivia senão para mim. Que, para ver se acharia alguma distracção ao seu desgosto, tinha frequentado passeios, bailes e theatro, mas que para toda a parte a acompanhava a mesma magua, a tudo a seguia a mesma dôr.

Fez-me ainda mal a confissão d'aquelle soffrimento, que tenta esquecer-se em passeios, abafar-se em bailes, abrandar-se em theatros.

Quando chegou outubro d'este anno voltei para Lisboa, e decidi fazer morrer n'ella aquella amor, que não acreditava muito real. Para isso tractei-a cordealmente, mas não lhe dei uma palavra do passado.

Escreveu-me uma carta cheia de amarguras e recriminações: não lhe respondi. Poude um dia chegar á porta do meu quarto, abril-a mansamente; mas fingi que a não via, que a não ouvia, e deixei-me ficar na mesma posição, lendo um livro. Commetti indignidades, grosserias e bai-

xesas. Deixei até um dia no meu quarto uma carta e um retracto d'outra mulher...

A cada uma d'estas baixesas, que eu praticava, seguiam-se oito, dez dias, em que me não falava, e parecia até irritada; por fim o seu orgulho cedia, o seu amor proprio aniquilava-se, e vinha humilhar-se ante mim, pedindo com o rosto banhado em lagrimas, com as mãos erguidas, com a voz trémula, perdão e amor.

Que poderia, que deveria eu fazer? Desprezar uma mulher, que se roja a nossos pés?!... Oh! não o pude...

Cansado já d'aquelle lucta comigo mesmo e com os meus sentimentos, lucta, que eu era o proprio a alcunhar de baixa e vil, e a envergonhar-me d'ella, repeti-lhe um dia toda a historia do nosso amor, que ella bem devia saber, repeti-lhe como tudo tinha principiado, como tudo tinha vivido oito mezes, disse-lhe por fim as circumstancias, em que me achava, e perguntei-lhe de novo se queria, se podia esperar. Respondeu-me ebria de prazer e alegria, que esperaria.

Continuou depois o mesmo ar de indifferentismo para mim e para todos, o mesmo esmero e cuidado de *toilette*, o mesmo gosto de passeios, a mesma predilecção pela janella, a mesma paixão e loucura pelos bailes. Mas a par d'isto quasi não passava uma semana, em que me não fizesse uma scena desagradavel de arrufos e amuos.

Assim tem sido a minha vida ha mezes; dura dois, tres dias o seu agastamento, depois lá vem humilhar-se ainda uma vez e pedir-me o mesmo, sempre perdão e amor.

Isto tem-me consumido, isto tem-me martyrisado, isto ha de matar-me.

Depois, a facilidade de Amalia em encobrir diante dos pais e de todos os seus sentimentos, em se fingir e compor, quando surprehendida a entregar-me uma carta ou dar-me um dos seus furtivos apertos de mão, encomoda-me, irrita-me, faz-me mal. Que pressa, que destreza em simular sentimentos oppostos, que presteza em illudir, em representar, o que não sente?!...

Hontem quando assim me surprehendeste no campo de Sant'Anna, foi por mais uma scena desagradavel, que tive com Amalia.

Deixára no meu quarto um retrato em miniatura da minha pobre mãe. Quando voltei para casa não o vi; procurei-o e fui encontrá-lo a um canto esfarrapado, mordido e calcado aos pés. Adivinhei logo que fôra o ciume de Amalia julgando-o retrato d'uma outra mulher. Mas aquillo era em ultrage feito á memoria de minha sancta mãe; não fui superior a elle. Quando não fosse o retrato d'ella, aquella acção tinha ainda sido mesquinha e vil. Lancei mão da penna e louco, exaltado, ardendo em febre, verti sôbre o papel tudo, o que póde conter de fel um coração, triturado pelo soffrimento, impregnado de amargura e repassado mesmo de odio. Odiava-a então... Desci a invectivas, teci injurias e compuz ameaças. Terminava dizendo, que, para descanso meu,

para cumprir á necessidade de ter uma satisfação d'aquelle insulto, lhe exigia, me pedisse por escripto perdão, do que fizera; depois, que me esquecesse, em quanto eu trabalharia por a esquecer tambem; esforçar-me-hia por a não odiar e poderia talvez perdoar-lhe um dia.

Hontem mesmo antes de vir para a aula entreguei-lhe esta carta.

Poderás tu comprehender o que ella produziu, esta carta tão cheia de fel, tão cheia de recriminações, tão cheia de ameaças, tão cheia até de injúrias?... Poderás tu acreditar-o, amigo?...

Amalia áo recebel-a, a despeito de tudo, entrou pelo meu quarto dentro, caiu-me aos pés, regou-me as mãos de lagrimas, abraçou-me os joelhos e exclamou:

—Perdão, Alberto, perdão, que não sabia o que fazia... Morrerei a teus pés mas alcançarei o teu perdão... Perdôa-me, Alberto, não me desprezes, por piedade... não me queiras matar...

Que devia fazer?... ergui-a nos braços e perdoei-lhe.

Eis o martyrio, que passo; eis o tormento, que me consome, eis a vida, que vivo! Sempre estas alternativas entre a crença e a dúvida; sempre esta prizão do coração; sempre este embate de sentimentos oppostos; sempre esta agonia da alma!...

Oh! que vida, meu Deus... que vida!...

Fiquei mudo diante d'aquelle dor; não achei uma palavra de consolação para aquelle desgraçado.

Alberto permanecia com os olhos fitos no chão; parece que um tremor convulso lhe contrahia os musculos, uma tosse sécca lhe abalava o corpo e nas suas feições, pallidas e desbotadas, se lhe pintava o combate interno das paixões.

Tinha anoitecido: Alberto permanecia no mesmo estado de mudez e insensibilidade, e eu ainda não tinha achado uma palavra para o arrancar d'aquelle torpor. Por fim travei-lhe do braço, segui-me sem resistencia, caminhou sem consciencia mesmo do que fazia, entrámos em sua casa, sentou-se ou antes deixou-se cair sôbre o leito e escondeu a fronte nas duas mãos. Chorava.

—Alberto, lhe disse eu, tambem com lagrimas na voz. Sê homem; não te queiras matar. Vive para teu pae. Confia na minha amizade. Olha, que Deus pôde muito, Alberto... Alimenta no coração um raio de esperança, e não descreias do futuro...

N'este momento uma voz alegre cantava dentro uma *romanza* italiana, acompanhada a piano. Alberto ao ouvil-a, deu um pulo na cama, passou a mão pela testa e exclamou:

—Olha amigo; ouves?... É ella... é ella, que canta, e eu, que choro!... Que amor é o seu, que não vê o meu soffrimento, que não vê que me mato... Ai! pobre de mim...

Não achei nada que lhe responder; apertei-lhe convulsivamente a mão e sahi contristado e opprimido.

(Continda)

A. F. DE LOUREIRO

SERÁ COMO O FUMO?...

Como o fumo, que além sobe pausado

Ao céu,

Repara, anjo adorado,

Ora argentea columna simulando,

Ora espalhando

No ar

A tremular

Seus turbilhões e espiras engraçadas,

Brandas, alvãs, serenas, prateadas...

Repara, anjo adorado,

Como o fumo, que além sobe pausado

Ao céu,

Assim o meu amor por ti no peito,

Por teus encantos mil preso e sugeito,

Nasceu.

E vês o brando ventó ora nascido

Soprar?

Repara, anjo querido,

O pobre fumo além, todo arrastado,

O malfadado,

Do céu

Elle varreu;

Suas bellas espiras desatadas.

Lá vão todas desfeitas e levadas!...

Repara, anjo querido,

Se vês o brando vento ora nascido

Soprar,

Assim o meu amor pôde algum dia,

Por teu desdem trocado em agonia,

Findar!...

Dezembro de 1859

A. F. DE LOUREIRO

NO PENEDO DA SAUDADE

Ao meu amigo Francisco Estanislau Junior

No penedo da saudade
Um triste se veja só.

J. DE L.

Surgiu aurora encantada

E da linda côr cercada,

Que a natureza lhe deu,

Surgiu das trevas agora

E nos trouxe linda ess'hora

Tão saudosa á terra e céu.

Eu vou só co'o meu desejo

Sorver das brisas um beijo,

No logar da liberdade;

Vou pedir esquecimento

Do meu passado tormento

Ao *Penedo da Saudade*.

Oh! que belleza não tem

Aquelle outeiro d'além,

Terra e céus a perfumar?!...
E como mánso murmura
Por entre verde espessura
O Mondego de crystal?!...

O prado todo coberto
Ao longe, ao longe... mais perto
De lrangeiras em flôr,
Faz nascer um pensamento
D'alegria... e o desalento
Faz calar o trovador.

Oh! foi alli que El-Rei Pedro
Suas maguas em segredo
Veio n'outr'ora cantar,
E em troca d'amarguras,
Que alli soffreu... e doçuras,
Quiz-lhe — *Saudade* — chamar.

Magico nome — *Saudade!*
Casado co'a liberdade,
Que meigo nome não é!
Oh! nome tão só d'encanto!
Oh! nome que eu amô tanto,
Que no coração se lê!

Oh! quem, na tristeza immerso,
Se lembrar inda do berço,
Do tempo do seu nascer,
No *Penedo da Saudade*
Contará á immensidade
As máguas do seu soffrer.

Coimbra, 8 de Janeiro de 1860

JOSÉ AUGUSTO GUEDES TEIXEIRA

A...

É minha dita amar-te...
EUGENIO DE BARROS

— Que te diz a natureza,
A despedir-se saudosa
Já do dia?

Quando a noite é mais formosa
E o luar tem mais belleza?

— Poesia...

— Que te diz esse profundo
Brilhar trémulo d'estrellas

Lá nos céus?
E, ao vel-as assim tão bellas,
Em que te fala esse mundo?

— Fala em Deus...

— E este olhar, em que chóra
A tristeza, e tem da estrella

O fulgor?
Não sabes? córaste agora...

Pois eu t'o digo, donzella;
Diz-te Amor!...

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

DESEJOS

Si ton cœur n'aime déjà
Sois moins fier, moins sevre,
Car bientôt ton tour viendra.

Mal haja esse instante fatal e primeiro,
Que a luz dos teus olhos a esta alma sorriu!
Mal haja a ventura só vista nos sonhos,
Que um peito d'amante de lucto cobriu!

Mal hajam instantes risonhos, que tive,
Delicias sonhando d'eternos amores,
Mal hajam caricias tão falsas, fingidas
Que só me trouxeram martyrios e dôres!

Agora qual foste!... jámais te não vejo!...
Teus meigos sorrisos p'ra mim já não são!
A fonte das graças seccou-se em teu peito:
Só trevas me enlutam o meu coração!...

Fingidos protectos no mundo só vejo!
Mentiste mulher! que não foste leal!
Folgaste! sorriste! d'altivo prazer
Cravando em meu peito buido punhal!

Mulher! se tu querias minh'alma perdida!...
Se foi teu intento fazer-me penar!
Agora, completos que vês teus desejos,
Bem podes teus hymnos de gloria cantar.

Guarda, 20 de Janeiro de 1860

.... c.

EXPEDIENTE

Esperámos da bondade dos sr.^s assignantes o pagamento do preço de suas assignaturas — até o fim do corrente mez de Fevereiro. Os pagamentos podem ser feitos a nossos commissarios; e, onde os não houver, directamente a esta redacção, por meio de vales do correio ou de estampilhas.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^a, livraria central do Sr. Melquiades & C.^a, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

Preços

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Por mez — 120 réis
Avulso — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do número 6, tomo II.

VI

Occupar-nos-hemos agora da parte das suas poesias, que Zorrilla intitulou — *Cantos del Trovador*.

N'esta parte reuné o nosso auctor algumas lendas, contos singellos, com que pretende imitar as narrações agradaveis dos antigos trovadares.

Na introdução a esta parte, diz-nos elle qual a intenção que presidiu á feitura d'estas peças; e fôra a de fazer passar algumas horas das longas noites de inverno. E na verdade, que cousa mais agradável haverá, do que ouvir algumas lendas curiosas, sentados diante d'uma boa lareira, enquanto o vento ruge fóra, e a chuva cáe a torrentes? Nenhum de nós se recorda sem saudades das noutes que assim passou, ao ouvir as historias de trasgos, e duendes, que as nossas velhas amas nos contam. Hoje na cidade desprezam-se essas noutes; passaram de moda. Em seu lugar ouvimos nós botequins as insulsas e parvoas conversas dos leões da moda, e dos dilletanti. Será preferivel a substituição? Parece-me que leio a negativa nos olhos dos meus estimaveis leitores, se é que os tenho. Mas longe de mim condemnar as noutes passadas a ouvir as ternas harmonias de Bellini, ou as sublimes inspirações de Haydn, ou as noutes gozadas n'um baile animado, frenetico, doudejante— não; o que lamento é que passassem de moda essas francas e leas conversas portuguezas, para lhes substituir-mos o *tour d'esprit*, e... *calembourg!* eis o que condemnâmos, mais nada.

É o mesmo Zorrilla, que condemna esse *spleen*, que parece reinar entre a sociedade moderna. Ouvide-o

Hoy al fuego de un tronco nos sentamos
En torno de la antigua chimenea
Y acaso la ancha sombra recordamos
De aquel tizon que á nuestros piés huméa!

Assim é nobre a intenção de Zorrilla. É a condemnação á morte do *spleen*.

Dizer que Zorrilla cumpriu o que tinha pro-

Março—1860

mettido, dizer que são bellissimas essas lendas, é uma superfluidade; muito mais depois das segundas palavras d'um critico—«Nos *Cantos del Trovador*, campeia o engenho de Zorrilla com uma liberdade e galhardia que enamora; alli está a sua alma, a sua vida, a sua intelligencia, e todas as faculdades que o adornam. Seria baldado o elogio que se fizesse d'estas poesias, sem nos estendermos em copiar muitas de suas partes.»

Para este torneio contra o spleen faz elle o seguinte embate

Los que vivis de alcazares señores,
Venid, yo halagaré vuestra pereza;
Niñas hermosas que moris de amores,
Venid, yo encantaré vuestra belleza,
Viejos, que idolatrais vuestros mayores,
Venid, yo os contaré vuestra grandeza,
Venid, á oír en doces armonias
Las sabrosas historias de otros días!

E nós, leitor, vamos tambem ouvir as trovas do nosso auctor.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

UM AMOR DE ESTUDANTE

(conclusão)

IV

Passaram-se dias e dias. Alberto continuava sempre presa da mesma agonia intima, que lhe cavava a morte no coração. Fugia de todos, não frequentava as aulas, as faces enrugavam-se-lhe mais, os olhos encovavam-se-lhe, definhava de momento para momento.

Um dia encontrei-o com o olhar ardente mas fixo; caminhava como absôrto nos seus pensamentos; não me viu, não me fallou. Aquelle ar assustou-me. Corri para elle e gritei-lhe:

—Alberto, não me vês, não me fallas, não conheces o teu amigo?...

Parou; fixou-me com o mesmo olhar inalteravel e vago, depois pareceu conhecer-me. Um imperceptivel sorriso lhe encrespou os labios, e com voz sumida e queixosa murmurou:

—Perdôa, amigo... perdôa... tinha-te tambem esquecido... Se eu via-me tão só... tão desgraçado!

— Mas que novo tormento criaste mais para soffrer? Ha muito tempo que não te vejo; por onde tens andado?

— E sei-o eu?... Olha; ha tres dias que divago sem destino por esse deserto de Lisboa; ha tres dias que tenho andado como perdido, que me tenho sustentado da luz do sol, acalentado do frio da route...

— Mas tua familia... Amalia...

— Não sei. Saio d'aquella casa. Passei do centro d'uma familia para o isolamento no meio d'uma população de milhares de pessoas. Oh! meu Deus, e não morri... Olha, ha tres dias acordei eu, ouvindo a voz afflictiva de Amalia. Chorava e pediã um convento. Parece que se tinha descoberto o nosso amor... Sai do meu quarto. Meus thios não me appareceram, mas entrevi Amalia com as faces desmaiadas, os cabellos dispersos, os olhos embaçados de lagrimas. Parecia um cadaver... Suas irmãs fugiam-me. Respirava tudo um ar de consternamento, que me gelou o coração. Sai, deixando dicto, que não podia, que não queria servir de desintelligencias em uma casa, aonde tinha sido acolhido quasi como um pobre, a quem se dá uma esmola... Desde então divaguei perdido e louco pelas ruas da cidade; quiz abafar no esquecimento do vinho a dor, que me consumia, mas não o pude; quiz adormecer pela fome e fraqueza do corpo esta agonia da alma, mas o espirito sobreviveu a tudo; quiz por fim arremessar-me ás ondas impetuosas do Tejo, mas lembrei-me de meu pae e vivi... Hoje recebi esta carta d'elle; lê.

E Alberto entregava-me uma carta ainda humedecida de lagrimas.

Dizia ella assim:

«Meu filho— Deus infinitamente grande e bom, mas incomprehensivel nos seus sanctos mysterios, não me quiz deixar morrer com a felicidade de me poder revêr e ufanar contigo. Meus cabellos enbraqueceram pelos soffrimentos, minhas faces cavaram-se pelas privações, mas no meio d'este horizonte de desventura scintillava uma luz meiga e terna, que me fazia ainda crer na vida.

Eras tu.

Essa estrella de esperanza, que me animava, foi offuscada. Esse derradeiro elle, que me prendia á vida, foi despedaçado.

Tu esquecêste o trilho da honra, que devias seguir; esquecêste, o que de mais sancto tinhas no mundo, a memoria de tua mãe!...

Fôste manchal-a Alberto, fôste ultrajal-a semeando a desordem no seio d'uma familia, que te acolhêra como um pobre, mas que te acolhêra como um filho.

D'ora avante envergonhar-me-hei por ti.

Poucos dias posso já viver; em breve irei juntar-me no céu a essa martyr, que me espera, e, que teve a felicidade de não ver seu filho expulso d'uma casa honrada.

Sei tudo Alberto. Não procures justificar-te... Vive, se o remorso da morte, que vaes dar-me, te deixar viver.

Vive, mas não procures mais ver-me. Sabe apenas, que eu morrerei tractando de te esquecer, mas nunca de te amaldiçoar. Este amor é superior ao dever!... Deus se amerceie de ti, e me perdoe. Adeus...

Manuel de Castro.»

Fiquei aniquilado com a leitura d'aquella carta, nascida talvez de intriga tecida ao pobre velho. Olhei para Alberto. Fitava-me com olhar de anciedade e susto.

— Lêste? me perguntou elle.

— Li.

— E não me despresas por ter ainda coragem de viver?

— Não. Quero até que vivas, quero que te justifiques, quero que voltes para casa de teus thios, quero que dês vida a teu pobre pae. Dize, não respondêste a esta carta?

— Não.

— E não lhe tinhas dicto que saias de casa de teus thios? ..

— Tinha-lhe apenas escripto, que saia d'aquella casa por motivos fortes e justos, e que pedia perdão a meu pae de lh'os occultar, mas que seu filho não se envergonharia nunca da sua vida, nem envergonharia jámais seu pae.

— E só isso?

— Só.

Já se vê, que tinha havido intriga, que cegára o pobre Manuel de Castro.

Levei Alberto para minha casa; tractei-o como amigo, mas o seu estado continuava assustador. Terminaria por a loucura ou suicidio?

Obriguei-o a escrever ao pae, contando-lhe tudo o que tinha havido. A carta voltou no correio immediato, mas fechada como fôra.

Alberto continuava a definhar-se; aquella vida era uma não interrompida tortura! Não estudava, não lia, não saia até. Perdêra por fim o anno.

Ao saber esta noticia, Alberto não deu uma palavra. Carregaram-se-lhe mais as sobrancelhas, contraíram-se-lhe mais os labios, mas não se queixou. Saiu e não o pude descobrir pelo espaço de tres dias. Ao quarto recebi este bilhete.

«Amigo.— Perdôas-me de não me ter despedido de ti quando vaes talvez ser eterna a nossa separação?

Acho-me a bordo da fragata D. Fernando. Quando receberes este bilhete, já irei longe; a fragata terá de ha muito levantado ferro. Do general e do Ministro alcancei passar para o exercito de Moçambique.

Que importa viver aqui ou alem, se aonde quer que vegete, arrastarei sempre comigo estas duas ideias— não tenho pae— não tenho amante!?

Adeus, amigo, adeus... agradeço-te tudo e peço-te só que faças chegar essas duas cartas a meu pae e a Amalia, se vires, que não são ainda um crime essas mesmas cartas.

Teu do coração

Alberto.»

As duas cartas d'Alberto eram as seguintes:

«Meu pae.—O filho, que fez um dia envergonhar seu pae, devia ter a coragem de se matar. Fui tambem cobarde... Juntei a cobardia ao crime.

Não me verá porém mais; não irei manchar com a minha presença vil as suas cans honradas; não irei juntar o insulto ao soffrimento; arrastarei comigo e bem longe a sorte, que me esperava no mundo.

Não o crimino de ter ouvido mais a voz d'uma queixa do que a do coração; não procuro justificar-me tambem; mas não posso deixar de o amar.

Viva, viva, meu pae... não me queira deixar o remorso de o matar. Bem me basta o das lagrimas, que o terei feito chorar.

Viva e esqueça-me... muito embora, para satisfazer á sociedade ingrata, seja preciso aniquillar, o que ha de mais sancto e mais puro no coração do homem, o amor de pae.

Viva e esqueça-me, mas não me amaldiçõe.

Esqueça-me embora, que a sua lembrança viverá em mim, eterna como a de Deus, pura como a imagem d'esse mesmo Deus.

Esqueça-me para sempre, que eu jámais olvidarei, que sou seu filho.

Alberto.»

A outra carta para Amalia dizia assim:

«Amalia.—Embarquei hontem na fragata D. Fernando... Vou para Moçambique; vou partir; vou deixar-te, que te não posso fazer feliz...

Vou morrer longe de ti, só com as minhas saudades, só com a minha dor.

Julguei, que não te amava tanto, Amalia. Como esta partida me custa e comtudo é inevitavel!

Tu, Amalia, vaes ficar tambem sem ter, com quem repartas a tua desventura, quem enxugue os teus prantos, ouça os teus queixumes e te dê coragem e esperança...

Oh! mas tu... perdôa de assim t'o dizer, tu viverás, tu serás feliz ainda...

Eu... eu sinto-me velho; parece que sinto até embranqueçerem-me os cabellos...

Bem o sei; é a morte, que me espera alem, mas a morte lenta de cada dia, a morte do esmagar continuo do coração, a morte demorada e negra d'uma agonia intima e dolorosa. Mas tu, Amalia, vive; vive para teus paes, como eu viveria se ainda tivesse pae; vive para o mundo, como eu viveria, para elle se o mundo me não tivesse envenenado e dilacerado a esperança.

Esquece-me, Amalia; esquece-me como uma sombra triste d'um dos teus sonhos innocentes.

Deus não quiz tornar venturoso o meu primeiro amor; Deus não quiz tornar-me ligeira e doce a minha peregrinação n'este valle de lagrimas do mundo. Paciencia. Era este o meu destino...

Perdôa só o ter alguma vez duvidado de ti; perdôa o ter-te feito soffrir; perdôa... e deixa-me crer puro esse amor, tão puro como nós meus sonhos bons o queria acreditar.

Preciso agora de ter esta crença para não mor-

rer com a dúvida, com a desconfiança, que ameaça de estalar-me o coração.

Adeus, Amalia... Sê feliz, é o último pedido d'um muribundo já, que, no seu derradeiro adeus ao mundo, te quer ver sorrindo do meio da tua felicidade, para não levar para o tumulo o remorso de mais uma desventura causada por elle.

Adeus, Amalia... Adeus mil vezes.

Alberto.»

No dia seguinte ao do embarque de Alberto tractei de fazer cumprir as suas ultimas vontades.

Fiz entregar a carta d'elle para o pae e quiz eu mesmo ser o portador da outra.

Procurei pois D. Caetana de Menezes para ver se acharia logar de entregar á filha a carta de Alberto. Entrei para a sala. Apareceu-me D. Caetana e duas filhas. Uma era Amalia.

Tinha passado apenas um dia depois da partida do primo. Estava elegantemente vestida; a sua physionomia era alegre e risonha; nem uma leve dóbra, nem um leve indício d'uma dor occulta transparecia n'aquelle rosto juvenil e meigo. Em contraposição áquella falta, seu cabello estava primorosamente toucado e enfeitado, seu *toilette* na última moda, e não lhe faltava recurso algum da arte, que ajudasse a natureza a brilhar.

Fez-me aquillo impressão, mas quiz ainda levar mais avante o meu estudo antes de aventurar um juizo.

Fingi, que não sabia ter Alberto saído de casa de seus thios á perto d'um mez e perguntei a D. Caetana.

—E o sr. Alberto, como passa?... não está em casa?

—Nada. Foi para férias á quasi um mez. v. s.^a não o sabia e era seu amigo!

—É verdade, minha senhora; era seu amigo e do coração... até a essa amizade é que eu devo a honra do conhecimento de v. ex.^a; ignorava porém a sua partida... Se elle era um esquecido!... Mas agora não é tempo de férias, tarde vem ainda infelizmente...

—Lá isso não sei; o que é certo, é que Alberto é o modelo das virtudes, mas aquelle seu genio triste e melancolico hade matal-o. Ama loucamente o pae; este tem estado doente e então talvez elle arranjasse licença para o ir visitar.

Vi que mentiam e quieram encobrir a saída de Alberto. Disfarcei; e, mudando de conversa, perguntei para Amalia:

—E v. ex.^a tem-se divertido muito?

—Eu, não; sempre os mesmos passeios. sempre os mesmos theatros, sempre o mesmo... isto tambem enfada.

—É verdade, minha sr.^a; a monotonia nos prazeres enfada mesmo mais do que a monotonia nos soffrimentos... E depois a bella estação dos bailés está quasi passada...

—Ainda não, felizmente—me tornou ella. Amanhã é o baile do conde de... qué ainda é nosso parente, não é verdade, mamã?... O papá já me prometteu de me levar lá. Hontem fui escolher um *toilette* de baile, mas fiquei indecisa sôbre a escôlha da côr das flores para o enfeite da cabeça. Havia duas grinaldas muito bonitas na Elisa, uma branca, outra côr de rosa...

—Não, minha sr.^a, v. ex.^a não deve hesitar, na escolha deve optar já pela branca. É a côr da candura, da innocencia...

Pedi-lhe depois, que tocasse alguma cousa; queria ver se ao piano acharia ensejo de lhe entregar a carta de Alberto. Amalia sentou-se ao piano e lançou mão da primeira muzica; era um *potpourri* das *Vesperas*; depois de o tocar disse-me com um ar indifferente.

—Como v. s.^a é amigo d'Alberto sempre lhe quero tocar a muzica favorita d'elle; é a última walsa de Weber. Sei-a quasi de côr, mas confesso, que não é por gôsto... é uma muzica tão triste, tão insípida...

—Não admire v. ex.^a; Alberto sempre teve máu gôsto: peço até a v.^a ex.^a que a não toque... e fingindo querer tirar-lhe a muzica da estante, cheguei-me ao pé e deixando escorregar a carta, disse-lhe baixo —é de Alberto.

Olhou-me com admiracão, fez-se levemente córada, deixou-lhe cair o lenço em cima com todo o disfarce, escondeu-a e principiou tocando a primeira muzica que lhe lembrou... Era uma walsa alegre e brilhante.

Conversámos ainda e passado um momento saí. Tinha-me feito mal a maneira por que encontrára Amalia; arrependi-me até de lhe ter entregado a carta. Pobre Alberto, era por uma mulher assim, que ella se matava...

No outro dia alcancei ser apresentado no baile do conde de... Queria ver se apesar da carta de Alberto lá encontrára Amalia. De facto ás 10 horas da noite, appareceu ella brilhante de felicidade, deslumbrante de formosura e elegante de vestuario. Cheguei-me a ella e perguntei-lhe em voz baixa se lera a carta de seu primo. Respondeu-me assim com um ar indizível de compaixão e ao mesmo tempo de enfado.

—Li, sim... Coitado, aquelle rapaz tem as ideias mais extravagantes... Sae de nossa casa sem que nem para que, e vae agora embarcar para Moçambique, que lembrança!... Eu era realmente muito amiga d'elle; não sei como tenho podido suportar a sua partida...

—Ora imagino perfeitamente quanto v. ex.^a terá soffrido... interrompi eu, sorrindo imperceptivelmente. Mas Alberto pôde ser que volte; elle não diz nada a v. ex.^a?

—Não, mas duvido; e comtudo seria bem feliz de o tornar a ver! Mas aquillo era um rapaz exquisito; ora diga-me v. s.^a, comprehende-se um homem, que aborreça como elle os bailes e a dança?...

—É realmente incomprehensível!... Mas a mu-

zica chama os dançantes. v. ex.^a dá-me a honra d'uma walsa?...

—Com muito gôsto.

Dancei aquella walsa e Amalia nunca mais me falou de Alberto. Acabada ella sai com o coração opprimido: Amaldiçoei aquella mulher e não quiz mais saber d'ella.

Continuaram as minhas aulas; principiou o anno lectivo de 57 a 58 e não tornei a ter noticias de Alberto. Pesava-me aquelle silencio e bastantes vezes recordava aquelle pobre amigo, que tivera a infelicidade de encontrar no seu primeiro amor uma mulher, que lhe dera em terra com o seu futuro, que o levára até ao suicidio lento e irremediavel, e que lhe cortára uma a uma as fibras d'aquelle coração, que a não comprehendera, e morreria martyr expiando esse engano.

Procurei saber do pae de Alberto e tive a noticia da morte do pobre velho tres mezes depois da partida do filho. De Amalia não procurei mais saber; parece-me até que a tinha esquecido.

Estava-mos já no fim de 1858, quando, entrando em minha casa, encontrei o meu criado, mirando, revendo e revolvendo nas mãos uma pequena carta, pasmado de que o correio tivesse a ousadia de pedir de porte 180 réis. Lancei mão d'ella e vi a marca —Moçambique.

Senti apertar-se-me o coração com a lembrança de Alberto. As mãos tremiam-me, fugia-me até a vista dos olhos. Abri-a. Era effectivamente d'elle Eis o que me escrevia.

«Meu amigo.—Quando receberes esta carta já eu não existirei. É pois com um pé na sepultura, é sentindo já o frio da morte a enregelar-me o coração e a mortalha do sepulchro a involver-me os membros, que me levanto ainda, para te dizer d'esta extremidade do mundo, a que o destino me arrojou, um eterno adeus.

Vou morrer; vou chegar por fim ao momento desejado, em que o corpo vae tornar para o pó d'onde saíu, e o espirito subirá livre na amplidão do espaço até ao paiz do descanso eterno... Vou alfim deixar esta coroa de martyrio, que me cingiu em vida; vou repousar; vou ser feliz... vou encontrar minha sancta mãe; vou alcançar talvez o perdão de meu pae... Pobre velho!... uma attracção indizível me chama e diz, que o vou encontrar tambem no paiz da infinda gloria... A sua alma espera-me no céu; seu corpo já deve de ter dado aos vermes a parte da herança de materia, que lhe retinha...

No adeus extremo d'este mundo morro sócego, porque duas imagens puras me acompanharão além da campa; uma severa, mas fiel, triste, mas resignada; é a tua, amigo... outra risonha, amada e doce; é a de Amalia.

Oh! como é bom largar este involucro de misérias para quem viveu vida regada de lagrimas e tecida de infortúnios!... Como a morte se aproxima serena e bella para quem a comprou por sacrificios sem conto, por infinita e amargosa expiação!...

— Amalia... serás tu feliz?... Has de sel-o. Deus deve de ter ouvido os meus rogos.

Lá do céu vigiarei por ti... tens de mais um anjo, a quem te encomendei... é minha mãe.

Adeus, amigo... vou morrer... adeus para sempre.

Foge-me a força, sinto na cabeça um fogo, que me devora, e no coração o gelado frio das garras da morte... Oh! mas o espirito vive... vive, para, velez como o pensamento, transpor milhares de leguas e ver-te com as lagrimas nos olhos a lembrares-te do pobre Alberto... Vive, para ver esse anjo, que adorei no mundo, a seguir-me no outro com um sentimento doce de saudade...

Entre a vida e a morte, o espirito é dotado ainda de providencia ao aproximar-se de Deus... elle prevê, que os dois entes, que me poderiam ainda prender na terra, vivem na felicidade, que eu não pude, que não poderia já mais dar-lhes...

Adeus pois, e bemdicta a Providencia, que vae arrancar da terra mais um desgraçado para deixar felizes duas creaturas, cujas imagens me acompanharão até aos pés de Deus... coragem e... adeus Amalia... adeus amigo.

Alberto.»

Ao acabar de ler essa carta, a vista era-me completamente embargada pelas lagrimas.

Fóra de mim, como mergulhado em um sonho incomparavel de amargura, sem consciencia do que fazia, sai com ella convulsamente apertada na mão.

Não sei por onde andei, o que vi, o que fiz, nem por quanto tempo divaguei, louco e perdido n'aquella dor, que me absorvia todas as faculdades.

No meio d'esse meu passeio sem fim nem destino, conheci que era noite de ha muito.

Achava-me perto de S.^{ta} Izabel e em um largo, que me pareceu estranho. Na minha frente vi um palacete brilhantemente illuminado. Os sons d'uma orchestra arrebatadora e doudejante vieram ferir-me os ouvidos. Chegava n'esse momento a essa casa um caleche trazido a galope. Parou. Vi apparem-se dois militares de grande uniforme.

Ao passarem por mim:

— Oh! tu por aqui, gritou um d'elles; tambem vens ao baile?

— Eram P. e A., dois condiscipulos meus.

— Baile!... perguntei eu, desmemoriado e como despertando d'um pesadelo horrivel, baile?!... que baile?

— Sim; baile. Casou hoje o filho do Visconde de... d'um ratão, que tem uma grande fortuna, que parece não é devida aos interesses d'uma merecaria, em que ainda ha bem poucos annos pesava arroz e bacalhau. É um titular de nova data. Pergaminhos mais solidos... são amarellos...

— Mas elle casou...

— Sim, casou o filho com uma tal D. Amalia de Menezes.

— Amalia... exclamei eu com um apêto de coração, uma ancia, que me despedaçava.

— Sim, Amalia de Menezes. Conheces?

— Não... não conheço...

— Oh! admira. Ella era prima d'aquelle magico, aquelle Alberto de Castro... não te lembras?... aquelle teu amigo...

— Ah!... articulei eu com esforço.

— Já te lembras?... Mas não vens, am?... pois adeus; parece-me que a cousa já principiou, e um baile... bem vês, d'um baile não se pôde esperar nem um dx. Adeus.

1859

A. F. DE LOUBEIRO.

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilheoz

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 5, tom. II

— Oh! não!, respondeu logo o ancião: enganaste, Angela; ou antes fui eu que me enganei; no interesse, que me inspiras, chego até a confundir minhas ideias.

Estas palavras foram pronunciadas com tanta firmeza, que, perdendo-se a pobre joven em diversos pensamentos, nada encontrou, que responder ao bom Pedro.

— Vamos, minha filha, proseguiu este, procurando prender de novo o fio de sua conversação, com o fim de afastar o pensamento da joven d'um assumpto, que parecia ser-lhe bastante desagradavel: vamos; bem sabes já quanto te amo; promettes-me agora responder a minhas perguntas, com a sinceridade com que o deve fazer uma boa filha?

— Sim; prometto, respondeu ella, movida pela doce esperanza, de que poderia colher ainda alguns esclarecimentos mais a respeito de sua mãe.

— Angela, começou Pedro, fixando o rosto da joven com um olhar intenso e penetrante ¿amas porventura muito o filho do marquez?

O rosto de Angela, pallido como as folhas d'uma açucena, instantaneamente se tornou vermelho como uma rosa de Bengala; o ancião havia tocado a corda mais occulta, mais sensível de seu coração; e o estremecimento, que lhe abalára o corpo, não escapou a suas escrutadoras vistas.

— Lembra-te, que me prometteste ser sincera, lhe observou Pedro.

— Pois bem: sim... amo-o ainda mais do que a propria vida! n'elle tenho encontrado sempre o carinho dos paes, que me faltam; dos irmãos, que não tenho; dos amigos, que despresaram minha amizade. Tenho sempre vivido só: nem uma só palavra de ternura, nem um só olhar de interesse alegrou em algum tempo minha infancia triste e solitaria. Ninguém reparava em mim, quando Fer-

nando, esquecendo seu nascimento, seus títulos, procurou ser o amigo da joven desgraçada e de todos esquecida. As primeiras palavras de affecto, que chegaram a meus ouvidos, fizeram-me experimentar um sentimento dôce e novo para mim: certa depois, como estava, de que seu coração se não afastava do meu com desdem, uma sêde de ternura me abraçou a alma; em quanto que uma voz poderosa e vibrante me bradava sempre: *¡mais!* *¡ainda mais!* com um anhele infinito! Sei que este amor será minha desgraça; porque elle o ignorará sempre: a mim mesma me havia jurado não revelar a ninguém a paixão, que me domina; porém, vós, que sempre me haveis amado, vós, que dizeis considerar-me com todo o interesse que uma filha inspira a seu pae, guardareis no fundo de vosso coração meu segredo, e a ninguém falareis d'este amor, que é um culto, uma religião para mim *¡Oh!* escarnecer-me-hiam, desprezar-me-hiam, se soubessem, que uma creatura, tão obscura e humilde como sou, se atrevêra a amar o filho de seu amo, de seu senhor!

Ao terminar estas palavras, a fronte lhe pendeu no peito envergonhada e triste.

O thio Pedro contemplou-a em silencio por muito tempo: é que sem dúvida, segundo o revelavam as distinctas expressões, que tomava sua phisionomia, uma lucta terrível de pensamentos oppostos o agitava tambem.

Passados alguns momentos de penosa meditação, pareceu tomar uma resolução firme e energica.

— Deus assim o quer, murmurou elle: é preciso tornar feliz ésta pobre rapariga. Depois, dirigindo-se a Angela, continuou:

— Se conhecesses alguém, que á custa d'um grande sacrificio, de sua honra, de sua vida talvez, podêsse conseguir dar-te uma posição brilhante, mais brilhante ainda, que a de Fernando; que te collocasse a seu lado, fazendo-te senhora de seu nome e de sua mão; e tudo isto sem que tu lhe cedesses em nascimento, sem que tivesses de envergonhar-te nunca em sua presença, dize-me, Angela, *¿julgar-te-hias feliz?* *¿Poderias tu maldizer ou detestar um dia o que te dêsse tudo isto, por mais culpado e desprezível que fosse?*

— Não vos comprehendo. *¿Para que me fazeis semelhantes perguntas?* Nem isso está ao alcance humano, nem meu coração é ingrato.

— Dize-me: e *¿julgas que Fernando te ama?*

A joven vacilou; mas depois d'uma pequena pausa respondeu:

— Não sei se é amor o que elle por mim sente; porém é certo que exerço em sua alma uma influencia superior; que continuadamente me procura; e que, á minha voz suas ideias, seu caracter se mudou, conformando-se, identificando-se com o meu.

— Sim, deve amar-te. E *¿quem pôde vêr esse teu rosto de virgem, esse olhar dôce, essa fronte candida sem sentir-se movido d'uma irrisistível sympathia, d'um carinho, d'uma ternura infinita?!* Deve amar-te, porque és boa e bella como os an-

jos; e como elles é preciso, que sejas feliz. *¡Angela!*: dentro de tres dias esperar-te-hei n'este mesmo sitio; e por ventura ouvirás de minha bocca palavras de consôlo. Entretanto, minha filha, não percas a esperança.

— Porém *¿que pensaes fazer?*...

— Tua felicidade. Irei esta noite falar ao marquez.

— *¡Ao marquez!*... *¡Meu Deus!* ireis revelar-lhe... *¡Oh!* não! não! Lançar-me-hia de sua casa como se fôsse a ultima de suas criadas... rir-se-hia de meu amor...

— Tranquillisa-te, minha filha, minha dôce filha: sei quanto devo a tua confiança: teu segredo não será profanado.

Calou-se o ancião, e seu olhar se fixou em Angela com uma expressão indifinivel; — parecia que ainda tinha alguma coisa mais, que dizer-lhe; mas que vacillava. Por fim tomou uma das mãos da joven e lhe disse, puxando-a docemente para si:

— Angela: vou fazer por ti um grande sacrificio, *¿sacrificio custoso e triste!*... Deixa-me portanto, pedir-te um favor. Tenho vivido sempre só: ha muito tempo que nem uma só palavra de amor sôa em meus ouvidos; e este isolamento, e esta solidade dilacera-me o coração! Tenho inveja ao pae, que pôde acariciar seus filhos; tenho inveja aos que morrem no seio de sua familia... Consente, pois, que uma vez ao menos, te estreite contra meu peito, que beije tua fronte...; e promette-me, que, quando eu morrer, rogarás a Deus por mim.

A joven lançou-se nos braços do tio Pedro; *¿é que ella tambem necessitava de amor!*

O ancião apertou-a contra o peito com uma ternura infinita: duas lagrimas ardentes rolaram por suas rugadas faces e foram perder-se entre as dobradas madeixas da joven.

— *¡Angela!* filha de meu coração, abençoada tu sejas!, bradou o velho, cobrindo de beijos aquelles lustrosos e finos cabellos.

Depois affastou-a de si suavemente, e, contemplando-a com adoração, accrescentou:

— Adeus: até de hoje a tres dias.

E ambos tornaram a emprehender o caminho da aldeia, levando aquella um mundo de esperanças no coração; este o pensamento embebido na cogitação dos meios, que devia empregar na realisação de sua promessa.

(Continúa)

Reproduzindo a poesia, que se segue, do Ex.^{mo} Sr. Antonio Luiz de Seabra, enriquecemos as columnas d'este jornal com mais uma prova do incontestavel merecimento do illustre juriconsulto. O insigne traductor de Horacio ahi se patenteia com todas as galas do seu genio. Quando lhe fallessem os encomios e a gloria dos seus trabalhos de jurisprudencia, restavam-lhe os dotes innegaveis de poeta e litterato, para o classificarem entre os primeiros dos nossos escriptores. A. A.

À Sa Magesté le Roi des Pays-Bas, Prince d'Orange-Nassau, Grand Duc de Luxembourg, etc. etc. etc.

- Qu'il vive, que son règne et célèbre et paisible
- Passe l'âge et l'éclat des régnes les plus beaux,
- Ainsi que sa sagesse et son cœur né sensible
- Surpassent les héros!

GRESSET.

«Oui, les Rois ici bas ce sont vraiment des Dieux,
Leur puissance et leurs droits sont émanés des Cieux:»
C'est ainsi qu'en dépit du même Ciel s'écrie,
Pour mieux nous enchaîner, la noire hypocrisie.

Faudra-t-il, donc, placer dans ce rang révérend
Les monstres, que l'enfer en courroux effréné,
Sur ce monde a vomis, comme une lave brûlante
Qui porte dans son cours la mort et l'épouvante?
N'a-t-il donc, l'hypocrite, en son cœur éméché
Aux Néron de tous temps un seul moment songé?
Ou bien désirait-il rayer de la mémoire
Les horribles tableaux, que présente l'histoire?
Peut-il donc ne point voir ce que fait maintenant
Ce Néron de nos jours, tigre de l'Occident?
Ce prince abâtardi, qui tout rongé de rage,
Bien plus féroce encor que l'animal sauvage,
N'est jamais rassasié du sang qu'il fait couler?
Est-ce le bras de Dieu?... Faut-il toujours aimer
Ce monstre, qui fonda sa puissance usurpée
En trahissant la foi au monde, aux cieux jurée?
S'il faut chercher un titre à son pouvoir fatal
Interrogez l'enfer, et le génie du mal.

Du sein du Créateur, d'un Dieu bon par essence,
Ne dérivent que bien, vertu, et bienfaisance.
Qu'il serait beau le Roi comme un Dieu façonné!
Par ses traits immortels je l'aurais diviné:
Je serais attiré sous son obéissance
Par l'éclat des vertus, que le renom devance:
Dans ses touchants regards, rayonnant de bonté,
Dans ses mots, dans ses faits... luirait la Déesse...
On verrait ce flambeau, dont la source infinie
Sur nous verse à grands flots la lumière, et la vie;
Qui rejouit nos cœurs du charme des beaux jours,
Qui jamais ne fait mal, et fait le bien toujours.

Tels ont été les Rois de l'heureuse contrée
(Bien heureuse autrefois!) par le Tage arrosée:
Lors Pères attentifs, et non cruels tyrans,
Ils faisaient le bonheur de leurs chers enfants:
On les voyait en deuil regretter la journée,
Qui par quelque bienfait n'était pas signalée.

Tels étaient autrefois les Sanchos, les Dinis
Au milieu des sujets, qu'ils ont toujours chéris:
Tel je vous vois aussi, magnanime GUILLAUME,
Père entouré d'enfants au sein de ce royaume:
Dédaignant le fardeau d'insolent appareil,
Il vous plaît d'être grand par votre seul éclat;
Vous rejetez l'excès d'une pompe fatale
Qu'un autre au prix des pleurs avec orgueil étale.
Le grand ou le petit vous aborde à son gré,
Trouvant l'homme au-dessous du manteau révérend.
L'intrigue, en échouant, éperdue, sans ressource,

S'étonne de ce bras qui l'arrête en sa course.
Et toi, mon chère Pays!... déchirant souvenir!
Je t'ai perdu, peut-être, et pour tout l'avenir!!
Mon Roi!?... Qui sera-t-il? Du même trait frappée
La Reine sans sujets, sans Couronne, humiliée,
Ne sait point mieux que moi les pièges, que le sort
En silence lui tend en faveur du plus fort...
Du plus fort?... (C'est ainsi qu'on fonde la justice),
Mais la ruse aujourd'hui triomphe dans la lice.
Rien ne peut étonner; le monde va son train,
Il faut donc revêtir d'un ferme, et triple airain
Les cœurs, qu'à l'infortune a voués la vertu:
Pussions nous dire au moins, l'honneur n'est pas
perdu.

Et vous Prince immortel, marchez ferme en avant:
Être utile aux humains c'est votre vrai talent.
C'est ainsi que les Rois, des Dieux seront l'image:
Eh bien! Vous le serez; acceptez mon hommage!
Enfin s'il en est fait de la Patrie pour moi,
Je souhaite la votre, et vous serez mon ROI.

Ostende 1830

A. LUIZ DE SEABRA

FUGIU...

E fugiu-me, ai de mim!... eis-me hoje ainda,
Ainda outra vez só... que em dor immerso,
Fugaz vejo luzir sempre a esperança!

E ao enconral-a tão bella
Entreguei-lhe o coração;
E quem poderá assim vel-a,
Tão pura, luzente estrella,
Sem se perder?... Oh! eu não...

Pobre louco... o meu passado
Nem pode lembrar-m'o a dor;
Em grato sonho enganado,
Do meu soffrer deslembado,
Inda acreditei no amor.

Podia eu crer mentirosa
Quem tanta belleza tem?...
Podia, sim, que uma rosa,
A mais tenra, a mais formosa,
Ha de espinhos ter também...

Inda ha pouco, meu Deus, bem novo ainda
Amei uma mulher, julguei-a um anjo;
Meu pobre coração todo innocente
Aos pés lh'o fui depôr... calçou-m'o e riu-se...

Foi depois, que só comigo,
Se descobri um abrigo,
Foi no pranto, que chorei;
Foram lagrimas o amigo,
Que em minha dor encontrei...

E que noites de amargura,
Que resentida tristura,

Que máguas soffri então!
Oh! que vida acerba e dura
Consumiu meu coração!

E chorei, e chorei tanto
N'esse martyrio tão sancto,
Que o fado me deu por lei,
Que por fim do proprio pranto
A vasta fonte esgotei.

Sem gosto, sem prazer, perdida a crença,
A morte ao céu pedi, tentei matar-me...
Mas tão novo, meu Deus!... morrer tão novo!...
Tive medo... vivi... vivi... mas triste,
A cruz do meu soffrer doce era ainda...
Eras tu, eras tu, candida rosa,
Que fascinar-me havias com teu brilho,
Tua graça gentil e meiga e doce,
E formosura a mais viçosa e linda,
Occultando traidora átros espinhos,
Que haviam de rasgar-me, indo colher-te!...

Encontrei-te, mulher, vil, despresada,
E amei-te mesmo assim; dei-te a pureza
Do meu primeiro amor, e cri-te pura,
Na dor, no coração, na essencia d'alma...
Ai! não sabes, mulher, saber não podes
O quanto já te amei perdido, e louco...
E tu riste de mim; sem dó, sem pejo,
Fingiste o terno amor, com que pagavas
O meu tão terno amor; fingiste as lagrimas,
Que tantas, tantas vezes de teus olhos
Correndo amargas vi, quando ao tentares
Medir o torpe abysmo, onde manchado
Te fôra o corpo só, que puro e casto
Tambem teu coração, mulher, fingias!

E então chorei por ti; cri-te innocente,
E dei-te o meu amor; dava-te a vida
Se a pedisses tambem; antes quizeste
Aos teus encantos mil ver-me atrelado
E rires-te depois do pobre louco,
Que illudiste sem dó... ai! vil, infame,
Se a cada beijo teu pudesse dar-te
Montões d'ouro, talvez... talvez vendesses
O teu candido amor...

Mas fugiu-me o sol da vida,
Por que me guiava só;
Hoje a sua luz querida
Jaz de todo amortecida,
Deixou-me em trevas sem dó.

Ai! este mar tormentoso.
Que vejo inda ante mim,
Este mar tão perigoso
Como o hei de eu, triste é sem gozo,
Como o hei de eu passar por fim?

Luctarei, sim; mas, vencido,
Sem rumo ter, sem ter luz,
Hei de naufragar perdido,

E eis, mulher, o fim querido
Das esperanças, que em ti puz!

E fugiste, ai de mim!... deixaste morto
Meu pobre coração... oh! mas, embora,
A dor... eu t'a perdôo, e se algum dia
Abandonada e só inda te achares,
Ai! não te esqueças, não, do amor ardente,
Que escarneceste já... corre a meus braços,
Que eu não te fugirei, que inda hei de amar-te.

1857

A. V. DE LOUREIRO

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa do atrazo d'este numero, que, devendo ser sujeito á revisão da Imprensa da Universidade; e achando-se o respectivo empregado impedido por motivo de serviço publico,—só hoje poude sair dos prélos.

Agradecemos o offerecimento que o Ex.^{mo} Sr. Dr. A. A. da Costa Simões nos fez de dois exemplares das obras, que em seguida annunciámos; e posto que, por falta de tempo, as não tenhâmos lido ainda, estamos certos de que ellas corresponderão em tudo ao subido apreço em que todos têm tão distincto escriptor.

V. DA SILVEIRA

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

TOPOGRAPHIA medica das *Cinco-villas e Arega*, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maçãs de D. Maria — em 1848, com o respectivo mappa topographico e carta geologica — por A. A. da Costa Simões. — Coimbra, 1860. — Preço — 600 réis.

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO: Apontamentos sobre a historia, melhoramentos, e administração d'estes banhos, com duas estampas do edificio — pelo mesmo Auctor. — Coimbra, 1859. Preço — 480 réis.

Vendem-se em Coimbra nas lojas dos srs. Mesquita, Orcl, e Posselius.

1.^o volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Preludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume — Preço 1\$600 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez — 120 réis		Avulso — 40 réis.	

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

ADVERTENCIA

Com bastante sentimento nosso--prevenimos os Srs. assignantes, que, até o fim do corrente mez de Março, não tiverem satisfeito ainda o preço de suas assignaturas, de que lhes suspenderemos a remessa de nosso jornal; certificando-lhes, porém, de que não é por desconfiança que procedemos d'este modo; mas sim por nos ser impossível continuar a fazer despesas, com que já de ha muito não podemos.

V. DA SILVEIRA

LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 6, tomo II.

VII

Como essas cidras maravilhosas da fabula, que, rudes na fôrma e ingratas ao paladar, em si continham porém tanta formosura, tanta materia de bem para o mortal feliz a quem dado fosse o abril-as, como ellas é tambem rude e aspera a agricultura na fôrma e pouco promettedora de prodigios.

Mas para quem bem a essencia lhe fôr especular, para quem, com entranhavel amor a cultivar, para quem, com mãos prodigas lhe souber dar afagos e carinhos, para esse, similhante á cidra fabulosa, tem ella um seio rico de muito affecto, de muita materia de felicidade e belleza, para esse, será ella sempre a amante extremosa, a mãe procreadora de prodigios sem conto.

Qual ha, porém, vara magica de fada, que—tocando-a—a chame á vida, a faça abrir ao sorriso e ao amor, lhe dê que do seio amigo brotem todas essas flôres de ventura, que lhe sabemos e ella nos promete, mas que sem estranho auxilio não podem desabrochar nem medrar?

Eis ahí o problema: mas eis tambem no livro a resolução, a vara de mago condão, a panacêa

Março—1860

universal para os males, sob que geme esta boa terra de Portugal.

VIII

É a associação mãe de taes prodigios, de tantos beneficios, fonte perenne e inexgotavel, que apregoar-lhe valor e necessidade, além de desnecessario, fôra loucura quasi rematada.

Com effeito, hoje, á luz do seculo XIX, quando é orgulho e timbre de toda a sciencia o prescruitar bem fundo a alma, a intelligencia e o corpo humano, procurando ahí todas as leis da sua natureza, para n'ellas—e só n'ellas—se estribarem theorias e instituições, hoje desatino seria buscar ainda provas para aquillo, que d'ellas menos carece, sendo que a sociabilidade é, de todas as leis naturaes, aquella que mais exuberantemente demonstram as theorias da sciencia, e a mais que todas inexoravel e severa logica dos factos.

A muitas d'estas leis pôde desobedecer o homem, contra outras se pôde totalmente revoltar, mas contra esta, por sem dúvida o tenho, seria tal attentado, que assento jámais poderá realisar-se.

Subtrahi os homens—um só momento que seja—ao seu influxo benefico, e para logo os vereis amesquinhar-se, quando não desapparecer da face da terra.

Condição primaria de sua existencia e progresso, ha de com elle mais e mais desinvolver-se, que não ha ahí decreto de rei da terra—fôra elle Cesar ou Napoleão—que ouse derrogar o decreto do Eterno!...

IX

É pois a associação o cumprimento d'uma lei natural.

Na progressiva evolução d'essa lei e a par d'ella, vejo eu caminhar a humanidade; desinvolver-se, se se ella cumpre; estacar, se pára; definhar, se esmorece; seguindo-a sempre e resentindo-se de suas menores alterações.

E é de razão, porque, a ser o fim do homem na terra o desinvolvimento de suas facultades,

VOLUME II

N.º 8

que outra ha mais nobre e importante; que mais influa em seus destinos, que esta lei da sociabilidade?

Por ella se póde aferir o gráu de civilisação d'este ou d'est'outro povo, porque ahi aonde mais o homem se estreitar com o homem, aonde mais de um irmão se ajudar o outro irmão, ahi tambem mais o espirito tenderá a elevar-se — e de feito se ha de elevar — elevação que toda se desata em muita sciencia, muito bem e muita ventura.

Reconhecidos estes principios, reconhecidos — quasi direi — demasiadamente, houve quem d'elles se possuisse a ponto de n'elles querer basear todo um systema de organisação social.

Desvairou-os o amor d'um principio, o conhecimento d'uma lei natural, por ventura a ignorancia de muitas outras; e, encarando o homem por lado restricto, quizeram o desinvolvimento d'uma faculdade á custa das outras todas.

Não quer isto porém a harmonia, essa outra lei de Deus, que tem de presidir — como revelando-o — a toda a creação.

É mistér que a todas as faculdades seja dado um maximo desinvolvimento: mas é mistér tambem que cada uma, ao alargar a sua esphera, não vá calcar outras, a quem egual direito assiste.

x

Porque é lei da natureza humana a liberdade, porque deve o homem responder por suas acções, não quer a boa justiça, não quer a boa razão, que á força — que não com a arma da persuasão — se lhe imponha o cumprimento d'uma obrigação qualquer, fóra ella tão sancta, tão prescripta por Deus, tão filha da natureza do mesmo homem como esta da sociabilidade.

Assim, é com a liberdade e só pela liberdade, que tem de se effectuar este grande pensamento da associação, este grande abraço que, obedecendo ás leis do proprio sêr, tem de — no futuro — dar homens e povos, estreitando cada vez mais os laços que os unem, e centuplicando forças, sympathias e vida.

Problema longo tempo agitado, dá-lhe hoje a sciencia cabal resolução. Desde que esta, desprezando theorias incertas e imaginosas, foi buscar como base de seu estudo, para ahi fazer alicerce seguro aos principios que tinha de formular, a natureza do sêr, a quem todos tinham de ser applicados; desde essa occasião ganha estava a causa da liberdade.

Podem offerecer-se-lhe mil estorvos, levantar-se contra ella as maiores tormentas, que ella, através de tudo, lá ha de ir sempre seguindo seu caminho, ganhando o terreno palmo a palmo sôbre os seus adversarios, e libertando o homem cada vez mais do jugo da miseria, da escravidão e do em-brutecimento.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

DO CELIBATO ECCLESIASTICO

Réclamer le mariage des prêtres — dit Chauffour-Kestner — c'était substituer la sainteté d'un lien perpétuel, d'une foi réciproque à l'immoralité de ces unions passagères. C'était relever la première et la plus sacrée des institutions sociales, le mariage, de cette sorte de dégradation que lui infligeait une doctrine contre nature: au lieu de ces femmes perdues, de ces enfants abandonnés, c'était entourer le prêtre du lien le plus solide de la moralité humaine: une famille.

Comtesse Dora d'Istria, la suisse allemande.

— O matrimonio é a sanctificação do amor; d'esse affecto, arreigado n'alma pela mulher e que, eminentemente mundano, como é, não póde consentir na verdadeira e devida elevação da alma para o Creador, impedindo assim esse commercio continuado do espirito do sacerdote com o divino espirito... essa transformação do todo o seu ser n'um ser sobremundano, celestial, e despedido de toda a affeição terrena.

Tal é o modo de pensar dos que consideram o celibato ecclesiastico como necessario á boa administração da igreja, d'esses que com Hildebrand votam o ministro do culto á solidão no peregrinar da vida e ao isolamento nas atribulações do corpo; — porque, segundo elles, só assim o seu espirito, despojado de toda a consideração terrestre, o repassará até ao íntimo d'essa evangelica emoção, que deve um dia ir levar confôrto ás almas soffredoras de seus filhos espirituaes?...

Estas ideias seriam eminentemente philosophicas, se no ministro de Deus se podesse primeiro destruir... aniquilar a natureza humana!... se do templo á porta corresse o esquecimento do passado... se desdobrasse um veu sôbre o presente e o facho de porvindouras esperanças, se extinguisse alli!...

Antes de contemplardes o ecclesiastico á luz da philosophia ascetica e espiritual, contemplae-o um pouco aos olhos da natureza!...

Esse ente, cuja existencia social vós debalde pretendeis aniquilar, esse ente a quem vós fizestes abjurar os mais doces attributos do homem, que solemne juramento proferiu?... Desprender-se do mundo?!

Tal valêra o mesmo que exigir, que o sol se desprendesse da sua orbita, ou que as estrellas se despegassem do manto azul do firmamento!... Tal valêra o acceitar o juramento do que votasse andar com os olhos abertos e não ver, ou com os ouvidos desimpedidos e não ouvir!... equivalêra a jurar o impossivel... e que o padre, impedido por força superior, não cumpriu nunca, não cumprir nem jámais ha de cumprir!...

Destruir no homem a natureza humana fóra tão impossivel como aniquilar em Deus a natureza divina! E, quando o Filho do Eterno, tomando a compleição humana, se resentia da sua essencia celeste, quem póde admirar que o filho

de Adão, pretendendo assumir a indole divina, se resinta sempre e muito da sua origem peccaminosa e mundana?!...

Se a humanação de Deus foi um prodigio, a deificação do homem é um impossivel!...

Colocado pois o ministro da religião no mundo, sem poder despir os miseros andrajos da humana condição, que a elle o ligam, como cumprir dignamente os altos deveres da sua missão sagrada, se as relações da carne são obstaculo ao desempenho de tão augustos misteres?... Será fazendo á divindade o holocausto da mais nobre parte da sua natureza humana?... será abjurando á mais nobre das suas faculdades como homem, á similhaça dos ministros de Apis, ou das sacerdotisas de Vesta?...

E ainda que no ministro do culto se lograsse atrophiar a natureza humana, ainda que uma vontade tenaz chegasse, ás vezes, a dominar as exigencias corporeas, ainda assim poderia sempre o sacerdote cumprir o seu inutil juramento? poderia elle dizer ao coração que não sentisse... ao pensamento que não voasse?... não!... nunca!...

Emquanto uma só parcella material receber o sôpro da vida, emquanto o corpo não fôr cadaver e a alma espirito pairando livre nas regiões do espaço, o homem ha de sempre obedecer ás leis eternas e immutaveis da criação, que não consentem que os vôos do pensamento se suspendam... que os affectos do coração se paralizem!...

N'uma religião toda de amor e carinho, cujo codigo nos manda amar o proximo e consolar o afflicto, como poderá o sacerdote conhecer o balsamo, que tem de applicar á ferida sangrenta do coração que soffre, se a experiencia essa terrivel mas verdadeira mestra da vida, lh'o não tiver já ensinado a conhecer?... como poderá o celibatario, cujo coração é ermo de affectos, fazer vibrar n'outro coração, que soffre, as fibras de que melhor resulte a resignação consoladora da dôr que o dilacera?... como saberá elle... elle, que não guarda nem uma affeição pelas coisas da terra, consolar o marido a quem a morte de adoravel esposa lançou no desespero, ou afagar a dôr de um pae que acaba de perder em seu filho as suas mais ternas affeições?...

Fallar-lhes-ha do céu!... Mas a alma opprimida e anuviada, não pôde erguer o vôo que ha mistér para se elevar ás alturas do throno de Deus! a alma n'essa occasião precisa d'outro balmamo; quer escutar expressões de conforto e resignação, mas não d'essa resignação aspera e ascetica a que só o espirito claro e meditabundo pôde attingir: a dôr expansiva quer lagrimas e soluços; a serenidade glacial da philosophia aterra-a!... é porisso que a consolação do sacerdote é demasiado tibia para oppôr um dique á torrente impetuosa d'um infinito soffrer!... é porque este carece d'uma voz, repassada de unção evangelica sim, mas d'uma voz que lhe diga « eu tambem soffri » precisa d'umas lagrimas sinceras e verdadeiras, que se vão junctar ás suas lagrimas

verdadeiras e sinceras... e o sacerdote, que talvez quizer dar-lhe um pranto, que de bom grado levaria a consolação a este espirito alquebrado de dôr... o sacerdote debalde busca no seu peito um eccho d'aquelle padecer, que elle não comprehende... debalde pede aos olhos uma lagrima, que elles nunca verteram por emoção igual!... Porisso falar-lhe-ha do céu; mas se o céu não é surdo para escutar as atribulações do que soffre, ao menos o que soffre é surdo para escutar as consolações do céu!...

Jocelyn é um typo creado pelo espirito eminentemente religioso d'um poeta, cuja religião tem sôbre a terra um reflexo no excessivo amor que vota á familia!... Jocelyn no sacerdocio celibatario é um mytho!...

Effectivamente o amor da familia é um como microcosmo, onde a alma, intimamente ligada ao corpo no seu transitar mundano, vae receber a norma de todas as suaves affeições. Dizei ao rei que ame os seus vassallos como proprios filhos, e se o rei fôr celibatario, debalde tentará conhecer a magia do amor paterno!... Assim no amor da familia encontra o monarcha pois o prototipo da affeição de seus subditos, no amor da prole; e no da esposa a norma da affeição que deve á patria, sua esposa espiritual.

Tambem o pastor acharia assim nos affectos da familia a pedra de toque para os affectos, que deve ao seu rebanho espiritual, á sua esposa mystica, a igreja!... Sem isto debalde a imaginação tentará profundar os arcanos do paterno amor, ou dos carinhos conjugaes!...

Dizei-me embora que estas affeições mundanas lhe absorveriam todo o querer do coração, toda a elevação do espirito para o que é celestial e divino! Se com a paralyção de tão doces sentimentos se atrophiasse no ministro do evangelho toda a natureza terrena, então talvez a sua alma, desembaraçada dos corporaes enlances, podesse voar livre a abraçar-se só com o seu Deus, e fazer essa communhão espirital com os anjos, utopia a que aspiram os defensores do celibato! Mas a natureza humana não se atrophia, e o coração, ermo de todos os outros affectos, vae concentrar-se n'um só esteril e infructifero—o amor de si mesmo! Este, que fôrça alguma é capaz de arrancar do coração, este que ha de allí vigorar, porque não precisa de objecto exterior para se alimentar, este cresce e desinvolve-se tanto mais, quanto o peito é morto para toda outra affeição!... Mostra-me um homem que diga que não ama a ninguem no mundo, e esse homem ou será hypocrita ou egoista! ou mentirá ao mundo ou concentrará em si todas as affeições, que deve aos outros homens. E entre estes dois extremos só ha um meio!... meio mais terrivel ainda do que o solipsismo ou do que a mentira... é o scepticismo! O sceptico se não ama ninguem no mundo, tambem não ama nada no céu!...

(Continúa)

A. M. DA CUNHA BELLEM

O QUE FAZEM ROMANCES

D. Maria Carneiro era uma senhora de 23 annos, filha d'um antigo magistrado do tempo de D. Miguel. Seu pae vivia, desde o funesto desfecho da guerra da legitimidade, retirado em uma pequena terra de provincia, entretido ou a tractar da sua casa, forte em terras de vinho, ou a ler a *Nação*, unico periodico, de que era assignante, unico prisma por onde via as nossas cousas politicas.

Gervasio Carneiro jámais quizera sair do seu retiro, jámais quizera reaparecer no mundo, jámais se quizera sugeitar á nova fórma d'um governo, que abolira as sanctas associações dos conventos, eliminára as alçadas, prescrevêra os dizimos e abraçara as perniciosas maximas do progresso e liberdade.

Na sua justa indignação para com a sociedade, ingrata e perversa, tinha obrigado tambem sua filha a viver no mesmo exilio, em que elle mesmo vivia, e condemnára-a ao isolamento.

D. Maria porém parecia nascida para uma epocha nova; vivendo só, creára-se uma sociedade agradável nos livros, que lia sôfregamente, alcançados ás escondidas do pae, porque, sendo pela maior parte romances e litteratura, vinham todos no cathalogo dos livros prohibidos pela curia romana, e tinha-se de tal maneira embebido nas ideias, que n'elles encontrava, que, salvo mesmo o respeito devido ao caro author dos seus dias, ás vezes chegava até a pronunciar-se decidida e abertamente contra as suas theorias e doutrinas, entrando em questões de tal monta, que o velho magistrado terminava sempre por se benzer tres vezes e exclamar com voz sepulchral e saudosa:

— O que a gente hoje vê... *ó tempora, ó mores!*...

A regeneração de D. Maria não tinha sido só debaixo do ponto de vista politico e social; D. Maria regenerou-se completamente em tudo, até no vestuario. Deportou os antigos e elevados penes de tartaruga; queimou os classicos vestidos, que lhe deixára sua mãe, todos de manga afunilada e cinta por baixo dos braços; aboliu os sapatinhos em fórma de ferro de engomar com as suas fitas pretas enleadas em tórno a hem torneada perna, e em troca de tudo isto, vestiu o elegante vestido de folhos, tufou-se com o respeitavel e espherico balão, calçou a esbelta botinha de laços e elasticos, penteou-se com o cabello á poetica Stuart ou em ondeados *bandeaux* e trajou o artistico *shall-manta*, ou o airoso *casabec*.

Já se vê que estava completamente em dia com as modas.

D. Maria porém nunca tinha saído da sua pequena aldeia, nunca tinha tido relações senão com as bondosas irmãs do padre cura da freguezia, com o medico do lugar, e com alguma outra familia,

a distancia d'uma ou duas leguas. Alem dos chefes d'estas respeitaveis familias nunca tinha visto mesmo outros homens, nem jámais tinha passado alem das suas casas, quando dava um curto passeio, montada na sua mansa burrinha parda: no entanto parecia-lhe, que não se admiraria de coisa alguma em uma grande cidade, não sentiria acanhamento algum em um animado baile, nem se embaraçaria até em domar um fogoso ginete, em uma doudejante e fantastica corrida, perdidos ambos em um bosque, no meio d'uma tempestade, ella e o cavalheiro dos seus pensamentos, alto, magro, pallido, olhos rasgados e pretos, olhar sereno e triste, e maneiras altivas e nobres, cujo typo fôra achar em um dos romances, que lera ultimamente.

Muitas vezes dizia ella comsigo mesma:

— Vida... é isto o que se pôde chamar viver?!... Aqui ouço, é verdade, o terno cantar da saudosa philomela, contemplo o poetico pôr do sol, aspiro o doce perfume das flores no seu desabrochar, emballo-me com o brando ciciar da voluvel briza por entre a folhagem, ouço o suave murmurinho do placido regato por sôbre os seus alvos seixinhos; pôde porém a contemplação, a admiração até da natureza, com todas as suas eloquentes harmonias, fallar á alma sem que o coração tenha primeiro sido purificado, animado, vivificado por assim dizer, pelo bafejar d'esse sentimento intimo, indefinido em linguagem humana, a que chamam comtudo *amor*?... esse sentimento, que existe innato em nós, que só nos pôde dar a consciencia do nosso valor, da grandeza do creador, da perfeição da creatura, mas que só nos deve ser despertado pelo encontro d'essa outra alma talhada para a nossa alma, afinada pela nossa, creada para ella?... E poderei jámais encontrar aqui esse ente, essa metade de mim mesma, como o vejo nos meus sonhos, como o contemplo nos meus devaneios, como o comprehendo nas minhas meditações?... Ai! pobre de mim... quando me será dado sair d'este desterro... Paris... Paris... é lá que se vive... é lá que eu me quizera...

D. Maria repetia estes e similhantes queixumes todos os dias, empallidecia, definhava-se e augmentava até de mau humor para tudo e para todos; mas seu pae continuava implacavel e firme nas suas disposições, e emquanto ella, com as lagrimas nos olhos, pedia compaixão para a vida, que alli a consumia ou pintava as vantagens d'uma terra, como por exemplo Lisboa, elle, ou pensava em uma vinha que fôra mal podada, em uma terra, que não ficára sufficientemente estrumada, ou então em resposta citava-lhe um suberbo artigo de fundo do seu periodico favorito, em que bem se definia o que era a côrte, ou finalmente soltava uma gargalhada e dizia com tom ironico e motejador:

— A menina está doida... sabe lá o que é Lisboa, o que é a sociedade de agora?... E demais, que lhe falta aqui? A menina tem saude, graças a Deus; a menina não tem necessidade de cousa

alguma; a menina para os seus alfinetes tem tudo o que deseja; que mais quer?... Olhe menina, nunca tenha vontade de conhecer o mundo tal qual hoje é; antigamente, isso sim... mas hoje... Deus nos livre...

— Hoje, meu pae, tornava ella com voz humilde e chorosa: então hoje que tem?... Não estamos nós no seculo das luzes, não caminha a sociedade para o seu estado de perfectibilidade, não...

— Tá, tá, tá, isso tudo são patranhas; a menina não lê a *Nação*?... não vê todos os dias os escandalos, que tem de serem registrados no livro negro da historia?... antigamente respeitava-se a innocencia, a posição, os sentimentos, a honra... mas hoje... e o velho terminava por suspirar e murmurar muito baixinho — *ó tempora, ó mores!*

D. Maria continuava pois a viver na sua quinta do Carvalhinho, e a vida continuava-lhe a mesma, aborrecida, cheia de desejos e torturas insaciáveis, em quanto para aquelle inexoravel pae se seguiam as mesmas distrações e entretida lida campestre, terminada sempre pela costumada partida de voltarete ou renhida sueca, quando ao cura e medico se junctava tambem o pharmaceutico do logar.

Mas em que tempo era isto, em que terra estamos nós?... pergunta o leitor, sempre critico inexoravel, depois de ter adivinhado, o que não era muito difficil pelo vestuario, com que a sr.^a D. Maria Carneiro se vestiu, estar-mos proximos da actualidade, mas impacientado por ter cansado já a vista em procurar no seu mappa de Portugal o descobrimento d'alguma terra nova com o nome de Quinta do Carvalhinho.

Chegando a este ponto seja-me licita uma declaração: nunca fui historiador nem pretendi fazer romances. Ouvi esta historia á propria heroína d'ella, a sr.^a D. Maria; principiei a escrevel-a, mas sem a necessaria authorisação; commetti uma falta irreparavel; de mais a mais comecei a revelar-a sem ao menos mudar os nomes dos seu actores, falta agravada ainda; o unico meio, de que agora posso lançar mão para atenuar o meu delicto e indiscripção, já que o leitor, com toda a razão, me não dispensa do seu fim por o interesse que de certo terá tomado com o principio, é conservar-me em meio nas minhas revelações á cerca da localidade e epocha, em que ella se passou, e terminar, pedindo aos mais exigentes, que soponham a comecei no theor seguinte, o mais classico e abalisado, que até hoje se tem conhecido:

— Corria o anno de 183... e na risonha aldeia de... concelho de... vivia na sua quinta do Carvalhinho sr. Gervasio Carneiro, ditoso progenitor dos dias da sr.^a D. Maria Carneiro, que etc., etc... e posta esta solemne declaração substitua o leitor, se quizer, os *pontinhos* por os nomes, que primeiro lhe lembrarem, que eu continuarei.

Se me não engano, tinha-mos deixado D. Maria a queixar-se da sua sorte; pois apezar d'essas queixas, apezar da sua logica, apezar até das suas

lagrimas, seu insensivel pae não se movia a deixar a quinta do Carvalhinho pela animada e ruidosa vida da côrte.

N'esse continuo esperar e desesperar a pobre senhora via as côres desertarem-lhe das faces, apparecer-lhe cada dia mais enegrecido e profundo o traço desenhado sob as palpebras inferiores, o corpo adelgaçar-se-lhe mais, as forças diminuírem-se-lhe, mas seu pae continuava a ver sempre Lisboa através d'uma athmosphera de odios politicos, e o estado de deterioração da saude phisica de sua filha através do perfeito estado da sua e da uniformidade e descanço d'aquella vida campestre, da qual as queixas da menina tinham feito uma parte tão integrante e indispensavel como é para muita gente a chavena do café depois de jantar, e era mesmo para o antigo magistrado de D. Miguel o passeio matutino em volta dos seus campos, vinhas e oliveas.

Ella chorava, martyrisava-se e dizia no meio da sua dôr:

— Infeliz!... que farás tu em se te esgotando a fonte dos prantos?... Ah! echos da solidão, que tantas, tantas vezes tenho acordado com as minhas sentidas queixas; mal dormidas noites, que tão repetidos tendes ouvido os meus desejos; vergeis risonhos, que tantas vezes tenho regado com minhas nunca enxutas lagrimas; sois vós, que podeis contar e attestar a vida que arrasto aqui... Ai de mim!... só uma sentença do céu, só um decreto da Providencia poderá demover meu pae a arrancar-me d'este isolamento, aonde morrerei á mingua de sentimento, qual a florinha delicada, nascida d'entre as areias ardentes do deserto, morre definhada e murcha á mingua d'uma sêde de agua, que a amime e refresque...

Parece por fim que a Providencia dignou-se, nos seus altos e impenetraveis designios, ter compaixão d'ella. Um dia seu pae, ao receber do correio a *Nação*, encontrou juncto com ella uma carta, fechada com obreia preta, de dimensões respeitaveis, e com um longo e distincto sobrescripto.

Pegou d'aquella epistola inesperada, tomou-lhe o péso e não viu cousa alguma; não admira porque ainda não tinha posto a redonda e avantajada luneta. Mal porém a assestou ao olho direito, o digno magistrado, ao conhecer a lettra do sobrescripto, deixou cair para o lado o periodico, as pernas vacillaram-lhe, as mãos tremeram-lhe, os cabellos arripiaram-se-lhe, as côres fugiram-lhe e deixou-se elle mesmo cair em uma cadeira, que por felicidade não estava muito longe.

Abriu assustado aquella terrivel carta, que tinha vindo, por assim dizer, fazer-lhe nascer um presagio horrivel de desgraça proxima, ou acordar-lhe um remorso de ha muito adormecido, e no meio da sua convulsão leu-a apressadamente.

Ao passo que ia aproximando-se do fim, as faces iam-lhe passando por todas as gradações, desde a côr desmaiada da melancia verde, até a viva e e animada côr do medronho em perfeito estado

de maturação. Chegando á ultima palavra d'ella, as lagrimas tahiã-lhe a quatro e quatro, exclamava enternecido e entrecortado pelos soluços:

— Coitada... pobre Jacinta .. não te amaldiçoarei no teu leito da morte, não... ao arrependimento segue-se o perdão, e depois *parce sepul-tis*... Maria... minha filha; tracta de te apromptares; amanhã partiremos para Lisboa...

— Para?... perguntou a pobre, como duvidando, do que ouvia; para...

— Para Lisboa, sim... para Lisboa; quero que recebas a benção final de tua tia...

— Minha tia... continuou ella, cada vez mais admirada por nunca lhe ter constado tal parentesco.

— Sim, tua tia... a minha pobre Jacinta... a minha desgraçada irmã... Eu já te conto tudo.

E enquanto o sr. Gervasio acaba de limpar os olhos e passa por a vista, para não faltar aos seus sanctos costumes, o periodico, desprezado um momento, e sua filha tenta adivinhar o lance dramatico que espera eminente, descansemos tambem nós, eu e tu amavel leitor, que no capitulo seguinte continuarei com a minha narração, para a qual espero a mesma evangelica paciencia, que até agora me tens mostrado.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.^a D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 7, tom. II

N'uma das salas mais commodas e mais bem decoradas do palacio do marquez, achava-se este indolentemente recostado n'uma larga e estofada cadeira de braços, contemplando com melancolia as chammãs d'algumas achas, que ardiam na chaminé: o pobre ancião estava só.

Era a hora do crepusculo; e os ultimos raios da luz da tarde penetravam apenas n'aquella estancia, através das largas cortinas de seda, que lhe guarneciam as janellas.

As ultimas flôres do outomno, graciosamente dispostas em grandes e formosas jarras da china, ostentavam alli suas amarelhadas côres; um magnifico relógio adornava a mesa, sôbre que se achavam collocados dois primorosos candelabros de bronze; excellentes quadros, enriquecidos de douradas molduras, cobriam as paredes; e um elegante sofá de damasco azul, e uma duzia de cadeiras do mesmo estôfo, completavam a mobilia d'aquelle aposento.

O marquez havia deixado cair a seus pés um livro, seu companheiro em tão pungente soledade; e parecia absorto em profundas reflexões, quando

d'ellas foi tirado subitamente por um estranho ruido, que acabava de produzir-se na sala visinha.

Era a voz de seu criado de quarto, que se oppunha á passagem d'um homem, que obstinadamente pretendia entrar na sala, em que se achava o marquez.

— Julião, Julião! ¿que significa esse barulho?

— Senhor, respondeu Julião apparecendo, é o tio Pedro, que procura falar a v. ex.^a; e eu não julgo...

— Deixa-o entrar: é um bom homem; quererá pedir-me alguma esmola; e por cousa nenhuma d'este mundo recusaria eu o consôlo a um infeliz.

O criado levantou immediatamente a larga cortina de seda, que interceptava a passagem ao mendigo, e desapareceu murmurando, e sem que seus passos se sentissem sôbre o macio tapete, que cobria o pavimento.

O tio Pedro achou-se finalmente diante do marquez; mas parecia tão perturbado, que este, comprehendendo todo seu embaraço, lhe disse com doçura:

— Vamos, falai: ¿tendes alguma cousa a pedir-me?

— Senhor marquez, respondeu o mendigo, nossa conversação será longa; e portanto quizera que v. ex.^a ordenasse, que ninguem venha interromper-nos; e que me permitisse sentar-me; pois que minhas velhas pernas não consentem, que eu esteja por muito tempo de pé.

O marquez, um pouco confundido com aquelle inesperado exordio, levantou-se; e, cedendo aos desejos do mendigo, foi elle mesmo fechar a porta da sala; e offerecendo-lhe depois uma cadeira, dispoz-se a ouvir o que aquelle homem tinha para dizer-lhe.

Depois d'alguns momentos de hesitação o tio Pedro começou, com voz um pouco trémula, a falar do seguinte modo:

— Ha alguns annos que vivia na aldeia de.... um rendeiro do pae de v. ex.^a, que possuia n'aquelles sitios um grande numero de terras. Toda sua felicidade, toda sua esperanza a punha elle n'uma filha, que o céu lhe havia concedido. Magdalena era formosa e boa como um serafim: em toda a aldeia não se encontrava uma rapariga, que se lhe assimilhasse; enquanto que seu pae, se julgava o mais feliz, vendo de dia para dia crescer sua filha.

Vosso pae, senhor marquez, que era querido e respeitado em toda a aldeia, foi um dia ver suas propriedades, acompanhado de vosso irmão mais velho, que tinha então 26 annos: o prazer d'aquelles pobres aldeões não teve limites, quando viram no meio d'elles seu senhor.

Todos á porfia enfeitaram suas humildes casas, para offerecer-lhe uma conveniente hospitalidade; porém o pae de Magdalena foi o mais feliz de seus companheiros, pois que o senhor marquez preferia a sua, e n'ella se instalou.

Pouco tempo alli permaneceu; porém vosso ir-